

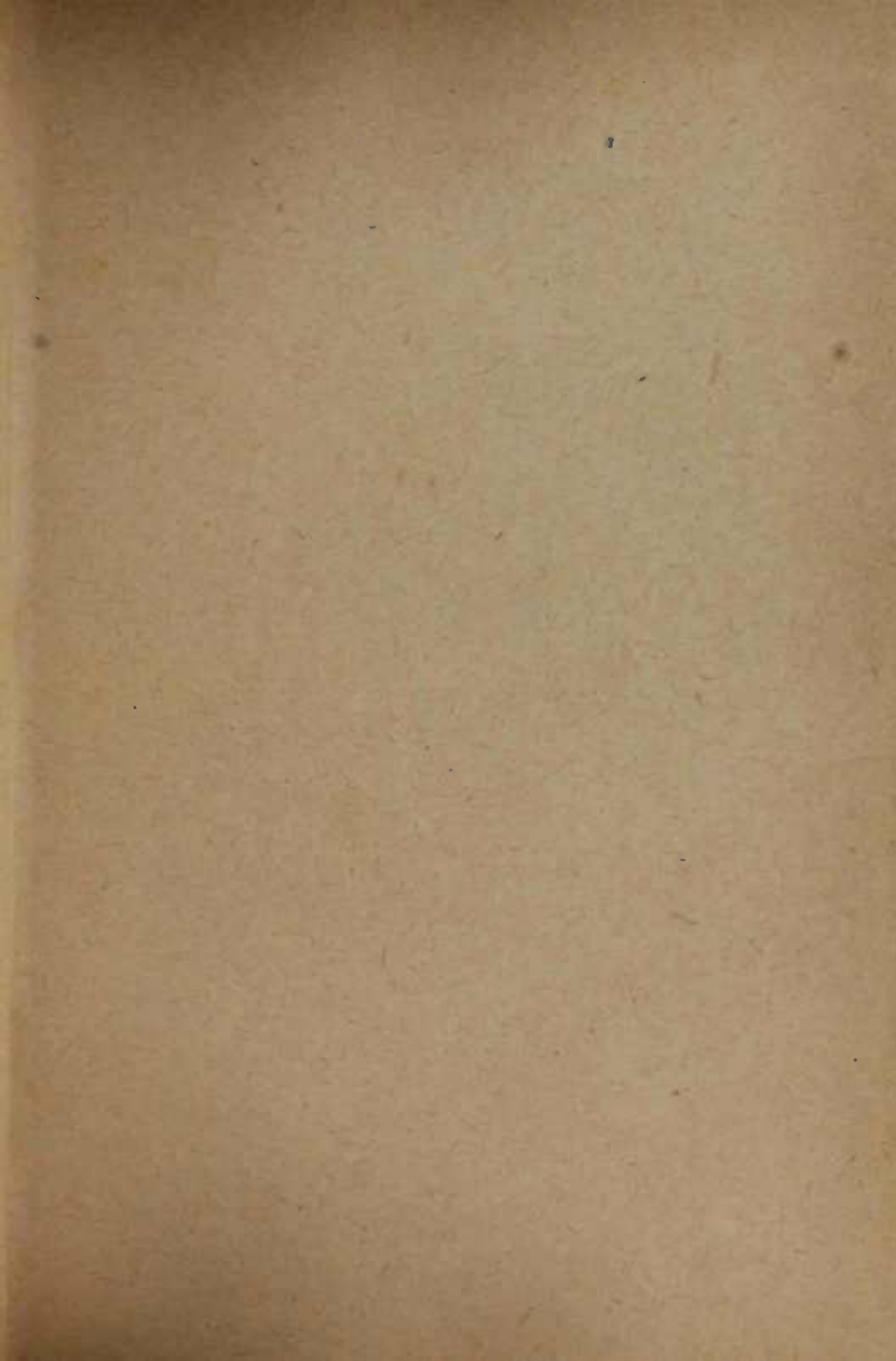


Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# OUTROS ESTUDOS

DE

## LITTERATURA CONTEMPORANEA

POR

SÝLVIO ROMÉRO

*(Da Academia Brasileira)*



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA «A EDITORA»

LARGO DO CONDE BARÃO, 50

1906



---

**OUTROS ESTUDOS**  
DE  
LITTERATURA CONTEMPORANEA

---





# OUTROS ESTUDOS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA

POR

*SYLVIO ROMERO*

(Da Academia Brasileira)



LISBOA

—  
TYPOGRAPHIA DA «A EDITORA»

*Largo do Conde Barão, 50*

—  
1905



*Aos meus amigos:*

*Arthur Guimarães,*

*Augusto Franco,*

*Chrysanto de Brito.*



# Outros Estudos de Litteratura Contemporanea

---

## I

### Poesias Completas

(Por Machado de Assis)

Foi um motivo de festas entre os admiradores do sr. Machado de Assis o apparecimento de suas poesias completas num bello volume nitidamente impresso. O illustre vate fluminense é hoje incontestavelmente a mais alta figura, o mais afamado representante de nossa litteratura. Dos escriptores vivos é o mais celebrado e, ainda contando os mortos, elle é um dos nomes mais queridos do mundo do pensamento brasileiro.

Para mim, que lhe faço varias restricções á nomeada, por motivos longamente expostos em livro especial ali corrente, o celebre escriptor não é tudo quanto d'elle tem dito a musa da admiração; mas, mesmo assim, a meus proprios olhos é um typo notavel por mais dum titulo.

O poeta nelle se me afigura muito inferior ao romancista e neste ultimo avulta sob a minha visão o observador psychologo e não o philosopho pessimista ou o rebuscado humorista que dizem lhe andar alliado.

Feitas taes reduções, ainda o sr. Machado de Assis fica sendo um distinctissimo homem de let-

tras, como um dos chefes da novellistica brasileira e como um dos mestres do estylo entre nós.

Se fosse possível applicar-lhe o methodo de critica preconizado por Hennequin, consistente em apreciar o valor de um escriptor, não pelos processos de sua formação, e sim pelo numero e qualidade dos leitores por elle influenciados, não seria difficil provar não ser a fama do auctor das *Phalenas*, nos Estados brasileiros em geral, por demais extensa, como de mais extensa não é ella entre o maior numero dos leitores fluminenses.

A vasta obra de exaggeração de seu merecimento real tem sido um trabalho produzido por certo grupo de retirantes litterarios que nos derradeiros tres decenios têm vindo, de varios pontos do paiz, a estas plagas tentar fortuna.

Elles é que, por diplomatica habilidade, levantaram sobre os hombros o inegualavel merito, o incalculavel valor do mestre, no intuito, consciente ou inconsciente, de aproveitarem tambem o brilho de alguns dos raios do grande astro. E' uma acção reflexa da psychologia dos grupos, hoje perfeitamente tirada a limpo pelos competentes.

Como quer que seja, porém, a idéa de enfeixar num todo, num só volume, aliás pouco avultado, as quatro collecções destacadas das poesias do auctor, longe de lhe ser proveitosa, foi-lhe talvez prejudicial.

Dest'arte mais facilmente e, por assim dizer, em flagrante se tem a prova da pouca variedade de suas tintas, da pequena riqueza de seu vocabulario, da pouca nitidez de sua paizagem, dos poucos limites de sua imaginativa, do pouco ardor de sua emotividade, dos poucos recursos de seu éstro em summa.

Deixando de ladó o que diz respeito ás *Chrysa-*

*lidas*, ás *Phalenas* e ás *Americanas*. pois já dellas disse algures, peço licença para deter o meu leitor diante da ultima parté do livro — as *Occidentaes*.

Se não é licito dizer haver o poeta retrogradado, quem quizer ser justo e verdadeiro não poderá negar que, em compensação, elle não progrediu: é sempre o mesmo tom, a mesma falha de emoção, os mesmos processos, os mesmos *tics*, tudo realçado pela mesma e geral correcção da fórma.

Por isso, as melhores peças da collecção são as traduzidas: *O Corvo*, de Edgar Pöe, apesar de seus quarenta e sete *ques*; *O Canto XXI do Purgatorio*, de Dante, a despeito de quarenta e seis *idens*; *Os animaes iscados de peste*, de La Fontaine, máo grado, dezoito *idens*; *To be or not to be*, de Shakespeare, não obstante sete *idens*.

Falo nisto, entre parenthesis, por ser o poeta proclamado um dos mais correctos senão o mais correcto do Brasil, e não seria muito exigir d'elle um uso mais moderado daquella particula.

Em Machado de Assis nota-se verdadeiro desperdicio no caso. Ha em seus romances pequenos capitulos de dez e doze linhas com seis e oito *ques*.

Igual defeito nota-se nas poesias. Nas *Occidentaes*, por exemplo, *Mundo interior*, em quatorze versos, tem oito; *A Mosca Azul*, em deseseis quadras, dezoito: os vinte e quatro versos dedicados a Victor Hugo (pag. 325) onze; *Perguntas sem resposta*, em dezeseite quadras, dezeseis, e assim por deante.

No livro por mim consagrado ao illustre auctor de *Braz Cubas* procurei desfazer os dous maiores absurdos correntes a seu respeito: a antinomia entre a primeira e a ultima phase de sua carreira, a falha de relação entre o escriptor e seus contem-

poraneos, nomeadamente os seus pares, na poesia e no romance.

Creio ter sido producente a demonstração, especialmente em relação ao primeiro ponto, e vejo-a mais ou menos por todos hoje admittida.

A segunda these parece não ter sahido igualmente reformada pelas provas criticas adduzidas. Ainda hoje, e a proposito deste mesmo livro das *Poesias Completas*, se tem dito ser o sr. Machado de Assis um escriptor á parte e um poeta á parte em nossa litteratura.

Confesso não comprehender, especialmente quando não se demonstra a genialidade innovadora do poeta e do escriptor.

Se mesmo quando fosse elle um grande genio inventivo, não poderia sahir fóra do systema geral da evolução da mentalidade patria em seu tempo, quanto mais não se achando em taes condições!

Não satisfeita de haver inventado dous Machados num só Machado, a critica, pensando illusoriamente exalta-lo, obscurece-lhe a característica, querendo d'elle fazer uma *avis rara*, ou um ser desclassificado.

Não; a verdade é esta: se ainda existiu poeta de facil apprehensão pelos multiplos laços que o prendem ao clima social que o gerou, esse é exactamente, precisamente o sr. Machado de Assis.

E' dos quinze aos vinte e cinco annos que um espirito se constitue em seus elementos essenciaes. Nascido em 1839, importa isto affirmar haver sido a alludida constituição de nosso poeta realisada entre os annos de 1854 e 64, decennio de relativa esterilidade nas lettras e na politica brasileira, época de relativo cansaço, succedanea das duas primeiras gerações dos românticos.



Como as aguas tomam a coloração do terreno por onde correm, assim as almas entusiastas dos moços revestem as côres do ambiente espiritual em que se formaram.

E' por isso que o sr. Machado de Assis, tendo começado, por certo, os seus primeiros ensaios poeticos aos quinze ou dezesseis ou desete annos, já nos apparece em 1864, aos vinte e cinco um poeta feito, com um volume publicado, contendo produções das épocas diversas do fundamental decennio de sua formação, de posse de um estylo, que elle polirá, durante cincoenta annos, mas nunca lhe mudará o colorido e a essencia, porque o metal que o constitue é sempre o mesmo.

E' por isso que elle nunca escreveu versos superiores aos dedicados a *Corinna*, publicados nas *Chrysalidas*. E' por isso que a ultima folha das *Occidentaes*, — baptisada *No Alto*, poderia occupar o logar da derradeira pagina, chamada *Ultima Folha*, das alludidas *Chrysalidas*, — escripta quarenta annos antes, ou vice-versa.

Ainda poeta algum teve o espirito mais unitario e foi mais fiel expressão do socegado e morno periodo de sua primitiva e priméva floração. O tempo, é certo, especialmente após as fundas alterações porque passou o pensamento nacional de 1870 em diante, modificou até certo ponto e em certas direcções o espirito do romancista; mas foram modificações da epiderme quasi sempre e raro visceraes.

O poeta, no auctor das *Phalenas* e das *Americanas*, anteceden de muito ao auctor de contos e ao romancista.

Pode-se dizer sem medo de errar, não ter até aos trinta annos produzido senão versos; e, como sua formação poetica foi levada a effeito no Rio de

Janeiro num periodo de decadencia (1854—1864), por isso seu poetar se resentiu sempre, até hoje, desse marasmo inicial.

Romancista, teve outros mestres, outros guias, formou-se num periodo de mais alento, assumiu uma envergadura mais possante, sem desmentir, contudo, a característica fundamental do espirito, da individualidade do homem: a ausencia da força, a falta de paixão, compensadas pela finura da analyse, pelo aprumo da fórmula, pela delicadeza dos tons.

E' por isso, ainda uma vez, que nelle o romancista, filho da analyse, é maior, muito maior, que o poeta, que deve ser filho da paixão.

Sei bem existirem ahi devotos do illustre escriptor que o chamam grande artista, grande poeta, ao mesmo tempo que o chamam frio, sem effusões, sem paixão, sem o calor proprio das fundas emoções. Mas é uma perfeita contradicção: chamar a um poeta, o homem do affecto, o homem da sensibilidade, das fortes impressões, fonte de toda arte, frio, desprovido dos meios de agitar as almas, é o mesmo que chamar um militar de covarde... E' caso para mandar testemunhas. O melhor é ser franco e dizer toda a verdade, porque esta não faz mal a ninguem: o sr. Machado de Assis é um dos nossos tres maiôres romancistas, um dos nossos melhores prosadores; mas, como poeta, é de ordem secundaria.

Junho de 1901.

## II

### O Barão do Rio Branco historiador e diplomata

A noticia de ter sido assignado o tratado do Acre, nas vantajosas condições conhecidas, importando um passo decisivo para a solução da mais difficilissima, da mais complicada, da mais tremenda de nossas questões de limites, é de molde a attrahir ainda uma vez, e de modo solemne, a attenção geral para o extraordinario negociador principal do pleito.

Tres ou quatro vezes posta a perder por declarações precipitadas, e tristemente ruidosas na sua precipitação, da parte de nossos Governos, a questão do Acre tinha chegado nos ultimos tempos, com a intervenção do celebre syndicato anglo-americano, a assumir aspecto de todo desesperador para o Brasil. Era, infelizmente, a crença e a confissão geral.

Mas a terra de Santa Cruz tinha ainda uma vez de se sahir airosamente dos debates que tem travado com os seus vizinhos.

Havia ainda quem pudesse torcer o curso das negociações, safar-se da trilha apertada em que se tresmalhavão e perdião os discontidores de arriba-

ção e encontrar a estrada larga das soluções providentes e dignas.

Havia ainda quem pudesse operar essa milagrosa mutação, e outro não poderia ser senão o glorioso negociador das *Missões* e do *Amapá*, dous famosissimos debates mais de uma vez quasi tambem perdidos para nós.

E qual é a razão da superioridade diplomatica do Barão do Rio Branco? Será elle uma dessas imponentes, insinuantes, irresistiveis figuras, por não sei que fascinadora magia do aspecto e do dizer, que tem sido o condão de mais de um diplomata celebre? Não. Será elle um desses espiritos, cuja trama intellectual tem a propriedade de formar uma especie de teia enredica, apta a envolver, prendendo, as almas alheias? Não. Terá elle no intimo mental umas especies de meandros, de sinuosidades, de labyrinthos, docemente velados, em que as idéas do adversario se vão insensivelmente deixando escoar, sem que de todo se possam depois libertar?

Ainda não. Elle não é um diplomata de officio, como foi por certo seu illustre pai.

Sua força, seu prestigio lhe advêm de outra parte: brotão de sua vasta cultura historica e geographica, de seu profundo saber, accumulado por quarenta longos annos, da corographia e dos annaes patrios, nomeadamente das lutas e pendencias de guerra havidas com as gentes vizinhas.

Sobre este largo e seguro alicerce é que se tem alevantado a capacidade diplomatica de Rio Branco.

Como historiador, apezar de não haver ainda publicado uma obra de eonjuncto, são tão consideraveis os fragmentos exparsos de seus labores, de

suas pesquisas, que possível e até fácil ao crítico é defini-lo e classifica-lo.

Duas notas capitaes lhe descubro no seu tratar os annaes brasileiros: a subordinação da historia á geographia, a predilecção evidente pelo aspecto militar de nossas lides.

Pela primeira qualidade elle se filia no grupo dos que resolutamente transportarão para as questões, problemas e factos sociaes e politieos a immensa revolução operada nesta ordem de estudos pelo extraordinario avanço das sciencias naturaes e biologicas.

Dest'arte, a formação geographica, por exemplo dos Estados da Europa, tratada por um *Freemann*, um *Sorel*, mostra bem nitidamente o immensuravel poder desse factor physico, que obra com a infesistivel pressão meeanica duma força inconsciente para o geral dos politiqueiros de todos os tempos, que vivem e morrem na doce illusão de dependerem os destinos dos povos das suas parvas idéas e de seus safados interesses:

Esses demonios de todas as épocas são os algozes das nações pelo verme roedor da desmoralisação que inoculão por todos os lados na vida publica.

E' mui de notar como elles se agitação para perder os verdadeiros servidores da patria...

Se de uma missão ethnica, missão nacional, póde-se fallar de raros e selectos espiritos numa esphera qualquer, por serem elles evidentemente homens a quem coube uma tarefa nas lutas e incertezas do viver dos povos, sem lisonja, o Barão do Rio Branco é um dos poucos diante de quem se póde ter esta linguagem no Brasil.

Sen saber historico-geographico tinha de ser uma força em nossa vida de nação, integrando-nos

o territorio ao norte e ao sul. Já por ali elle é benemerito entre os que mais o possam ser.

Se a politicagem patibular e canina de crassos ignorantões não conseguir desmanchar o mais extraordinario de seus feitos, essa esplendida victoria do Acre adquirido inteiro, além das mais ousadas fantasias, a troco de algumas quantias de dinheiro e de pequenos trechos de territorio á margem direita do Paraguay e á esquerda do Madeira, terrenos aliás que são do numero daquelles que, no cumprimento de antigos tratados, tinhamos recebido da Bolivia por outros por nós cedidos, se a politicagem daminha e inqualificavel não deitar a perder tão esplendidos esforços, poder-se-ha ter por gloriosamente finda a missão que o destino reservou ao filho do velho estadista, immortal patrono da raça negra.

Os que andamos cá embaixo em contaeto com a multidão sabemos das torpes perfidias que lhe estão armando ali terriveis odres de inveja, assás conhecidos de todos.

A intriga visa mais de perto as classes armadas. . .

Esta palavra revoea-me á lembrança a segunda nota que assignalei no historiar do moço Silva Paranhos: o amor, a predilecção irresistivel por nossos fastos militares. Isto desde os mais antigos tempos, desde sua puericia litteraria. Como poderia jámais ser um inimigo do Exercito e da Armada um escriptor que tem passado a vida a estudar-lhes os feitos e a lhes decantar a gloria?

Rapida resenha das producções de Rio Branco é sufficeinte para evideneiar o facto, derrotando os alviçareiros de tristezas e malquerenças.

Toda precaução é pouca de encontro aos ardis desses fautores de ruinas. Se em todo homem ha

em qualquer gráo um eomediante feito pela civilisação, a ponto de o severo Herculano falar — na mascara que a vaidade e o orgulho põem na face humana ainda nas mais terriveis situações, para que a vida seja uma continua farça, da qual o coração é o actor mentiroso desde o berço até o sepulchro, — que especie de *clowns* serão esses desgraçados perturbadores de todas as obras justas e patrioticas?

Mister é soterra-los debaixo dos serviços de Rio Braneo. O primeiro artigo devido á penna do futuro negociador do pleito das Missões foi a biographia de um militar, o Capitão de Mar e Guerra Luiz Barroso Pereira, morto em Montevidéo em 1826 na defesa da fragata *Imperatriz*, atacada pelos argentinos.

Acha-se na *Revista Popular*, em 1861.

Pouco depois, na *Revista do Instituto Scientifico*, de S. Paulo, publicava varios episodios da guerra da Cisplatina de 1826 a 28. Era ainda estudante e já se dedicava ás pesquisas que vierão a constituir-lhe a especialidade. Durante a guerra do Paraguay fez-se correspondente gracioso da *Illustration* e do *Monde Illustré*, de Pariz, no só intuito de enviar noticias da campanha, retratos de generaes de terra e mar, desenhos e *croquis* de batalhas, avultando entre estes os feitos de *Itapirú*, *Estero Bellaco*, *Tuyuty*, *Curuzú*, *Tuyucut*, *Estabecimento*, *Ibororó*, passagem de *Humaytá*.

Entregando-se a aturado estudo dos documentos, numerosos delles particulares ou secretos, preparou-se para eserever essas admiraveis *notas*, nas quaes corrige, amplia, eselareee ou commenta a grande *Historia da guerra do Paraguay*, do Conselheiro Sehneider, na bella traducção de Thomaz Alves Nogueira.

Ainda ha pouco, a proposito das insolitas affirmações do General Mitre em desabono da capacidade do inolvidavel Duque de Caxias, teve o publico de conhecer algumas dessas *notas* do 3.<sup>o</sup> volume do celebre livro, ainda inedito.

De tudo quanto se disse em refutação ao general argentino foi o que appareceu de mais completo, perfeito e incisivo.

Não forão, porém, as façanhas da guerra paraguaya que tiverão o encanto de prender definitivamente o então moço escriptor aos attractivos das narrativas militares. Seu ardor foi mais longe; perlustrou os velhos papeis, percorreu lentamente os archivos e as bibliothecas. Tinha o fito de escrever a *Historia Militar do Brasil desde os tempos Coloniaes*.

Esta vasta obra, esboçada em parte, em varios pontos escripta, é que o fez mergulhar, digamos assim, no pélagos ora sereno, ora revoltado do passado brasileiro. O segredo desse passado é completamente conhecido por Silva Paranhos.

A erudição de que deu provas sobejas ao discutir *Missões e Amapá* — é a garantia segura do que será a obra definitiva de Rio Branco, longa e justamente interrompida, exactamente para correr ao serviço da patria em tarefa que se lhe antolhou mais urgente: *Missões, Amapá e Acre*.

Um operario dessa estatura, um sabedor dessa guiza impõe-se ao respeito de todos os animos rectos. E cumpre ainda notar que em seus estudos de *militarista* professo e confesso teve de relacionar-se e conviver com as nossas maiores figuras marciaes, que lhe dispensavam carinhoso affecto e dos quaes possui preciosissima correspondencia: Caxias, Osorio, Porto Alegre, Barroso, Tamandaré, Melgaço e vinte outros...



Quão intensa não seria a manifestação de estranheza dessa admirável pleiade de verdadeiros soldados, se lhes fosse dado saber que andão hoje liliputiânos a tentarem intrigar esse seu dilecto Silva Paranhos com o exercito, apontando-o como um desservidor da Patria.

Signal dos tempos... triste entre os mais tristes!

Aguardemos a monumental exposição de motivos, que antecede o tratado do Acre, para que vejamos quão mais terriveis forão as difficuldades vencidas e quão maior será a vantagem do Brasil em approvar o ajuste, bemdizendo os esforços de um filho querido.

1903.



### III

## Os Poetas Sergipanos

### I

Esquecido ou ludibriado pelas grandes provincias, as quaes, por dispõem da brutalidade numerica dos votos no Parlamento, e, conseguintemente, fazerem a politica brasileira a seu talante, nutriam a doce illusão de ser os guias de nossa vida espiritual, o pequeno Sergipe nunca foi bem comprehendido e menos devidamente acatado.

Assim era durante o imperio, que, como força de concentração, se mostrou muito mais poderoso do que a republica actual, e mais ainda tem sido e continuará a sê-lo sob o regimen vigente, cuja acção despersiva é soffrivelmente notavel.

Mas, a injustiça é palmar; porquanto, se neste paiz ha região digna de apreço pelo seu valor intrinseco, é a terra sergipense, e se d'entre nossas gentes algumas se deixam notar pela vivacidade da intelligencia, os sergipanos figuram entre ellas por direito de conquista. Sendo incontestavelmente uma das regiões mais povoadas do Brasil, foi sempre theatro de uma vida politica e espiritual muito intensa. Apertado entre a Bahia e Per-

nambuco durante os tempos coloniaes, recebendo o impulso de ambos os lados, Sergipe veiu a fazer uma especie de refugio, de região neutra, onde abastados fazendeiros se vieram collocar, aproveitando os uberrimos terrenos estendidos do São Francisco ao Rio Real.

Bem cedo São Christovam, a bella cidade fundada no seculo XVI, tornou-se um nucleo apreciavel pelo gosto e pela cultura. Varias ordens religiosas erigiram alli magnificos conventos, crearam aulas de humanidades, e, no tempo do imperio, um funcionalismo e uma magistratura notaveis conservaram bem vivaces as fontes da intelligencia. Varias outras cidades e villas, como Estancia, Laranjeiras, Maroim, Lagarto, Itabayana, e mais tarde, Aracajú foram por seu turno, pontos consideraveis de expansão mental.

Dotados de genio musical e de genio lyrico, os sergipanos em todos os tempos deram bellas provas de talento e de optimas qualidades de espirito e de character. Na villa de Campos, desde fins do seculo passado o famoso *Philosopho da natureza* — Antonio Moniz de Souza, bis-avô de Tobias Barreto e parente do celebre repentista bahiano Francisco Moniz Barreto, entregou-se a curiosas viagens e investigações scientificas. No Lagarto, a illuminada intelligencia do padre José Alves Pitangueira figurava com brilho no fôro, na politica, no jornalismo e na cathedra de latinidade.

Em S. Christovam, — frei Santa Cecilia, na musica, na poesia e no pulpito, revelava as brilhantes qualidades de um espirito de selecção, e o vigario Barrozo, na politica e na eloquencia, Braz Diniz, na latinidade não lhe ficavam atrás nas fulgurações do intellecto.

Na Estancia, Monsenhor Silveira, na Politica, o padre Domingos Quirino de Souza, no magisterio, Marcello Santa Fé, na divina arte de Mozart, distinguiram-se por predicados eminentissimos.

Em todo o norte da provincia, basta lembrar o nome do dr. Manoel Joaquim Fernandes de Barros para dar a medida, toda a medida do estado das idéas e do valor espirital dos sergipanos na primeira metade deste seculo.

Em Campos e, mais tarde, no Lagarto foi sempre um espirito digno de nota, no magisterio e no fôro, o talento omnimodo do professor Manoel Joaquim de Oliveira Campos, mestre de primeiras lettras de Tobias Barreto, que foi tambem discipulo dos padres José Alves Pitangueira e Domingos Quirino de Souza e do maestro Marcello Santa Fé.

Mas, como já deixei insinuado, a musica e a poesia lyrica foram sempre o pasto mais apreciado da esthesia dos sergipanos. Na primeira, além dos citados Marcello e Santa Cecilia, os nomes de um Manoel Bahiense, de um Antonio Paes, de um João de Góes, de um Francisco Avelino, de um Tobias Magalhães, de um José da Anunciação, de um Joaquim Honorio, são dignos de figurar entre os mais distinctos musicos da America do Sul.

Pelo que toca á poesia, o presente *Parnaso* é um documento inconcusso de seu alevantado merecimento. Figura ahi uma pleiade de poetas, alguns dos quaes são nomes hoje conhecidos e, mais ou menos, respeitados no Brasil inteiro.

Constantino Gomes, Bittencourt Sampaio, Tobias Barreto, Elzeario Pinto e João Ribeiro, são d'esse numero; figuram com justiça na galeria dos

melhores poetas nacionaes. E outro tanto se poderia hoje dizer de um José Jorge de Siqueira, de um Pedro Moreira, de um Joaquim Fontes, de um Felinto do Nascimento, de um Joaquim do Prado, se as asperrimas peripecias do viver provinciano não os houveram segregados das condições da lucta indispensavel para firmar os grandes nomes, as largas e immorredouras famas.

Neste livro, que é um preito de saudade e reconhecimento á bella terra que me foi berço e que tive a desventura de deixar, quando alli é que de-vera ter ficado para soffrer, acham-se representadas producções de trinta vates sergipanos, trinta vozes que podem bem dar uma amostra de nossa alma de brasileiros crente e maviosa.

Difficuldades quasi insuperaveis deixaram em branco o logar que devia ser occupado pelos canticos de Santa Cecilia, Braz Diniz, Antonio Diniz Barretto, Eugenio Fontes, Garcia Rosa, Manoel Alves Machado, José Manoel Machado de Araujo Filho, Leandro Sobral, Gratulino Coelho, Manoel Joaquim de Oliveira Campos, José Leandro Martins Soares, e muitos mais.

Um dia espero supprir essa lastimavel lacuna, que em todò caso, outros mais felizes, preencherão sem grandes embarços. Este livro foi feito aos poucos e no meio de multiplicados trabalhos.

As pessoas que houverem apprehendido obras d'este genero, poderão facilmente aquilatar dos troços a vencer.

Varios dos poetas contemplados não têm suas inspirações publicadas em volume.

Andam despersos nos jornaes e revistas, ou, muitas vezes, desfiguradas em copias particula-res.

Não raro as producções, que se conseguem obter

não são as melhores dos respectivos auctores, nem as mais proprias para lhes definir o talento.

Casos ha em que de um excellente poeta, como é Pedro Moreira, de quem seria grato dar vinte ou trinta produções, obtem-se, como a mim me acontecen, numero rezumidissimo, insufficiente, para dar a medida certa do vôo da aguia. O que, de melhor deu elle á estampa, acha-se em ephemerous jornaes ou periodicos academicos da Bahia, de 1867 a 1873, e me não foi possivel obtel-o.

E' o caso de muitos outros.

## II

Neste ponto e logar é bem claro que não posso discutir umas poucas de questões que seria facil suscitar.

Uma ha, porém, que vem de molde agora e não convem deixar no esquecimento: — Qual a razão da superioridade do bahiano na politica e sua inferioridade na poesia diante do sergipano?

E' bem possivel ou antes muito provavel o arreliamento do *chauvinismo* bahiense ao ouvir falar em sua inferioridade na poesia... Mas a critica existe para ser sincera e officiar sempre diante da verdade.

Basta até reflectir um pouco para vêr que é mesmo assim: a eapacidade politica anda o mais das vezes divorciada dos ardores das paixões, das phantasias da poesia. E, se preciso fosse lembrar um grande exemplo, bastaria recorrer ao de Roma. mestra emerita e inexcédivel na pratica das cousas juridicas e politicas, euja mesquinha figura nas effusões da poesia é de vulgar noticia em face da

exuberancia da India ou Grecia, por seu turno tão fracas nas cousas do Estado. Não é só isto: o talento oratorio, quasi sempre associado á intelligencia de certa classe de politicos, e muito commum entre bahianos, é, sabe-se bem hoje, incompativel com a verdadeira poesia, peculiarmente a poesia lyrica. E' por isso que a Bahia tão prodiga em talentos aptos para os negocios publicos, foi sempre tão incolôr e apagada nos dominios do lyrismo.

A terra de Cayrú, Rio Branco, Abrantes, Monserrate, Nabuco, Lacerda, Cotegipe, Jequitinhonha, São Lourenço, Fernandes da Cunha, tem sido sempre, comparativamente, pobre de poetas, digo, de bons, de grandes poetas, que possam emparelhar com seus politicos e oradores.

Até hoje com justiça a Bahia tem possuido apenas quatro nomes notaveis na poesia: Gregorio de Mattos, Moniz Barreto, Castro Alves e Mello Moraes Filho. Mas d'este mesmo numero é mister em nome da divina arte no que ella tem de superior e immarcessivel, excluir os dois primeiros. Gregorio é mais um typo curioso do que um poeta. E' digno de nota como andarilho, falador, maldizente, satyrico, brigão; é um homem que serve de documento de uma época, uma triste época da rude formação de nossa vida nacional.

Não foi uma alma de sonhador, ou de artista, um embriagado de ideal: longe d'isso. Moniz Barreto merece menção na historia litteraria pelo singular talento de repentista que realçava.

Foi neste sentido um phenomeno singularissimo; porem é só isto. Sua poesia, quando meditada e escripta, é de uma mediocridade, d'uma sovinaria de predicados de metter dó. Aspera e desenchabida, alastra-se tropego por paginas e paginas illegiveis.



O celebre improvisador com seus rançosos moldes classicos, fez por seu prestigio de repentista, grande mal a poesia bahiana desviando-a do bom caminho.

Castro Alves, este sim, é um notavel poeta e o foi exactamente, precisamente reagindo contra pessimas tradições das musas de sua terra, por se haver educado n'outras plagas. Sen lyrismo, quer nas boas paginas sociaes, quer nas de subjectivismo passional, é amplo, puro e grandioso.

Mello Moraes tem a imaginativa, o vago, o indeterminado de toda a boa poesia; mas seu lyrismo é tudo quanto existe de mais avêso ao sovado papaguear da poetica da sua patria, que o não tem apreciado na altura de seu merecimento. Inutil seria falar em Junqueira Freire e Franklim Doria, nomes de segunda ordem nas letras nacionaes. Os outros não valem nada; são de quarta ou quinta categoria. Ninguem que possa emparelhar com os poetas mineiros, os maranhenses, os paulistas, os fluminenses, nem até os melhores de Sergipe.

Augusto de Mendonça, Plinio de Lima e Castro Rabello não deram o que promettiam; e Francisco Mangabeira é ainda apenas uma bella esperanza. E' que o espectáculo e o interesse pelas cousas politicas, desde quatro seculos a esta parte, occuparam as forças vivas do bahiano.

Séde do governo brasileiro por mais de duzentos annos, continuou a ser a sua metropole ideal; a hegemonia politica sempre entre nós lhe pertenceu.

Alli é que o Estado nacional se foi formando aos poucos, a vida juridica amadurecendo lentamente, a ordem legal apaziguando os espiritos. Quando São Paulo, Rio de Janeiro, Recife não passavam em rigor de pequenos burgos sem grande

importancia, já a Bahia dictava a regra a todos, nesta parte da America. Nem é mister fazer-se lembrar São Luiz, Belem, Villa Rica, Porto Alegre, que só muito mais tarde é que surgiram para a vida politica.

Os negocios de Estado foram e são ainda agora a atmosphaera em que respira desde o nascer o bahiano; su'alma faz-se n'aquelle meio, aspira aquellas auras, toma aquelles sulcos e despede irresistivelmente aquella nota: a politica é o seu dominio eminente. E' por isso que tem tido bons jornalistas, grandes oradores, habeis diplomatas, notaveis estadistas e poetas mediocres, com excepção, é caso de repetir, de Castro Alves cuja educação esthetica se formou no Recife, e Mello Moraes Filho que se fez no Rio de Janeiro.

Bem diverso é o caso da minha terra: offuscado pela grande provincia e hoje poderoso Estado, o pequenino Sergipe, não tem passado das acanhadas proporções de uma ignorada comarca de longinquos sertões.

Da politica a vida local permittiu-lhe apenas a *politiquice*. Intelligentes, porém, os sergipanos, almas fustigadas por alguma cousa de nobre elevado, o surto do espirito se lhes faz nas azas da poesia ou nas doces volatas da musica.

E' porque em Sergipe o proprio povo ama delirantemente estas duas artes.

Não existe no Brasil terra onde a lyra popular seja mais sonóra, o *folk-lore* mais rico, as festas plébeas mais animadas, as modinhas mais maviosas, as danças mais ardentes, os lundús mais chorados.

O povo sergipano, é amavel, bondoso, hospitaleiro, e tem o dom especial de alliar a um certo fundo de ingenuidade e acanhamento a firmeza

de character, a veia comica e as effusões da poesia.

Os seus poetas não tem no paiz inteiro a fama que deveriam ter, devido exclusivamente ao pouco valor politico, social e representativo de sua terra, a menor do Brasil e a mais prejudicada de todas. Junte-se a isto, que é innegavel, o consciente ou inconsciente preito da subserviencia e da mania adulatoria, que constantemente neste paiz existiram para com os homens das grandes provincias ou Estados, os fautores da politica, os dispensadores de graças, os poderosos arranjadores de empregos, escudados nas enormes representações em parlamentos e congressos, e ter-se-ha a demonstração do esquecimento que tem envolvido os bons talentos das pequenas provincias, verdadeiros Ilotas no meio de *parvenus* e audaciosos de todo o genero.

Quem no Rio de Janeiro ou Petropolis, no Recife ou Olinda, na Bahia ou Valença, em Ouro Preto ou Bello Horizonte, em São Paulo ou Santos, em Porto Alegre ou Pelotas, acreditará já-mais na existencia de talentos sergipanos, de poetas sergipanos, de illustrações sergipanas?

Pois taes coisas podem vir das margens do Cotinguiba?

Qual historia!— Pois este é o caso; e por isso vemos ainda hoje Bittencourt Sampaio, o melhor lyrico sertanegista e campesino do Brasil, não ter a fama que lhe compete, como a não tem Pedro de Calasans, como a não tem Tobias Barretto, como a não tem Elzeario Pinto, como a não tem João Ribeiro, nem Pedro Moreira, nem José Jorge, nem Joaquim Fontes, nem José Maria Gomes...

Nem a terão já-mais.

## III

Na impossibilidade de dar neste logar uma analyse de cada um dos poetas que figuram nesta collectanea, direi apenas dos grupos em que naturalmente se dividem e da indole esthetica de seus chefes.

A primeira observação que ora me occorre a de não haver encontrado, nas pesquisas a que procedi, poeta algum sergipano no periodo colonial. Sem fallar no seculo XVI, que não deu poeta a parte alguma do Brasil, a não ser o insignificante Bento Teixeira Pinto, nem o seculo XVII, nem o seculo XVIII, que eu saiba, produziram um só vate em Sergipe. A nosso seculo é que vem a caber semelhante tarefa, e as produções de maior vulto datam de 1850 em diante.

A segunda observação a fazer é que todos os poetas que apparecem neste livro deixaram a terra natal num certo periodo da vida, e a maioa parte para não mais voltar, o que importa affirmar que os typos de cada grupo, entre si contemporaneos, não chegaram a viver em commum a ponto de crear tradições e fazerem escola, , pode-se até affirmar, sem medo de errar, que os mais notados delles influiram mais no Brasil em geral do que particularmente em Sergipe.

E' factó este já referido e demonstrado na *Historia da Litteratura Brasileira*. Calasans, Tobias, Bettencourt, João Ribeiro e o auctor destas linhas tiveram mais força de expansão nacional do que puramente sergipana.

Por isso é bem certo dizer, como já uma vez

disse, que a nossa litteratura sergipense é *uma litteratura de emigrados*.

As causas e as consequencias deste phenomeno pertence á critica averiguar, e não é agora opportuno fazel-o.

Os quatro grupos a que reduzi os poetas de Sergipe não exprimem rigorosamente uma filiação immediata e irreductivel dos varios membros de cada um d'elles na esthetica exclusiva do respectivo chefe. Exprimem apenas uma certa coloração geral, filha, o mais das vezes, do mesmo momento historico, da mesma corrente preponderante da época, das mesmas influencias estranhas.

Os grupos são estes: o primeiro constituido por Constantino Gomes, que o preside, Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, José Maria Gomes, Elzeario Pinto, Eustaquio Pinto, Joaquim Esteves, Joaquim de Calasans, Severiano Cardoso, Geminiano Paes, Eutichio Soledade, Leopoldo Amaral e Symphronio Cardoso; o segundo é formado por Tobias Barretto, José Jorge de Siqueira Filho, Pedro Moreira e Justiniano de Mello, e é presidido pelo auctor dos *Dias e Noites*; o terceiro compõe-se de Sylvio Roméro, que abre a lista, Filinto do Nascimento, Lima Junior, Jason Valladão, Joaquim do Prado, Joaquim Fontes e Manuel dos Passos; o quarto é capitaneado por João Ribeiro e contém Carvalho Aranha, Costa e Silva, João Barretto, Deodato Maia e Damasceno Ribeiro.

O primeiro nucleo, como deve ver quem conhecer os nomes que o compõem, encerra um typo, até certo ponto divergente, Bittencourt Sampaio, que deixo de analysar, por já o haver praticado na *Historia da Litteratura Brasileira*.

O mesmo acontece com Pedro de Calasans,

Elzeario Pinto e José Maria Gomes de Souza, cujos perfis, posto que rapidos, acham-se também naquelle livro.

Predominam nesse punhado de poetas os intelligentes filhos da bella cidade da Estancia, que com laranjeiras constituíram sempre as mais sergipanas, se assim se pôde dizer, das cidades de Sergipe, Constantino e seu irmão José Maria, Pedro de Calasans e seu irmão Joaquim, Leopoldo Amaral, Severiano e Symphronio Cardoso e Joaquim Esteves são estancianos: oito em treze nomes.

Constantino José Gomes de Souza, que seria hoje um auctor illustre em todo Brasil se tivesse nascido nas terras que dão posições e empregos, Bahia, Rio, São Paulo, Minas, é o decano dos poetas de Sergipe. Em 1848 já é encontrado estudante de medicina na faculdade bahiana e a publicar versos nos jornaes e revistas do tempo. — Em 1851 formou-se no Rio de Janeiro e deu á luz a bella collecção de poesias que têm o titulo de *Os Hymnos de Minh'Alma*. Innumeras produções poeticas, escriptas depois d'aquella data á de sua morte, occorrida em 1877, isto é, durante vinte e seis longos annos, andam esparsas nos jornaes.

Não foi só, porém, dado ás musas o culto de Constantino; sacrificou também ao drama e ao romance.

No primeiro genero deixou: *O Espectro da Floresta*, *Os tres Companheiros de Infancia*, *Ha Dezesete annos ou a Filha do Salineiro*, *O Engeitado*, *Vingança por vingança e Gonzaga*, este ultimo inedito.

No romance publicou em livro: *O desengano*, *A filha sem mãe*, *O cego* e outros nos rodapés

dos jornaes. Muito grave e muito severo, de um genio arrebatado. Constantino foi um typo verdadeiramente singular. Vivendo perto de trinta annos no Rio de Janeiro, jámais entretteve relações com os escriptores de seu tempo, que enchiam as ruas e appareciam por toda a parte. Aborrecia-os a todos. Um só, o único por elle admirado, foi seu amigo e camarada, Laurindo Rabello, o famoso elegiaco, satyrico e improvisador fluminense.

Laurindo, pelos velhos parvos da critica sempre desdenhado no Rio de Janeiro, parvos que lhe fizeram continuamente o cerco do esquecimento; Laurindo, amado apenas pelo povo, Laurindo, a principio considerado em certas rodas um frivolo, um andarilho, um insignificante, merecendo de todos os doutores do Brasil apenas dous solitarios e magros estudos, um de Norberto Silva, por incumbencia do editor Garnier, e outro de Teixeira de Mello, por mera curiosidade bibliographica, Laurindo anda agora, depois que na *Historia da Litteratura* destaquei com força de sua obra varia e despersiva e de seu genio contradictorio e multiplice o que é verdadeiramente superior—o *talento elegiaco*, anda agora, dizia, eleyado á categoria de verdadeiro mytho.

Já não é mais o pandego bohemio, o desregrado Bocage carioca a espalhar pornographias e bregueirices por toda a gente; passou a ser um irremediavel choramigas, misero desgraçado, que chegou a cantar modinhas ao tom do violão *por necessidade de matar a fome!*

Nem tanto ao mar nem tanto á terra: nem o bohemio deslavado, nem esse pobre mendicante a esmolar a compaixão. Laurindo, como todos os grandes talentos poeticos, era uma natureza com-

plexa, que se não deixa explicar por essas rhetorices que ahí andam a pregar aguias com alfinetes.

Laurindo, que nunca foi mulato, senão muito bom *cigano*, tinha aptidões desencontradas.

Orador, poucos o foram no Brasil como elle; repentista, só a Moniz Barretto cedia a palma; *causeur*, ninguem o sobrepujou n'esta terra; satyrico, nenhum o foi tanto desde Gregorio de Mattos; brincalhão, basta ver suas poesias comicas ou dubias e suas inimitaveis pornographias; elegiaco e magoado, quem não o acreditará lendo — *Adeus ao mundo e Saudade branca?*

Este foi o homem a quem se uniu Constantino Gomes, talento de molde diverso e indole contraria.

A musa de Constantino tinha as roupagens semi-classicas da poesia bahiana da pleiade de Moniz Barretto. Isto a principio. Depois o independente sergipano foi reagindo e revelando suas qualidades proprias, bem apreciaveis n'aquelle bellissimo hymno que começa:

«Meu inverno se avisinha,  
Sem risos, sem luz, sem flôr;  
Vem tu mimosa andorinha  
Da primavera de amor,  
Vem mitigar-me a saudade  
D'aquella ditosa idade  
Que nos embala e entretém  
Num berço de mil delicias,  
Entre gozos e caricias,  
Que da vida a aurora tem.»

E' em geral um lyrismo que não é mais a pieguice dos ultimos descendentes de Lamartine, lamuriando em plagas brasileiras, de 1840 a 60, a querer ensurdecer a gente. E' alguma cousa de



mais forte, que já é um presentimento da poesia social, politica e humanitaria de Hugo e Quinet.

Bittencourt Sampaio, Calasãns e José Maria Gomes, se me antolham superiores, entretanto, a Constantino, o primeiro pela doçura de seus quadros brasileiros, o segundo pela espontaneidade da metrica, o terceiro pela originalidade das imagens.

O segundo gremio de poetas, deixei-o capitanear por Tobias Barreto, que todavia teve muito mais imitadores no Brasil em geral do que peculiarmente em sua pequena patria. Castro Alves, Victoriano Palhares, Carlos Ferreira, Castro Rabello, Mucio Teixeira, este em sua primeira phase, bastam para garantir-me a veracidade do aserto.

E' um ponto de verdade historica que tem sido difficil tragar á desdenhosa petulancia e dura filancia de certos criticos da terra.

«Que! Elle, o rapagão bonito, venturoso bahiano, filho de medico influente, cunhado de negociantes abastados, o delicioso *cavalheiro negro* das yayás dengosas, poderia lá ter sido sectario do pobre mestiço de Sergipe, filho de um escrivão obscuro, elle, o Castro gentil, haveria de ter nada com o feioso Tobias?!... Ora, deixe disso, deixe-se de inconveniencias, meu caro senhor, tenha mais senso pratico...» E' a tal historia. Tenho-a lido e ouvido milhares de vezes. Mas ha alguma cousa superior e mais séria do que todas as fatuidades baïrristas de quem quer que seja; é a verdade, delicia e ventura das almas sãs.

Conheço versos de Castro Alves de seu periodo bahiano, dos annos 1861, 62, e 63 antes de Tobias ter posto em agitação a elle e a mocidade academica de seu tempo, que são dignas amostras

da estafada poetica de Moniz. E era isto fatalissimo.

Castro Alves, nascido em 1847, um rapazito de quatorze annos em 61, de quinze em 62 e dezeseis em 63, não podia deixar de pagar o tributo de todos os que começam, não podia deixar de reflectir o meio, o ambiente social que o cercava e onde deu os primeiros passos nas letras.

Ora, esse meio era a Bahia e na Bahia o collegio do dr. Abilio Borges, donde sahio para matricular-se na faculdade do Recife. Alli, desde 1862, já estava Tobias, muito mais velho (quasi dez annos), muito mais instruido já então em latinidade e letras latinas, nas litteraturas franceza e portugueza, na critica e cousas litterarias em geral, e Tobias, que n'esse tempo tinha tantos annos quantos aquelles com que veio muito depois a morrer Castro Alves, não era homem de andar calado.

Conhecidissimo, desde logo, pelo seu escandaloso exame de latim em que tinha espichado toda a mesa examinadora, já nos theatros tinha recitado poesias, já ás havia publicado nos jornaes, já tinha saudado a terra pernambucana — na famosa óde *A' Vista do Recife*.

Dizem, porém, que o vate bahiano mais tarde o sobrepujára. Póde ser que sim. Com franqueza, porém, e sem a mais leve paixão, não sou desta opinião.

Acho que em declarações, exaggeradas imagens e metaphoras — o poeta das *Espumas Fluctuantes* vence o dos *Dias e Noites*; não o excede, porém, em doçura, em meiguice, delicadeza, blandicia, carinho, naquillo em que ambos são incomparaveis, no lyrismo pessoal, subjectivo, amoroso.

O tempo, esquecendo as extravagancias de es-

cola dos dous poetas, ha de decidir este pleito, dando-me razão, como já m'a deu pela bocca de dous talentos lyricos de primeira ordem, Luiz Murat e Alberto de Oliveira.

A grande vantagem de Castro Alves, além de ser bahiano, é ter vindo para o sul, para o Rio e S. Paulo, onde a fama se fabrica neste paiz, e as reputações são consagradas, e haver publicado as *Espumas Fluctuantes* onze annos antes dos *Dias e Noites*.

Quando este ultimo livro appareceu, já aquella escola poetica tinha passado de moda, o publico tinha ficado acostumado a ligar aquella maneira ao nome de Castro Alves, e habitos não se des-arrraigam facilmente, maximè no Brasil.

O poeta bahiano já era um morto, já era um nome consagrado, como chefe de um movimento litterario, para toda a gente sulista, que não lê publicações do norte, e sabe menos do que se passa em Pernambuco do que dos acontecimentos da China ou do Turkestan.

Eram feitas, assentadas, postas em circulação e operando já no organismo nacional como acção reflexa.

Qualquer tentativa de perturbar tão inveteradas ideias tinha de ser hostilmente recebida.

Eis toda a psychologia da cousa.

E' isto e nada mais. A principio negavam tudo, até a propria existencia e anterioridade do poeta sergipense.

Agora, na impossibilidade de desfazer datas e documentos, apegam-se a uma sonhada superioridade de Castro, que não existe, que nunca existiu.

Convenho em parte que se possam equiparar, descontados os defeitos de lado a lado. E' o mais que se deve conceder.

Como quer que seja, entretanto, não tenho a fazer agora a analyse e traçar a característica do poeta em Tobias, já feita na *Historia da Litteratura Brasileira*.

Aproveitarei apenas a occasião para registrar uns versos latinos d'elle, aptos a prova minha affirmativa dos seus extraordinarios conhecimentos da *lingua dos mortos*, qual chamava — ás vezes o latim, por opposição ao allemão — a *lingua dos vivos*, que foi a delicia dos seus ultimos annos, como a outra tinha sido a de sua juventude.

O futuro critico e jurista, pintado por malevolos como um extravagante bohemio, já em 1857, aos 18 annos de idade, tinha feito na cidade de São Christovam, capital da provincia, brilhante concurso para o provimento da cathedra de latimidade da villa de Itabaiana, sendo n'ella provido.

Leccionou todo o anno de 1858, e, por occasião das férias no derradeiro dia lectivo do anno, isto é, a 30 de novembro, *pridie calendas decembris*, dirigiu aos seus discipulos este bello cantico de despedida:

#### ELEGUS

Tandem jam superest tantum valedicere vobis;  
 Quandoquidem cedo, stante magisterio,  
 Quod finitum hodie nunquam mihi fortè reduci  
 Possit, alicui cadat sic literis dociles  
 Formandi juvenes; quid ita? certo grave munus  
 Commissum immerito parvo aliquando mihi  
 Vellem, Discipuli, vobis, qui repitis isthuc  
 Ut possem sapiens, in rudibus tenebris  
 Lumen ego præferre, erudiens itidem, et vos,  
 Memet, adhuc video, viribus exiguis  
 Quam doceo; desunt autem magnæ Sophiæ mi  
 Principia, atque ideo jam cogor ad studium.

Ac vos licturus; desiderio madefit cor  
 Planctibus objectis; ergo valete, Boni.  
 Semper ero, atque fui, inter amicos me numerate  
 Vos qui pendo, dabunt tempora temperius.

Itabaiana, pridie calendas Decembris 1858.

E' aqui tambem o logar de consignar uns repentes e pilherias do poeta dos *Dias e Noites*, que me não occorreram nas paginas a isso consagradas no livro em que fiz o estudo de Machado de Assis e comparei os dous.

Não houve latim ou allemão, philosophia ou direito, critica ou litteratura que matasse a natural espontaneidade do espirito.

Uma vez, numa roda de estudantes em que se descreteava de letras, poesias, improvisos, Demetrio Coelho, um rapaz de Pernambuco, atirou-lhe este motte:

«Quando os teus olhos me fitam,  
 Minh'alma acredita em Deus.»

A glosa não se fez demorar e faz honra ao estro lyrico do poeta:

«Eu sinto que se me agitam  
 As profundezas do ser,  
 Que mais um raio — é morrer,  
 Quando os teus olhos me fitam.  
 Que pensamentos excitam  
 Os olhos fagueiros teus!  
 São rompimentos dos céos  
 Olhares que a tudo abalam;  
 Quando os teus olhos me falam  
 Minha alma acredita em Deus.»

No anno de 1870, por occasião da discussão travada entre Tobias, no *Americano*, e um velho conselheiro, famoso crente, no *Catholico*, a res-

peito de critica religiosa, passeando eu com o poeta e varios amigos, em bella noite de luar, ao longo da rua da Aurora, no Recife, a conversar a proposito da polemica, que ia acirrada de parte a parte, parodiando conhecido motte do *Album da rapaziada*, de Moniz Barretto, dei-lhe este a glosar :

«Padrecos, tocae o sino,  
Que o *Catholico* morreu.

A musa facêta respondeu, retrucando assim, com a presteza originalissima dos improvisadores de raça.

«Um velho feito menino  
Por força da caduquice,  
Quiz lutar!... Oh! que sandice!  
Padrêcos, tocae o sino.  
Não julgueis ser desatino  
Taxal-o assim de sandeu;  
Se em discussões se metteu,  
Para tomar uma sova,  
Carolás, abri-lhe a cova,  
Que o *Catholico* morreu.»

Bradamos-lhes *bis* e proseguiu :

«Tal é na terra o destino  
Das *sciencias* passageiras:  
Morrer vomitando asneiras!  
Padrêcos, tocae o sino.  
Não teve auxilio divino,  
Nem a *Summa* lhe valeu;  
Como é que assim se perdeu?  
Tão *sabio* guia das almas?...  
Quem fôr *impio* bata palmas,  
Que o *Catholico* morreu.»

O phenomeno da improvisação poetica, difficil de comprehender ás intelligencias tardas e lérdas, mais do que as letras portuguezas possuem o

caso phenomenal de Bocage e as brasileiras o ainda mais espantoso de Moniz Barreto, era no cantor dos *Dias e Noites* tão accentuado como em Laurindo Rabello, frei Bastos e Augusto de Mendonça.

O poeta é que não fazia caso d'elle, preferindo ruminar o que escrevia; porque foi sempre um meditativo e um arraigado estudioso. Nunca largou das mãos os livros, que lhe não suffocaram os surtos da imaginativa e da pilheria, conservados da juventude até ás vespéras da morte.

O descuido dos contemporaneos é que não deixou guardar a lembrança dos *bons mots* do poeta em sua peregrinação pela vida.

Eu mesmo não attendi senão ligeiramente a essa feição de seu espirito, da qual procurei tardamente dar um rapido esboço no alludido estudo consagrado ao auctor de *Braz Cubas*.

Consignarei apenas mais dous ditos rimados, um referente a certo padre de nome J. A. de Faro Leitão, vigario da Missão, em Sergipe. Tobias. no seu tempo de rapaz, tinha ido alli a passeio.

Visitando a igreja, referindo-lhe alguém o nome do padre, disse a companheiros que o cercavam :

«Bicho de *faro* é cachorro,  
Filho de porca é *leitão* :  
Quem ligou as duas raças  
Nesta Igreja da Missão ?»

Outro foi, em fôrma charadistica, diante de uma intelligente *viúva* que lhe apresentaram, eximia nesse jogo de espirito :

— «Quem o diz — já não duvida,  
— Grata no saibo e na côr :  
Por fóra um véo de tristeza,  
Por dentro um mundo de amor».

A talentosa pernambucana atinou immediatamente com a palavra syllabada nos dous primeiros versos e velada no *conceito* dos outros dous.

*Tudo tem sua logica, até a morte!* .. disse o poeta ao expirar. Este despretençioso escripto tambem tem a sua logica e é mister dar-lhe a conclusão. Passando a outros grupos, lastimo apenas que ainda neste *Parnaso* não tenha podido inserir o magnifico *Hymno ao Trabalho*, publicado em 1875 na Escada, que começava :

«O trabalho é a vida que avança  
Em procura do bom, do-melhor :  
As estrellas do além brilham menos  
Do que as gotas do humano suor...»

e terminava por esta apostrophe :

«Que sussuro de forjas ardentes,  
Que ruido em presença de Deus !  
Os cyclópes vibrando os martellos,  
E as faiscas batendo nos céus!—»

Poesia socialista das mais brilhantes da lingua portugueza, que li em tempo e está a fazer seria falta nos *Dias e Noités*.

O terceiro grupo de poetas apparece, na classificação proposta, em lista aberta por Sylvio Romero, o auctor d'estas linhas. — Não é vaidade; é apenas preito á verdade historica mais restricta.

Quando o romantismo entrou a dismantelar-se, exactamente pelo grande fracasso da *escola condoreira*, antes do advento do *parnasianismo*, tivemos aqui no Brasil, como na Europa, um momento, curto é certo, em que surgiu o *scientificismo* na poesia. André Lefevre, com sua *Epopéu Terrestre*, Sully Prud'homme, com seu poema *A Justiça*, foram os chefes d'esse poetar em França,



já antes iniciados por algumas paginas da *Lenda dos Seculos*, de V. Hugo, e dos *Poemas Barbaros*, de Lecomte de Lisle.

Em Portugal as *Odes Modernas*, de Anthero de Quenthal, e a *Visão dos tempos*, de Theophilo Braga, são repercussões d'essa corrente.

No Brasil esse *scientificismo*, esse philosophar na poesia foi nameadamente iniciado por meus *Cantos do fim do Seculo*. publicados em livro no Rio de Janeiro em 1878 e nos jornaes do Recife desde 1870.

As *Visões de Hoje* de Martins Junior obedecem a essa tendencia. Depois é que appareceu o *naturalismo*, que não medrou jámais na poesia, do prosperar no romance e no conto; depois é que surgiu o *parnasianismo*, que prosperou brilhantemente no verso, até chegar, em dias de agora, o momento do *symbolismo*.

Esta é a verdade dos factos, felizmente recohecida no *Magasin für die Literatur des Auslandes*, na Allemanha, por penna competente, por Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e Martins Junior (*Epocas e Individualidades, Philocritica, A Poesia Scientifica*), em Pernambuco; por Livio de Castro, no Rio de Janeiro; por Joaquim do Prado Sampaio, em Sergipe.

O ultimo, que faz parte d'este *Parnoso*. no grupo alludido, escreveu no prologo de suas *Locubrações*: «Comprehendo a poesia como a synthese deslumbrante de todos os principios que até aqui têm agitado o seculo.... Os meus ultimos versos são estudos do Dr. Sylvio Roméro ..»

Não é, pois, uma fantasia o reclamar meu logar no desenvolvimento da poesia nacional, nem isto faz mal a ninguem.

Bons ou máos, os meus cantos representam al-

guma cousa; porque são um élo da evolução; e a historia não se sophisma.

O grupo, com varios typos divergentes, contém os nomes de S. Roméro, Filinto Elysio do Nascimento, Lima Junior, Jáson Valladão, Joaquim do Prado Sampaio, Joaquim Fontes e Manuel dos Passos. Significam todos estes a transição do romantismo para o parnasianismo.

Este ultimo acha-se representado no *Parnaso* pelo quarto e derradeiro grupo, onde se contám os nomes de João Ribeiro, Carvalho Aranha, Costa e Silva, João Pereira Barretto, Deodato Maia e Damaceno Ribeiro.

Nalguns d'estes recentissimos poetas já apparece a musa *symbolista*, *decadista* ou *nepheleobata*.

O chefe do gremio é o notabilissimo talento que se chama João Ribeiro que deixo de estudar por já o ter feito nos *Estudos de Litteraturá Contemporanea*.

Todas as escolas e todos os estylos da poesia brasileira do seculo que vai findar estão representados neste livro, desde o simeclassicismo de Constantino de Souza até o symbolismo de Deodato Maia.

O leitor intelligente notará que, dentre varias paginas fracas ou incolores, surgem outras muito vivaces, rutilas, fortes, que podem emparelhar com as melhores da musa nacional.

23 de Abril de 1899.

## IV

### Origem, elementos, estrutura e evolução da sociedade. — Concepção mechanica e organica

Sobre este consideravel e vastissimo assumpto, escreveu o sr. Augusto Franco uma rapida monographia, que é um primor no geuero, porque, em poucas palavras, enuméra e examina, com segurança as principaes questões a elle precipuas.

Sou obrigado a interromper meu trabalho pessoal, a *Historia da Litteratura Brasileira*, para dizer quatro palavras a proposito do opusculo de tão distincto e talentoso amigo.

Como se sabe, toda a velha barulhada, que se costumava levantar com relação á natureza intrinseca da *historia*, a qual dava logar a uns poucos de systemas, anda agora a repetir-se, mais calorosamente ainda, no que diz respeito á natureza e indole da *sociedade* e da *sociologia*.

Ha vinte e cinco annos pude eu reduzir os alludidos systemas de philosophia da historia a um quadro; que mereceu gabos da *Revue Philosophique*, de Paris.

Anda reproduzido nos *Ensaio de Philosophia do Direito*, pag. 82, e para ahi remetto o leitor,

não me atrevendo a repetir tal quadro n'este rapido artigo.

Agora vae-se fazendo o mesmo em sociologia a respeito do conceito que se deva formar do que venha a ser a *sociedade humana*, sua formação, sua estructura, sua origem, as leis de seu desenvolvimento.

No primeiro capitulo da sociologia, além das questões de methodo, é de rigor a analyse de uns tantos problemas, entre os quaes prevalecem estes: qual é a indole especifica da sociedade? que é o facto social em si, inconfundivel com todos e quaesquer outros estudados pelas sciencias anteriores, facto que serve de base aos phenomenos ditos sociologicos? qual predomina, o espirito do individuo sobre a collectividade ou o d'esta sobre aquelle? qual a unidade social?

As respostas variam, os systemas multiplicam-se, ás mais das vezes, para repetir por outras palavras o que tinha sido ensinado pelos mestres. E' a *lucta pela originalidade* levada ao desespero.

E' dahi que tem procedido a alluvião de systemas reductiveis ás seguintes correntes principaes: *physica* ou *mecanica*, *naturalistica* ou *biologica*, *ethnographica*, *psychologica*, *descriptiva*, *eclecticica* e *sui-generis*.

No meio da geral disputa nota-se a tendência de amesquinhar H. Spencer, no falso presupposto de o melhorar e corrigir, quando, muitas vezes, não fazem mais do que repetil-o por outra fórma.

Os exemplos superabundam, não sendo preciso ir além da chamada escola *psychologica*, nomeadamente na ramificação *norte-americana*, para ter uma prova deste assêrto.

Com alguma paciencia seria possivel, relendo

e annotando a *Sociologia* do grande philosopho inglez, achar nella a origem de muitas das idéas dadas por Tarde, Giddings, Durkheim, Gumplo-wiez e outros como originaes.

A *imitação* de Tarde, ajudada, depois, por elle mesmo, pela *opposição* e pela *logica social*; a *norma, regra* ou *coacção exterior*, de Durkheim; a *consciencia da especie*, de Giddings; — não pas-sam quasi sempre de variações da *co-operação* de Spencer, acceita, com todo criterio, por De Greef.

Para conseguirem uma certa illusão, taes auto-res forçam a nota e fingem estar certos de cousas que jámais se deram.

Assim, e é o caso do sr. Maurice Vignes, esta-belecem, como a consa mais certa deste mundo, que o philosopho britannico empregou em sociolo-gia o methodo deductivo, quando o contrario é a verdade; affirmam não haver elle sahido da con-cepção da *sociedade-méro-organismo*, quando a ex-pressão *super-organismo* não lhe faltava centenas de vezes ao bico da penna; doutrinam, por fim, que não levou em linha de conta as forças psy-chicas do homem na explicação dos phenomenos sociaes.

Quando li esta blasphemia, em autores ameri-canos principalmente repetida, tive difficuldade em acreditar no que lia; parecia-me estar sendo victima de uma illusão.

Antes de mais nada: pois era possivel que um dos creadores da psychologia moderna desprezasse os ensinamentos de tal sciencia na organização e meneio da sciencia immediatamente superior?

Não só a psychologia do individuo como a dos povos são constantemente postas em contribuição por Spencer. Quem se quizer convencer, quasi sem trabalho, basta lêr o magnifico capitulo da

*Introdução á Sciencia Social*, intitulado *Preparação pela Psychologia*.

Em sua monographia, o sr. Augusto Franco toca de leve nesta ordem de idéas, quando mostra que o grande pensador não ficou encarcerado na doutrina da *sociedade-méno-organismo*, ao geito dos organismos biologicos.

Só este facto é sufficiente para mostrar a agudeza de intuição possuida pelo moço estudante.

Póde ir além: póde affirmar, sem medo de errar, que muitas das pretendidas novidades das escolas chamadas *psychologica*, *ethnographica* e *sui-generis*, que é a que préga ser o phenomeno social alguma cousa de especificamente distincto, indefnível e inexplicavel pelos dados fornecidos pelas sciencias anteriores, muitas das taes novidades estão escondidas nas paginas do immenso tratado do autor dos *Primeiros Principios*.

Ahi lhe deixo este assumpto para suas pesquisas, e apérto-lhe as mãos pôr o vêr cada vez mais entregue a estudos sérios. Prosiga.

## V

### Ó sr. Arthur Guimarães e seu novo livro

#### I

Durante os annos de 1896, 97 e 98, tive por discipulo, em curso particular, o auctor d'este volume.

Coincidia isto com o apparecimento de tremendas descomposturas que, de vez em quando, se desencadêam sobre mim. Era época climaterica, verdadeira crise de assanhamento ophidico a investir-me por todos os lados. Como tivesse tomado a resolução de não mais entreter polémicas pela imprensa, por haver descoberto não passarem quasi todas ellas de provocações propositaes da parte de individuos sequiosos de notoriedade á minha custa, tive o necessario lazer para, alem dos cursos publicos do *Gymnasio Nacional, da Faculdade Livre de Direito, da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes*, dar as lições pedidas pelo Sr. Arthur Guimarães.

Homem de commercio, educado na severidade do viver pratico e trabalhoso, a sêde de saber denota ser a vocação fundamental de seu espirito para as lettras, vocação torcida n'outro rumo, por influencias de educação e de familia.

A instrucção litteraria não lhe passava então do estudo de alguns preparatorios; mas éra supprida pelo traquejo da vida, trafego dos negocios, meneio dos homens, aturadas leituras e proveitosas viagens.

Em leito assim preparado as minhas lições, que procurava tornar o mais possivel substanciaes, não cahiram em terreno safaro e a prova tem-na o publico n'este livro, e noutros escriptos pelo moço brasileiro.

N'um paiz, é certo, onde a mais elevada prova de talento consiste em dizer a maior copia de tolices nas mais retumbantes phrases, e onde os grupos litterarios constituem verdadeiros clans, em torno de alguns chefes, que se guerrêam uns aos outros e dão o santo e a senha para as exclusões dos que lhes não agradam, em um paiz assim os trabalhos de um Arthur Guimarães, escriptos no mais singelo dos estylos e que saem da penna de um homem não pertencente a nenhum dos agrupamentos em evidencia, não podem deixar de achar, n'aquelle meio, um quasi geral desagrado.

Digo n'aquelle *meio*, porque é preciso lembrar ainda, e sempre, não ser constituido o mundo leigente só de taes individuos, em que pése á terrivel presumpção de todos elles.

E' para os que estão de fóra e constituem a grande maioria da gente de bom senso que escrevo estas linhas.

Dou-lhes aqui o programma da especie de *propedeutica das sciencias*, organizado para as lições dadas ao joven negociante.

Poderá elle servir a outros que desejem aprender, e, em todo caso, é um documento da intuição de um professor brasileiro nos ultimos annos do seculo XIX.



Eil-o aqui:

PROGRAMMA D'UM CURSO ELEMENTAR DE  
PROPEDEUTICA DAS SCIENCIAS

**I.** Noção do conhecimento. Conceito da Sciencia. Sciencia geral e Sciencias particulares. Classificação das Sciencias.

**II.** Ideia do methodo. Seus elementos e varias modalidades. Noções de Logica.

**III.** Uma Sciencia geral do Universo: Naturologia ou Kosmologia. Sciencias particulares em que se decompõe.

**IV.** As Sciencias Mathematicas. As Physico-chimicas. As Biologicas. Noções de todas ellas.

**V.** A *thermo-dynamica* ou monismo physico-chimico. O *transformismo* ou monismo biologico.

**VI.** Principaes systemas philosophicos. Estado actual da philosophia.

**VII.** A Sciencia não é a criação unica da humanidade. Outras creações fundamentaes.

**VIII.** Uma Sciencia geral da Humanidade: Sociologia. Sciencias particulares em que se decompõe. Classificação dos phenomenos sociologicos. De Greef, Le Play, Tourville, Roméro.

**IX.** Escolas principaes de Sociologia: naturalistica ou mecanica, biologica, psychologica, ethnographica, historica. Comte, Spencer, Le Play, Tourville; de Greef, Tarde, Giddings, René Worms, Durkheim, Novicow, Gumpłowicz, Lilienfeld, Schäfile e outros.

**X.** Ideias geraes de Pré-historia, Ethnographia, Antropologia, e Linguistica.

**XI.** Evolução em geral. Sua applicação á Sociologia. Ideia do progresso humano. Evolucionismo de Spéncer.

**XII.** As *Produções Economicas; Industrias.* Sua classificação. Forças productoras. Natureza, trabalho, capital. Troca, preço, valor, moeda.

**XIII.** Questões e problemas fundamentaes da Economia-Politica. O Socialismo. Escolas.

**XIV.** A *Arte.* Ideias dirigentes da Esthetica. Classificação das Artes. Doutrinas diversas.

**XV.** A *Critica.* Sua evolução. Seus principios fundamentaes. Que posição occupa na Esthetica.

**XVI.** Principaes escolas litterarias. Lance de vista sobre a evolução litteraria e artistica.

**XVII.** Como se deve escrever a historia litteraria e artistica de um povo. Methodos varios. Exemplificação com o Brasil.

**XVIII.** Phases diversas da litteratura brasileira. Seus principaes typos representativos.

**XIX.** Ideia do *Direito.* Escolas diversas. Critica das principaes.

**XX.** Principaes institutos do *Direito.* Explanação das questões fundamentaes. Ideia da Evolução dos varios Institutos ou creações juridicas.

**XXI.** Ideia da *Moral.* Escolas a respeito. A moral evolucionista. O ego-altruismo. O fundamento da moral.

**XXII.** A *Religião.* Seu conceito fundamental. Mythologia Comparada. Suas ideias capitaes. Religiões Comparadas. Escolas principaes da moderna Critica-Religiosa.

**XXIII.** A *Politica.* Seu conceito basico. Suas relações com as creações anteriores e seu valor entre ellas. Phases principaes da Politica humana. Politica antiga, politica medieval, politica moderna, politica contemporanea. Conceitos falsissimos dos brasileiros, em geral, em relação á Politica e ao Estado.

A *Politica-alimentaria* ou *Politica-profissão e ganha-pão*.

**XXIV.** A *Historia*. Philosophia da historia. Systemas principaes. Apreciação dos grandes mestres não só no modo de escrever senão no de interpretar a historia.

**XXV.** Idéia da *Civilisação*. Elementos principaes da civilisação moderna no Occidente e no Oriente.

**XXVI.** Phases principaes da historia da civilisação. Estado social do mundo moderno. Os novos processos economicos, a nova politica, o novo viver das nações. O futuro provavel.

Levámos, mestre e discipulo, tres longos annos a deslindar este programma e ainda hoje, quando nos encontramos, o que mui commumente acontece, versamos algum ponto do extenso questionario; extenso porque não se deve ignorar que cada um d'aquelles *pontos* se subdivide em dez ou doze theses do maior alcance.

Foi no decorrer das lições a esse discipulo querido que a dificuldade da exposição, ainda que perfunctoria, do complexo do saber humano, me levou a formular a classificação didactica das sciencias, que tem servido de base, de então em diante, a todos os meus cursos. Eil-a aqui, porque póde vir a aproveitar a alguem:

CLASSIFICAÇÃO ORGANICO-DIDACTICA  
DAS SCIENCIAS

PHILOSOPHIA	{	Propedéutica	{	<i>Logica</i> , ou formas do mundo subje- ctivo.  <i>Mathematica</i> , ou formas do mundo objectivo.	}	HISTORIA
-------------	---	--------------	---	--	---	----------

PHILOSOPHIA	}	Transição	Naturalistica	<i>Mecanica.</i>	}	HISTORIA
				<i>Physica.</i>		
				<i>Astronomia ou Physica Celeste.</i>		
				<i>Chimica.</i>		
				<i>Biologia.</i>		
				<i>Psychologia.</i>		
				<i>Anthropologia.</i>		
				<i>Linguistica.</i>		
				<i>Ethnographia.</i>		
				<i>Industria e Sciencia das Industrias, ou Economia Politica.</i>		
				<i>Arte e Sciencia das Artes, ou Esthetica.</i>		
				<i>Religião e Sciencia das Religiões, ou Critica Religiosa.</i>		
				<i>Direito e Sciencia do Direito, ou Jurisprudencia.</i>		
				<i>Politica e Sciencia da Politica e da Administração do Estado.</i>		
<i>Moral e Sciencia da Moral, ou Ethica.</i>						

A explicação d'este quadro didactico da classificação das sciencias é facil. Predomina o principio da complexidade crescente, base de toda classificação racional. Inicia-se a serie pelo que pôde haver de mais geral e simples: as *formas e relações*, quer do mundo subjectivo quer do objectivo. As ideias ahi reinantes de *co-existencia e successão*, symbolisadas nos conceitos de *espaço e tempo*, dão logar á *Logica* e á *Mathematica*, que constituem uma especie de *propedeutica* geral do estudo das sciencias.

Após esta propedeutica destacam-se os dois grandes objectos de conhecimento: a *Natureza*, o *Mundo*, o *Universo*, como lhe queiram chamar, e o *Homem*, a *Humanidade*, a *Sociedade*.

Pode-se considerar a *Natureza* em seu conjunto como susceptível de ser o objecto de uma sciencia geral, sob a denominação de *Naturalistica* ou *Naturologia*, ou, se quizerem, *Kosmologica* ou *Kosmologia*, da qual se destacam as diversas sciencias particulares que têm por objecto os phenomenos naturaes, desde a *Mecanica*, que se occupa do phenomeno que póde haver mais geral no mundo, o movimento no espaço e no tempo, até á *Psycologia*, que trata da vida espirital do homem individual, que, n'esta qualidade, é um objecto da natureza, como outro qualquer.

Entre a *Mecanica* e a *Psycologia* figuram successivamente: a *Physica*, a *Astronomia* ou *Physica Celeste*, após a *Physica geral*, de conformidade com a correcção irrefutavel de Spencer á seriação de Comte, a *Chimica* e a *Biologia*. Devem seguir-se a sciencia que trata da *Sociedade* e suas varias ramificações; existem, porém, pelo menos, tres sciencias de grande merito, tres formações modernas, que constituem a transição entre o mundo physico e o mundo social, entre as sciencias do universo e as da sociedade humana, e são: a *Antropologia*, a *Linguistica*, a *Ethnographia*. Após estas surgem, então, as sciencias da Humanidade ou Sociedade.

Póde-se considerar, sob a denominação de *Socialistica* ou *Sociologia*, o complexo dos phenomenos sociaes, constituindo uma Sciencia geral.

D'ella se destacam as sciencias que estudam as grandes creações humanas, a saber: a *Industria* e a *Sciencia das Industrias* ou *Economia Politica*, a *Arte* e a *Sciencia das Artes* ou *Esthetica*, a *Religião* e a *Sciencia das Religiões* ou *Critica Religiosa*, o *Direito* e a *Sciencia do Direito* ou *Jurisprudencia*, a *Politica* e a *Sciencia da Poli-*

tica e da *Administração do Estado*, a *Moral* e a *Sciencia da Moral* ou *Ethica*.

E como todos estes assumptos podem ser tratados *philosophicamente*, isto é, sob um aspecto geral e synthetico de unificação do saber no seu estado actual, ou *historicamente*, isto é, no seu desenvolvimento e evolução no tempo e no espaço, temos duas outras sciencias: *Philosophia* e *Historia*.

Póde ser que me illuda: mas o quadro parece-me completo e perfeito, como disposição organica e didactica das sciencias e presta bons serviços na pratica. Habilita o espirito mais rebelde a ter uma vista de conjunto de toda a vastissima área das ideias e do saber humano.

## II

Algumas palavras agora ácerca do presente livro. Compõe-se elle de dez estudos de extensão e valor designaes e vêm a ser: *O Brasil Economico e Financeiro*, *Subsidio para o Estudo das causas da Crise Commercial Brasileira—(1889-99)*, *Notas e reflexões ácerca da Crise Bancaria de Setembro de 1900*, *As classes Productoras e a Representação Nacional*, *Crise Economica no Brasil*, *Uma das faces do problema commercial*, *Outra face do problema commercial*, *Da vantagem de crear-se a historia commercial no Brasil*, *O commissariado de café no Brasil*, *Synthese historica do Commercio Nacional e Noticia de seus principaes representantes no Rio de Janeiro*.

Os melhores são os que se referem ás crises

*commercial, bancaria e economica*, e os que se occupam do conjuncto do Brasil economico e financeiro (o 1.º) e das classes productoras e a representação nacional (o 4.º).

Estes dois ultimos foram por mim recommendados ao meu presado amigo para servirem de subsidio e documentação ao quadro do Brasil como elle é de facto, estudado pelos processos da escola de *Le Play* e *Tourville*, que ando a preparar.

Que escola é esta? Perguntará a maioria dos leitores, até os que se julgam melhor informados.

Para responder a esta pergunta, reproduzo aqui, em resumo, palavras já emittidas na parte escrita do alludido quadro.

Duas especiaes circumstancias me puzeram no encaicho das ideias que vão ser expostas: a observação attenta dos factos passados no periodo republicano que se vae atravessando e o conhecimento mais intimo das doutrinas e ensinamentos da chamada Escola da *Sciencia Social* de *Le Play*, *H. de Tourville*, *Ed. Demolins*, *P. Rousiers*, *A. de Preville*, *P. Bureau* e tantos outros, aos quaes se devem os melhores trabalhos existentes sobre a indole das nações.

A Republica teve a vantagem de revelar este querido povo brasileiro tal qual é, entregue a si proprio ou a seus naturaes directores, o que vem a ser a mesma coisa.

Os vicios e defeitos de sua estrutura social tornaram-se patentes aos observadores imparciaes e cultos.

Até á Independencia este amado Brasil tinha apparecido sempre sob a tutella da realza portugueza que o havia dirigido, guiado, afeiçoado, por assim dizer, ao sabor de seus planos e designios, até onde

governos podem influir na estrutura das massas populares sobre que lhes cumpre velar. No regimen passado igual tutella tinha sido exercida pela monarchia nacional que se poderia considerar em mais de um sentido, uma continuação, um prolongamento da realza mãe. Poder-se-hia dizer que havia uma força estranha a estorvar o povo no seu andar normal e proprio.

Hoje este obstaculo jaz desfeito: não existe mais tal embaraço ou tal desculpa. O observador não encontra um astro estranho a desviar-lhe os instrumentos de analyse; não encontra tropeços no caminho.

As doutrinas do evolucionismo spenceriano tinham-me pôsto na pista do desdobramento natural dos varios ramos da actividade humana; tinham-me despertado a attenção para as formações dispare dos povos mestiçados, nomeadamente os da America do Sul, e, por esse caminho, havia sido conduzido ás conclusões a que cheguei em todos os escriptos ácerca da minha patria. As doutrinas da escola de Le Play, posteriormente, fizeram-me penetrar mais fundo na trama interna das formações sociaes e completar as observações exteriores do ensino spenceriano.

E' uma confirmação, em última instancia, de conclusões obtidas por outros meios e estradas.

A historia d'estes quinze annos de Republica têm servido aos espiritos sem preocupações mesquinhas, para aclarar toda a historia colonial, regencial e imperial do Brasil. O periodo da Regencia sobretudo esclarece-se com uma intensa luz nova. A cohesão, a unidade, a estabilidade constitucional do paiz, a intima organização da nação eram em grande parte puramente illusorias! O manto da realza, puxado e repuxado em todos os sentidos



pelos politicões de officio, encobria muita coisa que se não deixava vêr.

A Republica manifestou o Brasil tal qual é; e, por isso, exactamente, é o governo que mais lhe convem, porque o não illude; mas com a condição de ser vasado em moldes conservadores ou de um apertado federalismo contido sempre por um forte governo central. E' o que se vae vêr na luz do systema de *Le Play* e *Henri de Tourville*.

Claro é que de tal doutrina, cujas producções re-commendo, não tenho a fazer n'este logar uma exposição esmeuçada: apenas as linhas principaes para comprehensão do leitor.

Os homens cultos d'entre os nossos medicos, engenheiros, magistrados, advogados, officiaes de curso de terra e mar, que são os *verdadeiros intellectuaes* do Brasil, têm quasi geralmente andado ao par de outras doutrinas, as do positivismo, do evolucionismo, do socialismo, por exemplo, e não têm lançado as vistas sobre os bellos trabalhos da escola de *Le Play*, cujo nome uma ou outra vez ha sido citado, com evidente desconhecimento de seu ensino. Que eu saiba, só nos meus cursos de poucos annos, a esta parte, e agora n'estas linhas, é que se faz um appello mais serio a esse systema e seus processos.

Não é que lhe acceite todas as ideias. Sobre o conceito de *raça*, verbi-gratia, a celebre escola, supponho, confunde o sentido *anthropologico* com o *sociologico*; porque, parece não ligar importancia ao primeiro e só admittir o segundo. Figura-se-me isto uma simples illusão franceza. Tambem lhe não acceito a classificação dos phenomenos sociaes, que se me antolha antes uma nomenclatura de problemas e questões a estudar, do que rigorosa classificação.

Como quer que seja, porém, os meritos da doutrina, a despeito d'estas e d'outras divergencias, deparam-se preciosos para quem quer conhecer a fundo um paiz qualquer e a gente que o habita. Em primeiro logar, lança mão, para tal fim, de processos de acurada observação local, estudando em *monographias especiaes* cada região do paiz sob as mais variadas faces, conforme uma enumeração de questões, que são outros tantos aspectos fundamentaes da vida social.

Só depois de reunida grande massa de documentos do genero é que os mestres do systema se atrevem a formular quadros geraes d'esta ou d'aquella nacionalidade e a estabelecer as leis de seu desenvolvimento. N'este genero são dignos de detida leitura os livros de Edmond Demonlins, — *A quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons, Les Grandes Routes des Peuples (Les Routes de l'Antiquité e Les Routes du Monde Moderne), Les Français d'aujourd'hui (Les Types Sociaux du Midi et du Centre e Les Types Sociaux du Nord)*; de Paul de Rousiers, — *La Question Ouvrière en Angleterre, La vie Americaine*; de A. de Préville, — *Les Sociétés Africaines*; de Paul Boreau, — *Le Homestead ou l'Insaisissabilité de la petite propriété foncière*; de Henri de Tourville, — *Histoire de la Formation Particulariste* (1); A enumeração ou classificação dos problemas sociaes deve partir dos factos mais intimos e indispensaveis á vida, sem os quaes nem a propria subsistencia da gente

---

(1) Uma ideia completa da doutrina, além dos livros citados e das obras de Le Play, póde ser adquirida na revista *La Science Sociale* e no livro de J. B. Maurice Vignes, — *La Science Sociale d'après les principes de La Play et de ses continuateurs*.

a estudar seria possível. Taes são os *meios de existencia*, que se denominam — *logar, trabalho, propriedade immovel, bens moveis, salario, economia* ou *poupança*. Entre estes seis grupos de *meios de existencia*, que dão logar a variadissimas questões, como se póde vêr em Henri de Tourville, — *La Nomenclature Sociale*, ou em Maurice Vignes, — *La Science Sociale d'après les principes de Le Play*, entre estes meios, dizia, e o *modo de existencia* (*alimentação, habitação, vestuario, hygiene, recreações*), que vem após, colloca-se o assumpto dos assumptos, a questão das questões, a *Familia*. Esta é a base de tudo na sociedade humana; porque, alem da funcção insubstitutivel e essencial de garantir a continuidade das gerações successivas, forma o grupo proprio para a pratica do *modo de existencia*, o nucleo legitimo da maneira normal de empregar os recursos criados pelos *meios de viver*. Em seguida succedem-se: as *phases da existencia*, o *patronato*, o *commercio*, as *culturas intellectuaes*, a *religião*, a *visinhança*, as *corporações*, a *communa* ou *concelho* ou *municipio*, as *reuniões de communas* ou *concelhos*, a *cidade*, a *comarca*, a *provincia*, o *Estado*, a *expansão da raça*, o *estrangeiro*, a *historia da raça*, a *posição* ou *jerarchia da raça*. Ao todo vinte e cinco grupos de factos e problemas sociaes da mór importancia e do mais sério alcance. O estudo d'estes assumptos, no tempo e no espaço, tem dado logar a algumas conclusões notaveis.

D'est'arte, a humanidade, mais ou menos em conjuncto, tem atravessado tres grandes edades sociaes: a idade das *producções espontaneas e dos aparelhos ou instrumentos manejados pelo braço*; a idade das *machinas movidas pelos animaes, pelos ventos, pelas aguas correntes*; a idade do cur-

*vão de pedra, do vapor e da electricidade, applicados á producção das subsistencias e ao serviço dos transportes.*

As revoluções operadas na vida social por essas varias alterações introduzidas no regimen do trabalho são da mais consideravel importancia.

Por outro lado, a familia, estudada quer historicamente, quer na actualidade, apresenta quatro modalidades typicas, do maior valor para quem quizer comprehender a indole das sociedades a que servem de base fundamental.

Uma sociedade vale pelo que vale n'ella a familia.

Os quatro typos são: *familia patriarcal*, *familia quasi particular*, *familia-tronco (SUCHE)*, *familia instavel*, acceitando as modificações feitas nas ideias de Le Play por seus discipulos. O velho mestre só tinha classificado tres typos e acertadamente foi corrigido n'este ponto.

Eis as definições das quatro modalidades, conforme Mauricio Vignes: «A *familia patriarcal* é aquella na qual os pais não pensam em preparar seus filhos para que elles venham a criar uma posição livre: porque a extensão do solo disponível, o fraco crescimento da população e das necessidades permitem aos filhos ficarem na indivisão.

Quando estas circumstancias, que facilitam a vida em commum nos dominios paternos, vêm a desaparecer, quando o numero dos casaes reunidos em um mesmo sitio fica fóra de proporção com a productividade das terras ou da officina de trabalho, quando o equilibrio entre as subsistencias que estas produzem e a população que n'ellas reside é rôto, faz-se mister destacarem-se algumas familias. Limita-se assim a familia patriarcal a cinco ou a quatro ou a tres casaes e seus filhos.

Um dia, sob o impulso das mesmas causas, a família reduz-se a dois casaes, o do *pai* e o do *herdeiro escolhido para continuador*.

Estamos, n'este caso, em face da *família quasi patriarcal*.

A transmissão *integral* da officina de trabalho a um só filho é, n'este caso, com effeito, um vestigio da transmissão *integral* em proveito de todos; a transmissão individual substituiu a transmissão *integral* collectiva. Os filhos que não herdam em especie recebem sua quota em dinheiro; mas como não foram criados com o pensamento de deixar a terra natal, nada os prepara no sentido de vencerem na lucta pela vida. Sahidos de uma *communidade*, continuam a contar com ella, a appellar para elle em seus embarços e em seus desanimos.

A *família-tronco* (SUCHE) não é, como a precedente, uma redução da família patriarcal. As sociedades que possuem este genero de família por base, as *sociedades de formação particularista*, originaram-se nas costas da Scandinavia em consequencia da invenção da barca a vélas e das condições de iniciativa e isolamento, impostas, a essas gentes energicas, pela pesca maritima.

Tal família funda-se na educação individualista dada aos filhos. Esta educação leva-os ás vezes a abandonar o pae para melhor trabalhar, empregar melhor as proprias forças. A's vezes um filho consente em ficar, com a promessa de lhe ser integralmente transmittida a officina de trabalho.

Outras vezes recusa; porém, até n'este caso, a família não perde o seu caracter fundamental, porque o isolamento dos paes e a sahida de todos os filhos originam-se do desenvolvimento particular das qualidades de iniciativa e de coragem dos ul-

timos, e tendem ao progresso da actividade geral e das virtudes civicas.

Na *familia-tronco* os filhos, collocados entre dois deveres, o de piedade filial e o de labor social, sacrificam o primeiro, em consequencia, aliás, dos incitamentos dos proprios paes, que renunciam a guardar perto de si seus descendentes reclamados pela patria e pelo trabalho.

E, pois, se o individuo voluntariamente se desprende da familia, é para consagrar mais intensamente sua actividade ao augmento das riquezas e das forças geraes. Os habitos, oriundos do espirito de familia, cedem o passo aos costumes impostos pelo devotamento á sociedade.

Não é em tão boas razões que se funda a *familia instavel*. N'esta faltam dois caracteristicos essenciaes, existentes na familia precedente: falta a educação viril dada aos filhos; e, além d'isso, se não existe a *transmissão hereditaria integral*, não é porque os filhos recusem prestar-se a ella por trazerem em si as largas esperanças e os vastos pensares, cuja realisação é incompativel com o apêgo á profissão paterna, não; é porque a transmissão integral se tornou ou inutil pelo retalhamento da propriedade, ou impossivel em consequencia do influxo dissolvente da legislação e do principio da partilha igual em especie.

Se os filhos não ficam junto aos paes, é que temem perder a liberdade, porque esse dever lhes pésa e não porque os paes lhes aconselhem a procura ou lhes tenham ensinado a achar fóra uma posição independente; é, ainda, porque nenhum filho póde contar com a transmissão integral em seu favor, em razão do estado de desmembramento excessivo das propriedades ou da má legislação. A *familia instavel* deriva, portanto, da falta de

espírito familiar, da falta de domínios agglomerados e do principio da egualdade hereditaria imposta por uma legislação retrograda.» (1)

Estas quatro classes de familias, oriundas de certas e determinadas particularidades ethnicas e historicas e, muito de perto, de condições especiaes de *logar, trabalho e propriedade*, dão origem a duas categorias de sociedades humanas: *as sociedades de formação communaria (communautaire)* e *as sociedades de formação particularista*. (2)

As *sociedades de formação communaria*, expressão esta, como digo em nota, que se não deve confundir com o termo *communista* no sentido que hoje lhe dá certa ramificação do moderno socialismo, comprehendem as diversas variedades de gentes que procuram resolver o problema da existencia, apoiando-se na *collectividade*, na *communhão*, no *grupo*, quer da *familia*, quer da *tribu*, quer do *clan*, quer dos *poderes publicos*, do *município*, da *provincia*, do *Estado*.

As de *formação particularista* encerram as diversas variedades que buscam solver o problema da vida, firmando-se unicamente na energia individual, na iniciativa privada, e tiram o nome do facto de conservar n'ellas o *particular* toda a independencia em relação ao *grupo*. (3)

(1) *La Science Sociale d'après les Principes de Le Play et de ses Continueurs*, par J. B. Vignes, I, pag. 196.

(2) A lingua franceza, mais rica do que muita gente pensa, alem dos substantivos *commun, commune, communax, communage, commanauté, communisme*, e dos adjectivos *commun, communal, communaliste, communiste*, que correspondem (os ultimos) aos nossos — *commun, communal, communalista, communista*, possui o adjectivo *communautaire* que julgo poder traduzir por *communario*, porque *communista*, por exemplo, já tem outro significado.

(3) Ed. Demolins — *Les Français d'aujourd'hui (Les Ty-*

Pondo de parte as sociedades *simples dos caçadores e pescadores selvagens*, cujo característico principal é não ter familia, as sociedades *complexas*, em cujo numero, abrindo a lista, devem ser contadas as gentes *pastoris* do Oriente e os *pescadores* progressivos da Scandinavia, pertencem a uma ou a outra das duas categorias citadas.

As *communarias*, em muito maior numero do que as *particularistas*, apresentam tres modalidades typicas, conforme a especie de familia que lhes serve de apoio: *communaria de familia*, tendo por fundamento a familia *patriarcal*; *communaria de familia e de Estado*, tendo por base a familia *quasi-patriarcal*; *communaria de Estado*, firmada na familia *instavel*. As duas primeiras predominam no Oriente asiatico e europêo; a ultima no Meio Dia occidental da Europa e na America do Sul. (1)

As sociedades de *formação particularista*, apresentam duas modalidades: ou dá-se a escolha de um *continuador* do patrimonio e da officina de trabalho, o que, alem da forte educação moral e do grande espirito de iniciativa, faz a sociedade revestir-se d'um bello aspecto patriarcal no largo sentido; ou, com a plena liberdade de testar da parte dos pais, os filhos nem sequer pensam em lhes succeder, contentando-se com as qualidades de character que herdaram. A primeira modalidade é corrente na Europa Scandinava, na Inglaterra, na Hollanda, na planicie Saxonica; a segunda nos Estados-Unidos.

Sob o ponto de vista especifico do trabalho, que

---

*pes Sociaux du Midi et du Centre*), pag. 440; *A' quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons*, pag. 53.

(1) Ed. Demolins, *lcco cit.*



vem a ser a grande móla que move e afeiçôa as sociedades humanas, cumpre não perder de vista que varias têm sido as phases atravessadas pela especie; partindo ella do simples *apanhamento* de substancias que se prestam ao alimento e dos *productos espontaneos* da *caça* e da *pesca*, que demandam rudimentar esforço, passando pela *recolha* ou *collecta* da arte do *pastoreio* e das producções *fructiferas* arborescentes, seguindo pela cultura maior ou menor, até chegar á cultura intensa e vastissima e ás industrias complicadas dos tempos hodiernos.

Cada um d'estes generos de trabalho, cada uma d'estas officinas de producção, cada uma d'estas maneiras de agenciar os meios de subsistencia trazia e traz consequencias especiaes indeleveis, difficillimas de apagar; porque ellas constituem o *substratum* intimo das sociedades.

Claro é, por outro lado, que a humanidade, tomada em seu todo ou considerada em seu conjunto, não atravessou toda ella ao mesmo tempo e de parceria cada uma das phases d'essa gradação.

As situações reciprocas dos povos divergem.

A posição do Brasil, seu verdadeiro estado social, esclarecido com o criterio intimo dos elementos primarios e essenciaes da vida, é que me proponho a elucidar.

Infelizmente só em traços largos e em linhas geraes; porque um estudo regular e completo do paiz, sob tal methodo, exigiria tres ou quatro volumes, firmados em duzentas ou trezentas monographias, que não existem, que estão por fazer.

Seria preciso apreciar acuradamente, sob multiplos aspectos, cada um dos povos que entraram na formação da nação actual; dividir o paiz em zonas de producção, zonas sociaes; em cada zona analysar uma a uma todas as classes da população

e um a um todos os ramos da industria, todos os elementos da educação, as tendencias especiaes, os costumes, o modo de viver das familias de diversas categorias, as condições de vizinhança, de patronagem, de grupos, de partidos; apreciar especialmente a vida das povoações, villas e cidades, as condições do operariado em cada uma d'ellas e nas roças, nos engenhos, nas fazendas, nas estancias de criar, os recursos dos patrões, e cem outros problemas, dos quaes, n'esta parte da America, á rhetorica dos bandos partidarios que vivem *politica alimentaria* que os nutre, devorando a patria, já-mais occorreu cogitar...

E, todavia, a despeito das difficuldades, levarei, se tiver vida e saude, ao cabo a empreza.

Como um dos muitos elementos de analyse indispensaveis, foi que encarreguei o ex-discipulo e dilecto amigo, auctor d'este livro, de traçar um esboço do Brasil economico, especialmente no que se refere ao *deficit de subsistencias*, que é uma das chagas mais cruéis que nos fazem definhar.

Elle galhardamente o cumpriu no suggestivo estudo que abre o volume.

Só me resta de publico agradecer-lhe o serviço e recommendar os presentes ensaios a todos aquelles que em publicações impréssas preferem verdades e factos ás deliquencias, arrebiques e fitalhadas falsas de todas as prósas vans, tão do gosto de certos charlatães, que dançam no jornalismo como as ciganas nas feiras, para gaudio de basbaques e desoccupados...:

Março de 1904.

## Versos, versos e mais versos...

E' facto evidentissimo que o numero dos poetas está em *enorme* desproporção, no Brasil, com o dos cultores d'outros gêneros litterarios, e *enormissima* com o dos auctores de producções scientificas.

Não é tudo: a alludida cifra tem augmentado consideravelmente nos derradeiros trinta e quatro annos. Digo trinta e quatro annos, porque, se se tomar, como é de justiça, a data de 1870 qual sendo a que deva marcar o inicio das novas escolas substituidoras do romantismo, *currente cursu*, tantos são os annos decorridos.

E, como, se se tomar a data de 1836 para começo da romantica brasileira, qual é costume geralmente, outros trinta e quatro annos foram os preenchidos pela famosa escola, a contar d'alli até 1870, não é sem razão balancêar, desde já, os resultados obtidos nas duas phases litterarias.

Afeitamente, sem mêdo de contestação séria, atiro aqui duas affirmações categoricas: a escola romantica foi mais rica em producções de merito do que qualquer das quatro ou cinco que a substituíram e até do que todas ellas juntas; grande multidão de poetas n'um povo qualquer é claro

indício de sua defeituosa organização social e da pouca profundidade de sua cultura.

A primeira propozição é irrefragavel para quem conhece a historia intellectual brasileira durante o seculo XIX. Do periodo romantico é licito lançar sem rebuço as seguintes theses: Excedeu a phase seguinte no *theatro*: Penna, Magalhães, Macedo, Alencar, Agrario, Achilles Varejão, Castro Lopes, França Junior não tiveram successores n'altura de seus meritos.

Creio que ninguem o contestará. Excedeu-a no *romance*: Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães, Manoel de Almeida, Taunay, Franklin Tavora, Machado de Assis são superiores aos seus descendentes. Excedeu-a na *eloquencia sagrada*: Mont'Alverne, Romualdo, Frei Raymundo, Itaparica, Patricio Muniz, Fonseca Lima ainda não foram substituidos com vantagem. Excedeu-a na *eloquencia parlamentar*: Abrantes, Uruguay, Jequitinhonha, Inhomirim, Souza Franco, Zacarias, Nabuco, Silveira Martins, José Bonifacio, Fernandes da Cunha, Cotegipe, Paranhos não tiveram ainda os seus eguacs. Excedeu-a na *historia*: Varnhagen, Joaquim Caetano, Candido Mendes, Rayol, João Francisco Lisboa, Paranhos Filho que vem d'esse tempo, João Mendes — ainda não foram eclipsados.

Excedeu-a nas *sciencias naturaes*: Gabaglia, Freire Allemão, Capanema, Ladisláo Netto, Barbosa Rodrigues, Baptista de Lacerda que tambem pertenceu áquella phase, são as nossas figuras mais salientes em tal esphera.

Excedeu-a na *ethnographia* e na *linguistica americana*: Baptista Caetano, Ferreira Penna, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues não tiveram ainda successores que os offuscassem. Excedeu-a no *di-*

reito: Nabuco, Teixeira de Freitas, Ribas, Ramalho, Paula Baptista, Mendes da Cunha, Tobias Barreto ainda não foram ultrapassados. Clovis Bevilacqua, o extraordinario jurista, seria o unico a se poder oppôr, nos dias de hoje, áquella brilhante pleiade; mas é, por isto mesmo, magnifica excepção que confirma a regra.

O mesmo seria justo dizer do admiravel Arthur Orlando, se esse não fosse mais um philosopho e sociologo do que um jurista. Excedeu-a, porque não dizelo? na *poesia*, pelo menos no que a divina arte tem de mais natural, de mais espontaneo, e, sobretudo, de mais nacional: Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, Laurindo Rabello, Maciel Monteiro, José Bonifacio, Casimiro de Abreu, Bittencourt Sampaio, Fagundes Varella, José Maria do Amaral, Tobias Barreto, Castro Alves, Teixeira de Mello, Luiz Guimarães Junior, e Luiz Delfino que vem largamente da phase romantica, e, por mais que se agite, não passa de um romantico, tão genuino como os que mais o sejam, todos estes são ainda os mais valorosos poetas brasileiros: Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Theophilo Dias, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Bernardino Lôpes, Mucio Teixeira, Emilio de Menezes e Cruz e Souza são dignos de formar com aquelles a *ronda* brilhante de nossa poesia; não porque lhes sejam superiores, senão porque são os seus eguaes, no que a poesia brasileira tem de mais significativo — o *lyrismo*, que não passa no fundo da expressão mais completa do genio *romantico*. . . Têm merito pelo que n'elles é um reflexo, um *survival* da velha escola. E' isto e só isto; ninguém se illuda.

A terrivel arrogancia dos diversos grupos de *novos*, surgidos de cinco em cinco annos com as

gerações academicas, desorientava muita gente; mas era apenas um motivo de discreto sorriso em todos os que andam afeitos ao estudo dos factos sociaes e, entre elles, dos phenomenos litterarios.

*Ex fructibus eorum cognoscetis eos*; logo pelos primeiros productos dos mais ousados innovadores, — conheceu-se que a velha escola lhes podia assignar *uma dilacão de trinta annos* e dormir descansada, na certeza de que não seria excedida em brilho e talento.

Tive, ha muitos annos, a coragem de o affirmar em letra de fôrma; levei muitas descomposturas; sorri-me d'ellas. E' que contava com uma coisa com que os levianos não contam: o tempo!

Muitos dos mais exaggerados nos improperios, coitados! já morreram sem nada ou quasi nada haverem produzido...

Mas deixemos a primeira proposição, que parece provada, e venhamos á segunda, muito mais consideravel e digna de meditação da parte dos jovens brasileiros: um exaggerado número de poetas, n'um povo dado, é claro indicio da sua defeituosa organização social e da pouca profundeza e seriedade de sua cultura.

O Brasil é a mais eloquente prova d'este facto nos modernos tempos: se uma immensa multidão de fazedores de versos fosse prova de força, cultura, progresso, adiantamento, riqueza e bem estar, seria o primeiro paiz do mundo.

Dá-se aqui com os poetas o que acontece em Hespanha com os oradores. Lá pullulam estes e nem por isso aquella famosa gente caminha desassombrada aos sons de tantas e tão eloquentes discurseiras. Aqui os poetas representam equal papel; quanto mais se multiplicam, mais cantigas brotam de todos os lados, mais escolas borbulham

por toda a parte, mais o desventurado Brasil man-  
queja... Só por ahi se vê que verselhada e man-  
queira social e politica, não são coisas incompati-  
veis: ao contrario, aquella é uma das manifesta-  
ções d'esta. E não é porque sejam todos máos  
poetas: são, ao envez, bons em grande numero.  
E' ainda o caso dos collegas de Castellar; e  
aqui lembra-me um significativo episodio de via-  
gem.

Quando, em 1900, atravessava a Hespanha com  
destino a Paris, cuja Exposição ia visitar, uma  
noite, na estação de Medina del Campo, veio to-  
mar assento no wagon que me conduzia um joven  
hespanhol.

Com poucas, no correr' da viagem, dirigi-lhe a  
palavra e conheci, logo ás primeiras notas, ter  
diante de mim um homem intelligente e culto.

Por lhe ser agradável, e, ainda mais, por curio-  
sidade, puz-me a indagar da vida espirital da  
nobre nação hespanhola.

Eu faziã um interrogatorio em regra.

Os melhores juristas? Taes e taes. Os mais  
illustres criticos? Taes e taes. Os mais profundos  
philosophos? Taes e taes. Os mais brilhantes poe-  
tas? Taes e taes. Os mais admirados historiado-  
res? Taes e taes. E sobre cada uma das mais  
salientes individualidades, o meu sagaz interlo-  
cutor dava pinceladas de mão de mestre.

Algumas indicações me forneceu até sobre his-  
toriadores do antigo direito hespanhol que, mais  
tarde, na volta, me vieram a servir em Madrid  
para a compra de livros. Mas, no curso de nossa  
conversação que se prolongou até San Sebastian,  
perguntei-lhe: E os mais eloquentes oradores? *To-  
dos...* foi a resposta. Como todos?! redargui es-  
pantado. *Si, si, todos... en España todos hablan*

*bien!* E' o nosso caso com os poetas: no Brasil todos os poetas são bons, todos... se para ser bom poeta basta metrificicar com facilidade, brilho, graça, alinhando, com a maior segurança d'este mundo, uma multidão quasi interminavel de magnificos logares communs.

D'esta craveira geral mui poucos têm conseguido escapar.

Genio verdadeiramente criador ainda não tivemos um só.

Do facto, porem, do valor pessoal de grande parte dos poetas não se segue a falsidade da these que vou demonstrar.

Tenho em favor provas tomadas á ethnographia, provas ensinadas pela critica esthetica e pela sciencia social.

Na ethnographia é facto, só ignorantes, indignos da minima consideração, o poderão desconhecer, que na vida das grandes raças ha dois momentos em que a poesia é quasi geral. O primeiro é quando existe o syncretismo entre ella, a dança e a musica.

As tres artes são então anónimas, fazem parte do culto religioso e de todas as manifestações collectivas da psyché nacional. E' o periodo das grandes danças religiosas, mythicas, guerreiras, funebres, industriaes... e tantas outras variedades que acompanham as fundas expansões da multidão. Quasi toda a gente toma parte n'ellas: a massa dança, canta e poetisa em commum.

Mais tarde já não é em rigor toda a população, são as classes mais fervorosas, nas quaes as tradições mais fundamente echôam, as que cantam juntas. E' o periodo dos vastos poemas cyclicos, a phase mais brilhante da poesia anonyma. E' o cadinho d'onde brotaram as largas epopéas nationaes.



N'esses dois periodos comprehende-se que os poetas formassem legião. E' o que ensina a ethnologia. A boa critica litteraria, a critica manejada por quem sabe, por quem possui o indispensavel cultivo scientifico, chega á mesma conclusão. Nota esses primordiaes periodos, e vae marcando, successivamente, a reducção cada vez mais accentuada da funcção poetica no homem, funcção que acabará por vir a pertencer a reduzidissimo numero de almas que se achem entre os modernos nas condições atavicas dos primitivos bardos.

«La poésie, disse um dos grandes mestres da critica moderna, la poésie est une des facultés de l'homme primitif, aussi bien que la création des langues et des religions, portant une puissance qui tend à se perdre à mesure que la civilisation s'établit et se raffine. Si donc il y a toujours des poètes, comme je le crois, parce qu'il y aura toujours çà et là des individus à imagination créatrice, ces poètes seront de plus en plus isolés. *Autrefois, c'est la société tout entière qui créait; elle donnait naissance aux chants populaires, aux poemes nationaux et anonymes. Plus tard, la foule ne chanta plus elle même, mais elle reçut les poètes comme des envoyés du ciel, vivant de leurs inventions, se redisant leurs vers. Enfin la poésie ne fut plus que de la littérature; mais cette littérature avait encore un public, elle en avait encore un il y a vingt ans, et aujourd'hui elle n'en a plus. Les plus beaux vers du monde à l'heure qu'il est, ne feraient plus événement. Il y aurait quelques hommes de goût, quelques hommes de lettres pour les lire, produits eux-mêmes d'une culture artificielle et arriérée, mais la foule resterait indifférente.*» (1)

(1) Ed. Scherer, *Littérature Contemporaine*, IV, pag. 33.

Palavras foram estas escriptas em 1868, ha trinta e seis annos, e já n'aquelle tempo era preciso recuar vinte annos, chëgar até 1848, para encontrar um publico ainda preocupado de poesia.

Hoje, tanto tempo depois, o circulo reduziu-se ainda mais: é menor o grupo dos admiradores especialistas e muito mais diminuido anda o numero dos verdadeiros poetas. E se o Brasil parece desmentir a regra, a razão provém de que o seu estado social não é o de um povo verdadeiramente culto, nem os seus poetas são verdadeiramente grandes poetas originaes. A mór parte d'elles é de versejadores habéis, de *virtuosi* déstros, atilados, nos quaes a vaidade incommensuravel faz as vezes de genio creador.

As excepções andam ha muito consagradas pelo bom senso popular. Mas, como disse, na sciencia social encontram-se tambem argumentos em prol da these enunciada; e são motivos de maior pëso. Os que conhecem a escola de sociologia descriptiva de Le Play, H. de Tourville, E. Demolins, P. Rousiers, Prëville, P. Bureau, Babelon e outros, sabem que as sociedades humanas, excepção feita das aggremações simplistas de caçadores e pastores em estado selvagem, ainda hoje existentes, se reduzem a quatro typos fundamentaes: *as sociedades communarias de familia, tendo por base a familia patriarcal, as communarias de familia e estado, firmadas na familia quasi-patriarcal, as communarias de estado, arrimadas na familia instavel, e finalmente, as de formação particularista, tendo por esteio a familia-tronco (souche).*

São expressões correntes para conhecedores da notabilissima escola, e por isso dispensam aqui explicações. Os que as não conhecem procurem inteirar-se a respeito no estudo dos auctores cita-

dos. Para estes, quaesquer rapidas notações seriam, assim de relance, perfeitamente inúteis. Só com vagar se poderão instruir no assumpto. Ora, acontece que das quatro fórmulas de sociedades, as duas primeiras, que ao lado de algumas desvantagens graves, possuem serios predicados uteis, florescem no Oriente europeu e asiatico. Em o nosso occidente encontram-se as outras duas formulas, as quaes occupam os dois extremos, a saber: as *communarias de estado*, o typo socialmente mais instavel, e as de *formação particularista*, o typo mais vivaz, mais progressivo, mais autonomo, no qual a iniciativa, o valor pessoal, a capacidade criadora do individuo tem maior emprego e mais amplos meios de acção.

Pode-se, se parecer preferivel, reduzir as quatro formulas a dois typos capitaes, pois que ás tres primeiras cabe a indole *communaria*, desde o *patriarcalismo* puro e previdente do alto Oriente, até a *instabilidade patrimonial* de nosso Occidente, passando pelo quasi patriarcalismo da Russia e da Bulgaria; pode-se, digo, reduzir as sociedades humanas a dois typos; as *communarias* e as de *formação particularista*.

Os quatro typos completos acham-se admiravelmente descriptos por Maurice Vignés, em seu bello livro sobre a *Escola de Le Play e seus continuadores*. — Essa classificação em quatro typos já é um resultado das emendas feitas pelos discipulos de Le Play á obra do mestre. O mesmo se dá com a dicotomia de Ed. Demolins, que diz, após referencias a estudos feitos pelos adeptos da escola no mundo inteiro: «A la suite de ces études ainsi accumulées, j'ai cru ponvoir ramener à deux grandes divisions les sociétés humaines. Le premier groupe comprend les diverses variétés qui

cherchent à résoudre le problème de l'existence, en s'appuyant sur la collectivité, sur la communauté, soit de la famille, soit de la tribu, soit du clan, soit de l'État; ce sont les Sociétés à formation communautaire. Le second groupe comprend les diverses variétés qui cherchent à résoudre le problème de l'existence, en s'appuyant uniquement sur l'énergie individuelle, sur l'initiative privée: ce sont les Sociétés à formation particulariste. (1) O que importa assignalar, no caso brasileiro, é que fazemos parte do grupo de povos, nos quaes, tendo, por motivos historicos, e por effeito da legislação desaparecido a familia patriarcal primitiva, com a vida, o trabalho e a propriedade em commum, sem que se tivesse feito a indispensavel aprendizagem para a iniciativa, a antonomia, o impulso original do individuo para viver e lutar por si, sem apoio algum estranho; nos quaes, digo, permanece estavel, por um lado o *velho espirito communitario*, mas sem as antigas condições de existencia, e, por outro lado sem se haverem formado qualidades capazes de as supprir na terrivel concorrencia do moderno viver, não ha outro, não tem havido outro recurso senão substituirem o apoio da familia — pelo *do grupo*, do *partido*, do *município*, da *provincia*, do *Estado*. . . Os *partidos politicos*, as *confrarias*, os *agrupamentos* devidos a quaesquer origens, as *communas*, as *provincias*, os *Estados*, nos povos como o nosso, substituem as *tribus*, os *clans*, que, por sua vez, já tinham substituido a familia patriarcal. Se acontece, e isto é consideração de grande pêso, se acontece que os povos d'esta feição social habitam paizes, onde as

---

(1) *Les Français d'aujourd'hui*, pag. 440.

produções espontaneas do solo abundam, ou onde a cultura se reduz pela feracidade da terra, ao predominio d'aquelles generos que constituem o que na escola se chama a simples *recolha* ou *collecta*, como é quazi todo o nosso Brasil, então o phenomeno sociologico assume proporções ainda peiores. Não se geram, nem se fortalecem tendencias para os rudes trabalhos e quazi ninguem busca as carreiras da lavoira, da navegação, do commercio, das industrias nas suas variadissimas especies. A gente, que se suppõe mui grande coisa, só por saber ler e escrever, põe logo as miras na *politica*, que se transforma em meio de vida, nos *cargos publicos*, nos *empregos*, em summa.

E assim se enchem as *repartições* municipaes, que são numerosissimas, as das provincias e as do Estado, que o são ainda mais.

Os que não sabem ler e escrever procuram a *tropa de linha* e os *corpos policiaes*, que preferem á lavoira ou a qualquer outro trabalho penoso. Quasi todos os moços de todas as classes procuram *formar-se* para viver das chamadas *profissões liberaes*, do *magisterio*, da *administração publica*, nas Secretarias d'Estado, da *politica* em suas posições mais altas, nas *assembléas provinciaes*, no *Congresso Nacional*, etc., etc. E como é evidente que se não podem arranjar logares para tanta gente, d'ahi se origina o sombrio pessimismo dos desclassificados, uma das pragas da vida social e politica d'este muito amado Brasil. D'est'arte o espirito *communario*, como um *survival* perniciosissimo, sem a organização que lhe corresponde, gera a falta de iniciativa e a *emprego-mania*; as condições da terra géram o *descostume dos trabalhos* mais ou menos pesados e a preguiça; a falta de *empregos publicos* para accomodar milhares e mi-

lhares de pretendentes, de desoccupados, gera os descontentamentos, o espirito de facção, as turbulencias sem alvo, sem ideal, esse pessimismo de pedintes de casaca, de malandros de chapéo alto. O sabio sociologo e criminalista R. Garofalo, por outros caminhos, foi levado ás mesmas conclusões. «C'est ainsi, escreve elle, que l'individualisme pousse à l'activité, qu'il excite la tendance naturelle de l'homme à améliorer sa condition: l'individu se sent protégé lorsqu'il travaille, il se sent abandonné s'il est oisif; c'est le cas dans les pays de race anglo-saxonne, le contraire de ce qui arrive dans les pays à *type communautaire*, c'est-à-dire là où existe un vrai socialisme d'Etat, le gouvernement ayant acaparé presque toutes les fonctions sociales; ce qui produit, on ne le sait que trop, *des légions toujours plus nombreuses de docteurs, de professeurs, de diplômés cherchant inutilement un emploi, tout le monde aspirant à entrer dans les cadres de l'administration; les contributions directes, toujours croissantes pour entretenir cette armée de fonctionnaires; des myriades de déclassés,* et partout la misère et ses compagnons fidèles: l'immoralité et le crime.» (1).

Nas relações intellectuaes um tal estado social reflecte-se com toda a intensidade. A geral indolencia nacional não supporta os trabalhosos estudos das sciencias, especialmente em sua feição practica. E até nos que se denominam sociaes, a maioria, a grande maioria dos jovens estudantes evita as arduas pesquisas da historia, as penosas indagações da erudição, do manejo de documen-

---

(1) *Annales de l'Institut International de Sociologie*, tomo VI, pag. 113.

tos, o difficil traquejar da linguistica, da philologia, do direito historico e comparado, da critica religiosa, de toda indagação, em summa, que demande annos e annos de aturada applicação. Atiram-se os que se suppõem mais habéis aos devaneios da bella litteratura. No periodo academico é a *poesia* que mais ostenta, por ser a mais facil e illusoria das bagatellas. Todos os versos possiveis, até os mais bellos, dizia Proudhon, já estão feitos, formou-os a lingua quazi naturalmente, pela simples attracção sonóra das palavras. E' uma fascinação para todos os espiritos agitadiços e incapazes de esforço sério. Mais tarde, muitos dos que não acharam emprego para desfructar, agglomeram-se nas capitaes, nas cinco ou seis cidades populosas do paiz, e arrojam-se á imprensa.

N'esta nova occupação juntam, de ordinario, á poesia outra forma de peraltice espiritual: a *chronica*. Esta é politica, litteraria ou de costumes. Em qualquer dos tres casos não passa, por via de regra, de acervos de banalidades em estylo rendilhado mui do gosto de todos os superficiaes, e ignorantes. Outros juntam ás duas formas precedentes uma terceira: o *conto*, quasi sempre scênas do mais bandalho realismo ou das mais pulhas inventivas de hystericos e desequilibrados.

Existem escrevinhadores typicos que são homens representativos da fofice brásileira nos tres generos: *verso*, *chronica* e *conto*: Raro é o dia em que não apparecem, sob qualquer das formas, nas paginas dos jornaes. E o mais curioso é que existem tolos que tomam essa *actividade-negativa*, essa *productividade esteril* por prova de talento. Não passa tudo da geitosa mecanica de alinhar logares communs. Ora, pois; bem se está a vêr d'onde dimana a *legião de poetas*, que ahi se pavoneiam á luz dos

patrios céus, na ingenua e doce illusão de ousados e extraordinarios genios, que já hoje fazem e hão de fazer cada vez mais a admiração, o assombro dos mundos...

Deixa-los...

1904.



## VII

### Viagem á Europa

#### I

#### A travessia do Atlantico — Lisboa

Eram oito horas da noite do dia 20 de junho do anno que vae fechar o seculo.

Meus amigos Arthur Guimarães e Zeferino Candido tinham-me deixado a bordo do *La Plata*. Era já noite quando o grande transatlantico principiava a mover-se.

Eu tinha sahido do Rio de Janeiro quasi furtivamente, não me havia despedido de ninguem, não tinha dito nada aos jornaes.

Doente, muito doente, não possuia a disposição d'espírito indispensavel para as grandes despedidas.

Completamente incognito, da amurada do navio via o bello panorama nocturno da bahia, dos montes e da cidade desaparecer aos poucos atrás de mim.

Era a primeira vez que sahia do Brasil para visitar os povos, as cidades, a vida do velho mundo e inebriar-me ao calor, á influencia suggestiva de sua civilisação; porque tinha até então cumprido á risca o salutar conselho do illustre Jacob Grimm

quando disse: «E' preferivel aprender sem viajar a viajar sem aprender, porque o menos que acontece é esquecer o pouco que se sabe no meio do muito que se ignora.»

Este singello preceito de vida pratica devia ser invariavelmente seguido por litteratos e escriptores d'America que, antes de feitos, antes de constituídos nas modalidades internas de seu character, de seu temperamento, vêm ao velho mundo delir ou malbaratar as qualidades mais nobres e mais fortes de sua indole, as notas mais vibrantes de sua alma. Por minha idade, por meu avanço na vida, já não corria o perigo assignalado pelo profundo mestre, um dos chefes intellectuaes da velha patria allemã.

D'est'arte o que em mim ha de bom do ponto de vista brasileiro, se é que alguma cousa ha, não se apagou, antes se fortaleceu nos quatro mezes em que tive de admirar as tres grandes nações latinas do Occidente: França, Hespanha e Portugal. Lastimo profundamente não tivesse podido juntar aos raios dispersos que ahi me feriram o espirito alguns dos mais doces e puros do céu italiano.

A travessia do oceano, do *Mar Tenebroso* das antigas lendas, não teve nada de genuinamente peculiar alem da infinita e indescriptivel belleza dos crepusculos da noite e da manhã e das scenas brincalhonas a bordo por occasião da passagem da linha.

A sociedade conduzida pelo *La Plata*, composta na mór parte de brasileiros e argentinos, tinha para mim que a observava em silencio, a peculiar funcção de destacar ao vivo a indole dos dois povos e revelar a profunda antipathia infelizmente existente ainda entre elles.

E' uma cousa que está para se vêr em tudo, até nas cousas mais simples.

Os passageiros argentinos formavam grupo, conversavam entre si, faziam festas, tocavam e cantavam sempre a sós, n'um exclusivismo de passar.

A' primeira vista suppor-se-ia ser isto o resultado do facto de virem de mais longe, terem já mais dias de viagem, o que os faria mais facilmente relacionarem-se entre si do que com os passageiros entrados no Rio de Janeiro.

Estaria em erro quem assim julgasse: o afastamento entre os dois povos é uma cousa que está no mais recondito da vida, está nas tradições, está nos costumes e n'uma especie de consciencia historica e divinatória que bem claro lhes incute no espirito a impossibilidade de filhos de hespanhoes e de portuguezes deixarem de ter porfiadas luctas e bem diversos destinos n'America.

O drama iniciado no velho mundo ha de ter os ultimos actos nas dilatadas terras do novo continente.

E' uma herança fatal, accumulada pelos seculos.

Como quer que seja, a antipathia, não direi talvez tanto, a falta de pronunciado amor, o afastamento, se quizerem, é de tal ordem que se nota até nas crianças. As meninas, os meninos argentinos evitavam, quando não tratavam mal, seus companheiros de idade e de folguedos da nacionalidade rival.

Creio não me enganár affirmando, porem, que, no meio de tudo isto, os brasileiros manifestavam o seu pouco caso das indifferenças e accintes portenhos, fingindo não perceber-os e continuando a viver continuamente divididos entre si.

Por este lado nossos visinhos levam decidida vantagem sobre nós.

Na sociedade que vinha a bordo, cumpre acrescentar, se a belleza me pareceu estar do lado das argentinas, a distincção, a cultura do espirito, não sei que especie de timidez e modestia, fina flôr da educação portugueza, seleccionada n'America, creio que estava do lado de minhas patricias.

Oito ou nove dias depois da sahida do Rio de Janeiro chegavamos a Dackar. Toda a gente que tem vindo do Brasil á Europa conhece a pequena feitoria franceza, que me pareceu em caminho de desenvolvimento.

O espectáculo mais curioso, e observado milhares de vezes por milhares de viajantes, é o dos pretos quasi nus, cobertos apenas por uma *tanga*; que se approximam dos transatlanticos, e, n'uma gritaria infernal, propõem-se a mergulhar e colher no fundo d'agua as peças de ouro ou prata atiradas pelos passageiros das bordas do navio. E' incontestavelmente uma manifestação de selvageria africana ainda não polida pela disciplina européa.

«*Un sou, monsieur, c'est pour passer; un sou, s'il vous plait...*» grasnam aquelles endiabrados pretinhos n'uma algazarra de ensurdecer.

Uma nota engraçada para mim, é que, no meio do geral barulho, ouço distinctamente um d'elles dizer bruscamente para o companheiro que berrava possesso a seu lado: «*Cala a bocca, filho da... não grites tanto!*» Provavelmente era algum negro das colonias portuguezas mais proximas, ou, quem sabe? vindo do Brasil...

Ao ouvido costumado ás alterações phoneticas da lingua portugueza entre brasileiros, muitas das quaes são devidas á influencia do meio ou á dos indigenas americanos, a passagem em Dackar,

posto que rapida, tem a vantagem de mostrar em flagrante a influencia africana.

Os pretos vão fazendo com o francez exactamente o mesmo que têm feito com o portuguez na America e certamente tambem em Africa.

Uma das primeiras cousas que supprimem são as vogaes mudas. E' curioso o factio no francez de Dackar e no portuguez do Brasil. Aviso aos linguistas.

Tinhamos chegado á tarde á possessão franceza. A noite, passada no porto, foi deslumbrante e pouco tinha a invejar ás incomparaveis noites estívaes americanas.

A's 11 horas eu tinha-me recolhido ao beliche e estava a lêr o novo e ultimo volume da *Sociologia* de H. Spencer, o philosopho magno do seculo, no meu entender. Tinha trazido, como companheiros de travessia, um pouco ao acaso e um pouco deliberadamente, a citada *Sociologia* completa, o *Dom Quichote*, de Cervantes, talvez o maior livro do Renascimento, e *Un Cœur de Femme*, de Bourget, para mim o mais suggestivo dos romancistas dos ultimos vinte annos, posto não tenha a força de Flaubert, de Dostoiewsky, de Tolstoï, de Sienkiewicz. A *Sociologia* dava-me a synthese do pensamento moderno n'este ultimo quartel do seculo; o *Dom Quichote* revelava-me a vida da civilização peninsular, de que descende a brásileira, na epoca em que foi descoberta a minha patria; *Um Coração de Mulher* punha-me em contacto com a complicada, vasculejada e dolorida alma franceza, ainda hoje mãe intellectual para todos nós os latinos, alma, cujos accordes eu tinha tambem vontade de ir ouvir.

Lia eu, á noite, a *Sociologia*, nos capitulos que tratam das relações economicas, quando mãos de-

licadas fizeram brotar do piano de bordo não sei que tão doces melodias que me fizeram fechar o livro e quedar arrebatado de pensamento em pensamento, n'um embevecer largo e profundo, cogitando nas peripecias e mutações da evolução humana.

Alli, n'Africa, em região por onde passaram certamente Phenicios e Carthaginezes, n'uma possessão franceza, em navio francez, um brasileiro, um filho da America, lia um livro da Europa, um livro inglez... Nunca tão vivace senti em mim avultar a consciencia da identidade dos destinos humanos. Aquella passagem pela pobre feitoria africana tinha-me feito bem.

A viagem para a Europa, a partir da possessão franceza, offerece apenas o interesse que sõem despertar as Canarias, nomeadamente Teneriffe, patria de Joseph Anchieta, o sublime *Apostolo do Novo Mundo*, a quem o Brasil é devedor de inestimaveis serviços.

Aqui começa para nós o encanto historico das velhas terras do antigo continente.

Alem de ligadas indirectamente á historia brasileira pelo nascimento do famoso missionario jesuita, as Canarias têm o valor de um documento ethnographico interessante, por terem sido habitadas ainda nos seculos XV e XVI por uma raça aparentada aos *kabylas* e *tuaregs* d'Africa, irmãos dos Iberos da peninsula hispanica, segundo a corrente geral dos ethnologos.

No dia 4 de julho amanhecemos em Lisboa: eu tinha perdido o spectaculo magnifico da entrada do Tejo, feita no correr da noite. Era um logro evidente que procurei resarcir do Lazareto, fitando repetidas vezes e em horas diversas e variadas o esplendido panorama da cidade, distendida na margem fronteiriça.

Ao Lazareto tinha chegado cheio de todas aquellas prevenções geradas pelas lendas malignas correntes á conta de tal instituição. Duas cousas contribuíram para desfazer o preconceito: a belleza do sitio e o tracto correcto das auctoridades locais.

O serviço alli de bagagens, desinfecções e cousas congeneres, poderia ser simplificado, não resta a menor duvida; mas, inda assim, o Lazareto é bem superior á sua má fama.

A cidade de Lisboa, em comparação com outras que vi no Brasil e na Europa, goza da immensa vantagem de poder ser surprehendida naturalmente n'uma vista de conjuncto, apta a dar uma ideia de sua grandeza, de seus dotes proprios, de sua forma, de sua côr local, e essa vista d'*ensemble*, que a destaca em sua visualidade original, é obtida exactamente do Lazareto. Bastava isto para justificar aos olhos do estrangeiro, sequioso de paisagem e de pittoresco, a pequena estada obrigatoria n'aquella prisão disfarçada.

Vista ao amanhecer, dourados pelos primeiros raios do sol os seus edificios de granito e mármore, ou á noite, illuminada pelos milhares de focos de suas luzes, a velha cidade tem razão de ufanar-se de sua belleza. As galas e louçanias do presente, n'alma do forasteiro culto, deixam-se realçar ainda mais, se é possível, pelo poder magico das reminiscencias, pela faculdade reflectora que de tudo se evola, formando alguma cousa que se poderia chamar o horisonte, a perspectiva da historia. Sentimos, quasi vemos que, foi bem n'esta terra que foram sonhadas as façanhas de Gama e de Albuquerque, de D. João de Castro e de Pedro Alvares Cabral; que foi bem n'esta terra que se destacaram as figuras de cem covados de Gil Vi-

cente e Camões, de D. João I e Pombal. Nas profundezas do sentir mais patriótico do brasileiro, que contempla Lisboa pela primeira vez, agita-se bem nitido o phenomeno inilludível do senso collectivo da raça, a consciencia ethnographica, que ainda não tem um nome na sciencia, mas cuja existencia é irrecusavel. E' por isso que, quaesquer que sejam os *arrufos de namorados* de portuguezes e brasileiros entre si, sobrepuja sempre entre elles uma estima profunda, suprema, irreductivel, que vem do mais fundo do coração, alguma cousa de fatal e instinctivo que brota do proprio sangue. A viagem do Lazareto para a bella capital portugueza preferi fazel-a por Cacilhas no intuito de apreciar as aldeias que bordam a margem sul do Tejo em face á cidade. Com serem algumas d'ellas bem interessantes, não offerecem singularidades assignaláveis.

Na chegada a Lisboa não se desmentiu a grande impressão que tivera d'ella do lado opposto. A cidade, a quem vem da America do Sul, ostenta um aspecto grandioso, monumental: severa ou risonha, conforme os sitios d'onde é contemplada.

Puz pé em terra na tarde de 6 de julho e pouco depois apparecia-me o meu amigo José de Mello, singular mixto de perspicacia, finura e simplicidade, a quem devo a impressão final, completa, exacta, tanto quanto pode ser em casos taes, da patria de Alexandre Herculano.

Tomou-me pelo braço, metten-me n'um carro (cá diz-se *trem*, mas peço licença para usar do dialecto brasileiro) e fez-me vêr a Avenida, Campo Pequeno, Campo Grande, Bairro Estephania, Rato, Jardim da Estrella, da Patriarchal Queimada, Mouraria, e, mais tarde, por outras vezes, jardim da Escola Polytechnica, Jeronymos, Algés, Estoril,



Cascaes, Bemfica, não esquecendo a inesquecível Alfama.

Eu não pretendo n'estas despretenciosas e rapidissimas linhas dar a conhecer Lisboa aos portuguezes, que a conhecem infinitamente melhor do que eu. Seria um disparate, uma verdadeira *contradictio in adjecto*. Tambem não a quero revelar aos brasileiros, muitos dos quaes a conhecem bem melhor do que eu: meu fim é dar minha impressão pessoal, como uma especie de preito á bella e generosa terra portugueza. Nem se trata, por certo, de entoar um hymno de lisonjeiras louvaminhas a este delicioso paiz, que tem defeitos, como tudo que é do homem sobre a terra.

A impressão, em todo o caso, que me ficou de Lisboa, ou seja por ter sido a primeira grande cidade européa que visitei, ou seja por minha falta de pratica dos grandes centros populosos do velho mundo, ou por alguma occulta sympathia que se não consegue desfarçar, é a de uma cidade magnifica.

Tem o sainete da força e do bem estar, quero dizer, do trabalho e do conforto, da actividade e da belleza. Por este lado, deixa a perder de vista Madrid, com todos os seus encantos, aliás notabilissimos. A capital hespanhola acha-se como que isolada no meio de um deserto, não tem arrabaldes; pois não se podem considerar taes os palacios e parques do Escurial, da Granja, de Aranjuez, que lhe ficam muito distantes, nem até do Pardo, bem afastado ainda, para ser considerado um *fau-bourg* da cidade. Além d'isso, Madrid não é um centro de trabalho, uma terra de fabricas, de *ateliers*, de officinas, como a capital de Portugal, uma cidade manufactureira, fabril, commercial, como esta.

Lisboa tem a vantagem de estar cercada de jardins, de encostas arborizadas e pittorescas, como as que mais o sejam na Europa. Do centro da cidade até Cascaes, é uma successão ininterrupta de aldeioas e quintas, cada qual mais bonita, mais vistosa, mais elegante, passando por Estoril, um dos sitios mais encantadores que olhos humanos podem divisar sobre a terra. Só em Saint-Jean de Luz e Biarritz vi alguma cousa que lembra Estoril, mas com decidida vantagem da parte d'este. Visto á tarde, ao sol poente, nos dias claros de verão, nada tem a invejar ás mais bellas praias americanas, nem ás mais famosas povoações de villegiatura do Mediterraneo.

Terreno levemente accidentado, coberto de doces e leves *coxilhas*, como se diria no Rio Grande do Sul, com seus palacetes e *chalets* aristocraticos, quasi todos do mais fino gosto, com seus jardins, seus trechos de pinhães, sua bahia, suas praias, Estoril é verdadeiramente uma joia engastada aos pés de Lisboa, realçando-a de estranha e captivante belleza.

Cascaes, com lhe ser inferior, acha-se tão transformada hoje em dia, que desmente em absoluto o velho rifão: *A Cascaes uma vez e nunca mais*. A antiga villa, ao contacto do Estoril, vae-se modificando para melhor e já ostenta bellissimos palacetes e residencias fidalgas.

De resto, as duas estancias confundem-se quasi. Alli tive ensejo de vêr a *kermesse* organisada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Duqueza de Palmella em prol das *cozinhas economicas*, e foi a cousa mais bonita, no genero, que poderia apreciar em qualquer parte do mundo.

Ella teve a ideia de fazer illuminar a gaz, a copinhos, a giorno o seu enorme e magnifico

parque, cheio de um vasto pinheiral, o que era de um effeito deslumbrante, pela simplicidade e bom gosto.

As illuminações que vi n'um dos jardins da Exposição, aquelle onde se achava o famoso *chateau d'eau*, eram, por certo, mais arrojadas, e, para tudo dizer n'uma palavra, mais espalhafatosas; mas o arranjo artistico do parque e das illuminações da Duqueza de Palmella tinham na sua apurada singeleza um cunho de discreto bom gosto que só sabem dar as fidalgas de raça. O nome da Sr.<sup>a</sup> Duqueza traz-me á lembrança o de seu avô, que esteve no Rio de Janeiro no tempo de D. João VI. Foi d'aquelles que mais influíram para o regresso da côrte portugueza para o reino, facilitando, assim, sem o querer, a independencia do Brasil.

As impressões que levo de Lisboa podem-se dividir em duas categorias: as pittorescas e as artisticas. Estas foram despertadas principalmente pelo Mosteiro dos Jeronymos, nomeadamente o Claustro, pela Igreja de S. Roque, peculiarmente a capella de S. João Baptista, pela Igreja de São Vicente de Fóra, sobretudo um altar que alli existe em mosaicos finissimos, pela Conceição Velha, pelas ruinas do Carmo, pela Sé, que sei eu? por diversos outros edificios publicos e particulares, todos elles de subido valor. A tudo sobrelevam os Jeronymos e a Capella de S. João Baptista, aquelles pela imponencia e magestade architectonica, esta pela delicadeza, esmero, perfeição dos mosaicos em pedras preciosas, peculiarmente os tres quadros dos lados e fundo, que parecem pinturas a pincel por mão de afamados mestres.

O Claustro dos Jeronymos é indescrível. Aquillo vê-se, admira-se, adora-se, deixando n'al-

ma as effusões d'um lyrismo, doce, ardente, profundo, como o sentir d'almas apaixonadas. E aqui acode-me a observação que fiz, por vezes, visitando musêos, igrejas, edificios portuguezes e hespanhoes: porque é que n'aquelles é superior a architectura e n'estes a pintura?

Assim é; e esta notação, que deve ter as raizes fincadas no mais fundo da indole dos dois povos, generalisa-se e dá-nos este resultado: na Hespanha foram, e são, mais valiosas a pintura e a arte dramatica, que parecem variações da faculdade predominante n'aquellas gentes: a eloquencia; em Portugal sobrepujaram e sobrepujam a architectura e a poesia epica, que não passam no fundo de manifestações peculiares da qualidade artistica, mais vivace n'este povo: o lyrismo. Não sei se esta nota já foi por alguém destacada no confronto dos dois povos; mas sei ser ella inexplicavel pelo supposto dominio dos celtas em terras portuguezas, como talvez ahí supponha ainda algum sonhador de celticices pátrias.

A verdade é que os famosos celtas eram mais eloquentes que lyricos e pezaram mais em Hespanha do que em Portugal, e se a cousa se lhes deve é exactamente em sentido inverso.

A's impressões artisticas sentidas nos alludidos sitios tenho a juntar outras de diversa ordem recolhidas na Bibliotheca Nacional e no Musêo das Janellas Verdes.

Alli velhos codices manuscritos de biblias, livros de orações, breviarios, dos seculos XII, XIII, XIV, XV e XVI, de um lavor artistico phenomenal, como paciencia e gosto; aqui velhos quadros medievicos, bellos trabalhos em seda, de ourivesaria e ceramica, régios coches de luxo, tudo mostrando o desenvolvimento do talento artistico do povo e

o alto gráo a que tinha attingido, nos bons tempos, a riqueza publica.

Por falar em riqueza, acode-me notar a opinião que faço de Portugal por esta face. Ha paizes onde o fisco é rico, o Estado julga-se desafogado e o povo é pobre; era o caso do Paraguay de Lopez; outros existem, onde o fisco anda atrapalhado a manquejar, e o povo propriamente dicto vive bem, vive desafogadamente; ou eu me engano muito, ou este é o caso de Portugal.

As velhas casas aristocraticas são riquissimas; a alta burguezia do Porto e Lisboa muito abastada; as classes industriaes tem recursos; a gente operaria das cidades e villas acha bons salarios; os grandes proprietarios agricolas são opulentos, os pequenos agricultores vivem n'uma mediania que está bem longe de ser inquietadora.

Uma só observação é bastante para provar o que allego. Podé qualquer fazer a verificação.

A partir do largo do Rato, passando pela rua da Escola Polytechnica, Praça do Principe Real, S. Pedro de Alcantara e Rua do Alecrim, estão, n'um percurso que não é longo, os palacios de millionarios, cujas fortunas ascendem a mais de 60 mil contos fortes, despresando-se n'esta conta muitas de menos de cem contos.

Já é alguma cousa.

As impressões de pittoresco, além das que obtive do Lazareto, em Estoril, Algés e Cascaes, foram-me fornecidas por Bemfica, Campo Grande, jardins da Estrella e da Polytechnica, onde se vêem arvores que lembram as do Brasil.

Bellissima se me antolhou a vista da cidade tomada do Castello; não é tão ampla como a do Lazareto; mas é mais directa, mais immediata, podéra dizer mais authentica, porque a que se

tem da margem fronteira soffre o apagamento da distancia.

Sou do numero dos que pensam ser um povo cousa que nunca se chega a conhecer bem. Ha mais de trinta annos ando a estudar a nação brasileira, na sua geographia, na sua historia, na sua politica, na sua litteratura; nos seus costumes, no seu *folk-lore*, nas suas origens ethnicas, e, quando dou balanço ás ideias e conclusões a que julgo ter chegado, vejo que nada, ou quasi nada sei d'ella. Admiro a sem-ceremonia com que *touristes* e viajantes de poucos dias improvisam artigos, brochuras e livros sobre as gentes estranhas que visitam *à vol d'oiseau*. E' muita coragem e ás vezes muita desfaçatez.

Assim, pois, premuno-me contra tão perniciosa tendencia e declaro, desde logó e á puridade, que, apesar de lidar com gente do reino ha cincoenta annos, pois que sou filho e neto de portuguezes, e a despeito de ler continuamente livros de Portugal, o que sei d'este excellente paiz se reduz a bem pouco.

E por isso, tudo que disser d'esta bella terra deve-se receber a beneficio de inventario e saborear *cum grano salis*.

Tal é a razão porque, depois de uma estada de trinta dias em Lisboa, devo declarar que a não conheço senão por fóra. Para a conhecer a fundo seria preciso estudal-a detidamente na sua vida politica, nas suas rodas litterarias e jornalisticas, no seu afan industrial, no seu lidar mercantil, nos seus circulos meramente populares, no seu giro administrativo e municipal, e ainda ficaria margem larga para a apreciar na sua intimidade de familia em todas as classes, desde a do operario até a da aristocracia. Só após tudo isto, e com a

maxima attenção e criterio, é que seria possível fazer affirmações e tirar consequencias. O tempo fallece-me para tanto e mingua-me a competencia para tamanho esforço.

Para a desvendar melhor, mas sempre *por fóra*, tive de ir a Queluz e a Cintra.

Seria uma falta indesculpavel deixar de admirar esses dois sitios famosos por peculiares bellezas.

Em Queluz a villa pouco tem de cunho especial. Não assim o palacio, que é pena não ter sido concluido no complexo do plano primitivo. Mesmo como está, esse pequeno Versailles portuguez é encantador. O parque é vasto, opulento de vegetação, superior esta naturalmente á de França. O palacio, em estylo rococó modificado á portugueza, está desguarnecido da antiga e valiosa mobilia, mas em architectura não desmente, antes realça, a grande tradição nacional nos dominios d'esta arte predilecta.

Cintra é um trecho americano, um trecho tropical aqui ás portas de Lisboa. Tem a estação da estrada de ferro, a villa, onde se acha o velho palacio que assistiu aos desalentos de D. Affonso VI, e possúe ao demais o encantado palacio da Pena, d'onde se descortina um horisonte sem rival, verdadeiramente estupendo.

Se é certo que Estoril e Cascaes têm um equivalente, inferior n'uns pontos, superior n'outros, em São Domingos e Icarahy; se é verdade que a montanha em Cintra tem um rival sério em Santa Thereza, até Paneiras, passando pelo Sylvestre, não fallando no Corcovado, porque por cá não existe coisa que se lhe compare, é incontestavel que Cintra fica a ser alguma coisa de isolado, de inconfundivel, por alliar á belleza suprema da natureza, que nós lá temos, a obra d'arte rara, o

Castello, que alli não possuímos, nem coisa que se lhe pareça.

Mas não é só o palacio, maravilha que se destaca por obras de inimitavel lavor architectonico, que alli prende e emociona: tambem o parque revela o bom gosto do espirito que o ideiou, o carinho d'alma que o affeioou com tantos attractivos. Depois de tudo corrermos, eu e meus companheiros José de Mello e seu filho — o sympathico David de Mello, sem nada deixar, nem até os aposentos particulares d'El-Rei e da Rainha, fomos visitar o palacete do visconde de Monserrate.

Ha entre as duas residencias a distancia que vae do que é peculiarmente régio ao que é pura e simplesmente aristocratico.

Alli, ha mais imponencia, mais grandeza alliada á simplicidade e á correcção. Cá, ainda muito gosto, muito apuro; mas, por algumas frestas, nota-se a caricatura, por leve que seja, do *parvenu*.

No palacio do rei tivemos entrada franca; no palacete do enobrecido inglez — um empregado disse-nos da porta: — *acabamos de receber ordem de Inglaterra para não deixar entrar ninguém!* Deu o criado volta á chave e nós tivemos de retroceder no passo do constrangimento.

Em Lisboa, e tambem no Porto, evitei systematicamente procurar os litteratos, os homens politicos, os individuos salientes, em summa, não porque não tivesse muito a apreciar n'elles e a n'elles aprender, senão porque o meu estado enfermizo não me permittia as expansões indispensaveis em casos taes.

Ainda assim, fortuitamente, encontrei-me com os srs. José Antonio de Freitas, Ramalho Ortigão, visconde de São Boaventura, Abel Botelho, Lino de Assumpção, Leite de Vasconcellos e Fernandes Costa.



O primeiro, meu compatriota, José Antonio de Freitas, pareceu-me uma individualidade bem singular e cheia de merecimento. Talentoso, lido, dístico, exprime-se com uma facilidade e correção muito acima do commum.

O Brasil deve-lhe immenso na questão das Missões e pagou-lhe ingrata e grosseiramente os serviços. É um homem, talvez o unico, que poderia aqui com sério proveito ser pelo governo federal empregado a catalogar as innumeradas riquezas historicas brasileiras que andam tresmalhadas nos archivos portuguezes.

Por suas relações e delicado tino, Freitas levaria isso a bom caminho. Ou talvez ainda melhor: era quem estava tálhado para ser aqui nosso consul ou ministro.

Ramalho Ortigão é um perfeito *gentleman*, de uma naturalidade completa em seu tom um pouco solemne e grave. Conversa como escreve, um pouco *saccadé*, mas abundante e correntio.

São Boaventura e Lino de Assumpção eram velhos conhecimentos meus do Brasil.

Despreocupados, intellectualistas, amorosos das letras, um perdura no jornalismo, onde escreve finas chronicas, o outro meteu-se nos conventos e mosteiros a conviver no passado com os frades e ainda mais a gosto com as freiras, cuja historia conhece hoje a fundo.

Leite de Vasconcellos é o typo do *savant* pelo gosto e geito allemães. Erudito, escavador, atirou-se á archeologia portugueza a que junta os dominios proximos da ethnographia, da linguística e do *folk-lore*. Seus livros das *Religiões Antigas da Lusitania* e do *Dialecto Mirandez* são dois monumentos do genero.

Abel Botelho e Fernandes Costa são muito dis-

similhantes pela idade, pelas intuições, pelos processos litterarios. Um é um escriptor realista, um rebento de Eça de Queiroz, com intelligencia e seiva proprias; o outro um poeta idealista, de merito na sua especialidade.

Deixo-lhes aqui estas desalinhavadas palavras em recordação dos doces minutos que passei em Lisboa na sua captivante camaradagem.

Não é outro o meu alvo; não os pretendo julgar em duas linhas. O que houver de dizer d'elles, da litteratura e do povo portuguez, n'estes artigos, ficará para paginas posteriores, quando já tiver fallado do Porto e de varias cidades e villas que visitei no Minho e em Trás-os-Montes.

Se tivesse, antes de me despedir de Lisboa, de fazer um paralelo entre ella e o Rio de Janeiro, notando em que cada uma leva vantagem a outra, lembraria que na capital portugueza me parecem superiores os theatros, os hoteis, o serviço de carros (*trens*), o serviço policial e o da limpeza publica; na capital brasileira os jornaes, as casas de modas e de joias, o serviço do porto, o de barcas para a povoação fronteira, o de bondes (*americanos*).

Creio ser isto verdade.

## II

### No Minho — Porto — Gerez

Depois de oito dias de estada em Lisboa, após a sahida do Lazareto, partia eu para o Porto em companhia de meu amigo Americo Guimarães, distinctissimo negociante fluminense então em vil-

*legiatura* em Portugal. Viajámos no comboio da noite, o que importa dizer que levavamos o logro de não vêr a paizagem da região que separa as duas grandes cidades do reino.

Em Coimbra passámos alta noite, em Aveiro ao romper da madrugada. D'ahi por deante pudemos apreciar a bella perspectiva dos campos lavrados, bem diversos dos que se vêem no Brasil.

Afinal, chegavamos ao Porto, á famosa cidade a tantos respeitois mais celebre ainda que Lisboa.

Pelo seu afan commercial, pelo aspecto de suas ruas e praças, lembra, em mais de um ponto, o Rio de Janeiro. Por certas construcções, pelo *encombremment* de suas casas sobre os morros, em que está edificada, recorda aqui e alli a Bahia.

A physionomia geral da cidade é bem diversa da de Lisboa; não é uma cidade official, é uma terra exclusivamente de trabalho; não é uma cidade de recreio, é uma officina de commerciantes e operarios.

Tem, comtudo, bellezas especificas, que a destacam em inolvidavel relevo. As margens do Douro, vistas de pontos varios, quer em face da Serra do Pilar, quer em face de Villa Nova de Gaya, quer da bella ponte de D. Luiz I, ostentam singular aspecto, que não é sem belleza.

As excursões que se fazem á Foz, a Mattosinhos, a Leça da Palmeira, a Leixões, sem mostrar as encantadoras peculiaridades de alguns arrabaldeis da capital, são muito interessantes e agradam largamente ao *touriste* capaz de emoções.

A cidade em si tem muito que vêr, não só em ruas e praças, como em edificios e monumentos.

A Avenida da Boa Vista, posto inferior á da Liberdade, é muito bonita e está ladeada de vistosos e caros palacetes.

O Palacio de Cristal, com o seu magnifico parque, está muito no caso de entreter horas e horas o viajante mais exigente. Os jardins de S. Lazaro e da Cordoaria são agradaveis *squares*, dignos de visita.

Mas o que a tudo sobreleva no Porto é o seu grandioso *Edificio da Bolsa*.

Ha poucos tão notaveis, no genero, pelo mundo em fóra. Lisboa, na especie, nada tem que se lhe compare. E' um magnifico e eloquentissimo attestado do que pode ainda hoje fazer o povo portuguez em sua arte predilecta — a architectura. A *Batalha* e os *Jeronymos* são-lhe superiores; mas a *Batalha* e os *Jeronymos* são duas obras historicas, dois filhos da bella epocha do florescimento e da grandeza de Portugal. Então o genio que inspirou os *Lusiadas* estava em todo o seu vigor; em toda a sua plenitude, em todo o calor da sua fé, em todo o ardor do seu entusiasmo, e esses gigantes de pedra, essas maravilhas da arte só em taes circumstancias são possiveis. E esses singulares momentos da historia não se repetem, mesmo na vida das nações mais fortes e mais intelligentes.

Mas em uma epocha de marasmo, como é a nossa, em um periodo burguez e acanhado do labutar contemporaneo, como é o nosso, para erguer um edificio bello, austero, soberanamente artistico, como é a Bolsa do Porto, são precisos muitos e raros dotes que só hoje na peninsula possui o povo portuguez. Ha alli trabalhos em pedra e em madeira, em robustas columnas e em deliciosos mosaicos, que nos estão bem a ensinar que sob a vetustez de hoje ainda se sente bater o forte e amante coração da gente que navegou com o Gama e cantou com Camões. Sente-se que ainda alli pulsa o *peito illustre lusitano* que encerrava os

sonhos do poeta; ainda alli palpita a alma que tantas maravilhas operou.

Em face á Bolsa está a estatua do infante D. Henrique, obra de grande merito, então ainda em via de execução quando alli passei. Muito acertada foi a idéa de collocar deante d'aquelle magnifico specimen de architectura, um dos mais bellos productos da moderna estatuaria portugueza, e que alli, em frente ao edificio que symbolisa, por assim dizer, o genio commercial do povo, se destaca a mascula figura do principe illustre que symbolisa tão nobremente o genio aventureiro e navegador da raça. São duas obras que se completam e em doce amplexo estão como mostrando que uma nova era de grandes audacias pode ser ainda aberta aos destinos da nação...

Bem ao pé da Bolsa, como que formando um trio singular com ella e com a estatua, está a vetusta egreja de S. Francisco, curiosissimo legado da idade-média, que se projecta destruir, o que será um erro funestissimo, um verdadeiro attentado contra a esthetica. Aquella raridade artistica deve ser conservada, quando mais não seja, para continuar o *trio* de que acima falei, attestando o valor da capacidade architectonica do povo em phases diversas de sua vida.

Tenho bem receio que mais cedo ou mais tarde o camartelo da destruição acabe por deitar por terra aquella reliquia de outros tempos, aquella belleza de outras éras.

Pelo que diz respeito a instituições de categoria meramente particular, o Porto possui-as e algumas de alto merito. Destaco, entre outras, o *Atheneu Commercial*, optimamente organizado e onde vi uma bibliotheca de primeira ordem. Destaco ainda o curioso *Armazem dos Herminios*, no genero dos

grandes *magazins* de Paris, como o *Louvre*, o *Bon Marché* ou a *Maison du Fayel*. Feitas certas reduções, como é de justiça, a vastíssima loja portuense supporta bem o paralelo. (1)

.....

1900.

---

(1) Não tive paciência para continuar a escrever essa narrativa de viagem.

## VIII

### O problema brasileiro em 1891

#### I

E' facto vulgar e de comesinha notoriedade a gritaria levantada pelos pretenciosos de todos os tamanhos, pelos fatuos de todas as fórmas que ahi surgem, tentando decidir de tudo, em tudo deixar o sello microscopico da sua nullidade, fazer este paiz á imagem lilliputiana de suas parvas idéas.

No caminho da disciplina intellectual e moral, da consciencia de um alto destino a realisar, de nobres direitos a reivindicar e de grandes deveres a cumprir, a nação não tem dado um passo.

Acabou-se a escravidão, desapparecen o imperio; mas não findou a nossa incuravel leviandade, a nossa classica covardia, a nossa falta de ideal, a ausencia em que temos vivido do senso do que é ousado e grande, do que é justo e nobilitante.

A alma brasileira depois de um anno e meio de Republica, tem a mesma fórma e conserva a antiga attitudo. Nenhum instincto novo revelou, nenhuma aspiração nova abriu para o lado do porvir.

Um só vespa, que andava occulto, despertou rapace e furibundo: — o vespa do jogo, a ancia morbida do ganho barato e rapidissimo.

Foi a aquisição unica feita pela psychologia nacional! . . .

Na politica, na vida social, nas letras, nas artes, na sciencia, no jornalismo, por todos os lados e por todas as fórmas por que se costuma revelar a alma de um povo, a voz brasileira tem ainda o mesmo som, o mesmo *gaguejar* de quem não tem consciencia e nem sabe o que quer.

A vida de uma nação, os altos destinos de um povo no labutar da história devem ser amalgamados com trabalho, coragem, justiça e bom senso. E' com taes esforços que se funda a *ordem*, que se estimula o *progresso*, que não passam de palavras vans, se ao seu lado, para os garantirem, não estiverem a *força* e a *liberdade*.

Onde não existe a força que dá a consciencia do direito é o entusiasmo da gloria, o progresso e a ordem são mornos, são como simples accidentes caseiros, qual acontece na Suissa e na Hollanda. Onde não existe a liberdade, que gera a responsabilidade dos actos, que poetisa e engrandece todas as aspirações, a ordem e o progresso são como formulas submissas de um mando exterior, alguma cousa que lembra o regimen das abelhas, ou o despotismo dos quartéis, qual se nota na Russia e na Turquia. Não nos illudamos, pois, com formulas e patacoadas; nós não temos nem ordem, nem progresso, nem força, nem liberdade. A ordem, só se deve falar nella quando é reflectida no consciente cumprimento do dever; quando na esphera social e politica, é uma especie de espontanea applicação do imperativo categorico kantesco, aquella norma de proceder em que se encara a



humanidade sempre como um fim e jamais como um meio.

Não é o nosso caso.

O progresso só merece reparo quando não deixa desherdados, quando se estende a todas as classes plebéas, quando é a realização de um ideal comum, de uma missão histórica, quando é o desdobramento de uma evolução normal que brota espontanea da massa popular.

Não é o caso do Brasil, onde nove decimos e meio da população são de analphabetos e quasi indigentes.

A força só é digna de apreço quando é a validez da nação que se affirma, quando é um estímulo para os grandes feitos e uma garantia para a justiça, quando é o povo inteiro que se sente energico e capaz de representar na historia um papel original.

E' mister ser muito ingenuo para suppor este o caso da gente brasileira.

A liberdade só é efficaz e fecundante, quando não é outorgada por outrem, quando ao contrario, é uma conquista autonómica, quando é o resultado da lucta, quando é uma victoria positiva sobre todos e quaesquer despotismos. E esta liberdade assim nós nunca a tivemos nem a possuímos ainda.

E' preciso tocar a realidade das cousas, não é mais licito viver de illusões.

A Republica tem praticado tantos desatinos, que já é tempo de se lhe bradar o *olé!* da critica. E a culpa é tanto do povo como do governo.

Só a extravagantes e a mentecaptos é licito pensar que estamos no melhor dos mundos possíveis.

Assim falando, não se deve pensar que vimos usar daquelle methodo unitario, grosseiro e rombo, manejado pelos optimistas e pelos pessimistas, que

consiste em dizer — *sim* — onde os outros dizem — *não*, — e dizer — *não* — onde os outros dizem — *sim*.

Este systema tem seus donos, e não é licito rouba-lo a quem delle faz monopolio; pertence inteiro aos *sebastianistas* e assigna-se *Frederico de S.*, quando se entrega ao labor anti-patriotico e anti-scientifico de denegrir a Republica e decantar a epocha do imperio, ou pertence ahi a *um badaud* qualquer, quando toma o thuribulo e nos asphixia com o incenso queimado a todos os novos idolos e a quantos disparates elles têm vomitado sobre o paiz.

Esta gente anda no *absoluto*, não sabe fazer escolha; tudo para ella é *bom*, ou tudo é *ruim*... E' o systema dos selvagens e dos politicos sem illustração e sem criterio.

Havemos de fugir destes excessos, condemna-dos pela sciencia social e pelo simples bom senso. Um periodo historico é sempre o desdobramento do periodo anterior; não póde, pois, ser inteiramente bom, e *vice-versa*.

Um periodo historico nem é jamais irremediavelmente *máu*, nem incondicionalmente *bom*. De uma cousa e de outra não ha exemplo nos annaes da humanidade.

No primeiro caso, seria necessario o milagre de uma sociedade só de *vis* e *miseraveis*, o que é impossivel admittir; no segundo seria preciso o phenomeno de uma sociedade de *anjos*, cousa que nem pela mente das beatas velhas póde mais passar.

Inspirado por esta idéa capital, por esse *relativismo* de todos os factos sociaes, é que vamos abrir a presente campanha com resolução e coragem. Lettras, finanças, politica, philosophia, questões de pedagogia, de jurisprudencia, tudo de que en-

tendo um poncochinho entrará no circulo da analyse, se o tempo o consentir, e o espirito estiver disposto. (1)

Uma consequencia immediata desse modo de ver, que deve desde já ficar assignalada, é que teremos de repellir, por imprestavel e estúpido, o velho sestro de censurar o povo, como responsavel por todos os erros e desatinos da politica, systema adulatorio muito em voga na bocca dos pretendentes.

De igual modo affastaremos a velha mania dos demagogos que vivem a endeusar o povo e a praguejar contra os governos, como responsaveis por todas as mazellas publicas, desde a tolice dos litteratos mediocres, até a falta de chuvas e a febre amarella.

Não, nada disto; hoje sabe-se como questão vencida, ser todo e qualquer governo a integração espontanea das forças sociacs.

Está sempre ao nivel do povo, que o produz, de cujo seio sahe e cujos destinos vae reger num periodo dado. Póde abusar, póde estar um pouco acima ou um pouco abaixo da média social, em casos rarissimos, quando a selecção politica não for completa. Porém, isto é a excepção singular. A perfeita uniformidade e equipolencia de povo e governo é a regra geral e nós não escapamos a ella. A responsabilidade, por nosso perpetuo manquejar, por nosso perenne andar de rastos, cabe a todos, de alto a baixo. Resignemo-nos á verdade

---

(1) Assim nos expressavamos em 1891, abrindo no *Diario de Noticias*, sob o titulo — *Provoações e Debates*, uma longa serie de artigos, dos quaes, com a denominação de *O Problema Brasileiro*, reproduzimos aqui nma pequena parte.

dos factos e deixemo nos de presumpções ou lamurias covardes.

A consciencia do erro e o desejo de rejeital-o já é meio caminho para a regeneração.

Nesse intuito, e para findar, notaremos um facto, que por todos pôde ser comprovado, e deve ser quanto antes eliminado de nossas classes cultas. Referimo-nos á lastimavel ignorancia da historia do paiz.

Se maior fosse o conhecimento dos fastos, já não diremos dos tempos coloniaes, porém da historia do nosso seculo, dos reinados de João VI e Pedro I, por exemplo, da parte dos governados e especialmente dos governantes, umas poucas de extravagancias que têm sido ditas e feitas não teriam apparecido.

## II

O sebastianismo é, por assim dizer, o inimigo exterior das instituições vigentes; é um adversario, cujos passos é facil acompanhar para combater.

A Republica tem outros, e em certo sentido peiores, adversarios a repellir. — São factores internos, agglutinados á propria forma de governo, parasitas perigosissimos, que se agarraram ao systema e o vão sugando até deixal-o cahir inanido, exanime.

Tres grupos de maleficos agentes conhecemos nós desse genero além dos *restauradores*.

Elles todos juntos representam, consciente ou inconscientemente, o quadruplo inimigo da Republica.

Por hoje examinemos o chamado partido dos *intransigentes*, dos *puritanos*, dos *jacobinos*, dos *inabalaveis*, ou como melhor nome queiram tomar...

Esta gente pretende sustentar-se em duas muletas: — a *historicidade* e a *irreductibilidade*... São *historicos*, queremos dizer, descendem directamente do sol e da lua; são como uma raça de *Prometheus* atirada na America: são os reivindicadores *pur-sang*, vieram nas mesmas *caravelas* que Pedro Alvares Cabral; são coevos de Gama e de Carlos V...

São *irreductiveis*, isto é, muniram-se de um rosario de republicanismo barato com dez ou doze *contas* de idéas ôcas e retumbantes; repetem uns *padre-nossos* do revolucionismo phantastica de noventa e tres, ligados a umas *ave-marias* do doutrinismo socialista de quarenta e oito; engrossam a voz ao estouro de suas bombas; queimam no ar o seu fogo de artifício, e julgam santamente, beatamente que *elles sim... elles é que sabem fazer as cousas... elles sim... têm o credo das novas éras na ponta da lingua e as magicas republicanas nas palmas das mãos...*

Gente brava, em verdade; mas gente perigosa. Vive de indefinidas aspirações e de douradas miragens.

Da sciencia politica em sua difficillima manipulação, com seus problemas economicos, administrativos, sociais, elles decoraram apenas o *breviario* dos declamadores, e o *b-a-ba* dos charlatães.

Esse grupo, com seus hysterismos insensatos, com sua insondavel ignorancia da historia nacional, com sua incapacidade pratica para comprehender os problemas brasileiros, com sua fatuidade fôminil, foi, por certo, um dos maiores fa-

ctores da desordem que lastra pela alma popular na hora presente.

Sem planos, sem idéas feitas, sem systema asentado, sem intuições claras, querem elles pegar desse immenso paiz e amarral-o, com as fitinhas de seus raciocinios de visionarios, ao leito estreitissimo de suas concepções de atrazados e de incompetentes.

Desarticulados espiritualmente por uma philosophia fallaciosa de declamadores de esquina, da realidade humana e brasileira, nada sabem, e nem poderão jamais saber. Nem estudam com seriedade, nem possuem a plasticidade mental precisa para assimilar os arduos problemas da vida politica em sua realidade.

Dahi, os deliquios, os desanimos, os desalentos de que se deixam a miudo possuir diante do espectáculo das cousas que elles não puderam, nem prever, nem dirigir.

Engrossam, na sua inconsciencia, a gritaria dos interesseiros e dos descontentes. Vêm, d'est'arte, a ser os mais efficazes collaboradores dos sebastianistas.

Estos bradam constantemente, porque o seu *idolo* está no exilio, e elles perderam as mammatas. Os visionarios, *jacobinos e puritanos*, gritam, a cada momento, contra tudo e contra todos, porque o seu *idolo*, isto é, o sr. F... não está empoleirado no poder para ainda mais sacrificar o paiz, convertido em *anima vili* das experiencias parvas de uma ideologia fallaciosa e vã.

E' esta a razão pela qual se ouve a cada instante a tolice puritana asseverar: «*Não pensei que Republica era isto!... Se tal esperasse, não teria trabalhado para ella...*»

Phrase desasada só por si capaz de deixar a

descoberto toda a nullidade mental de quem a pronuncia. Como se toda a historia e toda a sciencia politica não fossem, ao envez, o attestado perenne e inilludível das pavorosas difficuldades que acarretam as mudanças, quaes aquella por que passou a nação brasileira. Como se, bem pelo contrario, a mutação nacional não tenha sido, até certo ponto, calma e serena diante dos descabros que eram, e são para recciar justamente em face da agitação insensata dos dezorganizadores sociaes, em cujo numero pede a justiça sejam incluidos os *jacobinos* de todos os tamanhos e feitios.

Contra esse pessimismo morbido, ou seja elle oriundo da phantasia esconsa do *puritano*, — ou seja elle filho da especulação gananciosa do *sebastianista*, o verdadeiro e bom republicano, o sincero amigo da patria deve premunir-se de todo.

A situação geral do paiz não é lisonjeira; porém o remedio não lhe ha de vir, não lhe póde vir das mãos dos ideologos insensatos, nem dos restauradores pervertidos.

O paiz precisa de ser dirigido por homens de character severo, de patriotismo provado, de illustração larga, de estudos solidos. Não basta ter sido declamador de rua ou de gazeta — para pretender um posto na direcção dos negocios; é mister inspirar confiança por producções sérias.

E, se quereis a prova, experimentae. Pegae pela gola um desses maiores agitados do *historicismo* balofo e pedante, e perguntae-lhe por suas idéas, por suas doutrinas, suas vistas praticas sobre os mais sérios problemas nacionaes; indagae por seu programma politico-social, e em resposta recebereis apenas *sophisticarias* e *disparates*.

E' um *rondó* de tres ou quatro rimas arrevezadas e nada mais. A olhos vistos, e ahí diante de

todos nós está-se já formado, com elementos nem sempre os mais puros e aproveitáveis, um verdadeiro *noli me tangere* republicano, uma especie de aristocracia bastarda e tola, ainda mais insupportavel do que a do tempo do imperio.

Quem não nasceu para escravo, deve rir-se della, como escarneceu da outra. E' isso, quere-mos dizer, é aquella anomalia uma das faces mais irrisorias do puritanismo republicanista.

Sejamos francos e digamos a verdade toda inteira: o partido puritano e *jacobino* aspirou desde 15 de Novembro de 89 e aspira ainda hoje a posse exclusiva do poder.

Se não levou por diante o seu desejo é porque, felizmente para o paiz, esta nação é bastante grande para ser a presa de duas duzias de individuos; é porque, felizmente para o paiz, na revolução não entrou sómente aquelle elemento autoritario; é porque, felizmente para o paiz, pela força das cousas e das circumstancias, outros factores intervieram e influiram, no sentido de quebrar todas as resistencias, chamando a nação inteira a collaborar em a nova fórma de instituições.

E este é, talvez, o maior titulo do governo provisorio aos olhos da historia. Em sua organização e em sua marcha governativa — o *provisorio* deu este signal de bom senso: — quiz o concurso de todos.

Nem sempre soube escolher os seus agentes, nem sempre cercou-se dos melhoes elementos; affirma, porém, a verdade que elle não arvorou em norma a *intransigencia* . . .

Os povos definhão á mingua de justiça e verdade; só podem ser facilmente duraveis os governos de largas vistas, capazes de contentar com aquelle alimento a alma das nações.



O mais é pintar n'agua...

Tiremos as ultimas consequencias do puritanismo historico, isto é, façamos a logica do sonho e do desatino.

Supponhamos que, num bello dia, elle galgava, puro e sem mescla, o poder. Que aconteceria? Vamos vêr. Supponhamos, para maior clareza, que tivesse sido a 15 de Novembro de 89.

Aconteceria o seguinte: a propria hypothese da sua ascensão, pura e sem mescla, era impossivel; elle não teria gente com que fazer a revolução... Não é tudo: — não teria gente bastante para entregar-lhe, nas vinte provincias, todos os logares de confiança.

Ainda mais: não teria eleitores para suffragarem os candidatos ao Congresso; e, o que ainda é mais eloquente, não teria gente bastante para enviar á alludida e sonhada assembléa.

Deixe-se, pois, o jacobinismo de illusões e de tolices.

Num governo de opinião, de suffragio, de voto, é um disparate espantar a *maioria*, e o puritanismo a espanta, com suas irrequietas pretensões, com suas aereas phantasmagorias. E ouça para seu completo ensino: — todas as grandes idéas, todas as grandes reformas, capazes de representar um papel na historia, só o pódem fazer, só pódem se transformar em realidades vivas, se ellas rompem o circulo de ferro do *sectarismo* estreito, e derramam-se sobre as massas exteriores. E, para ultimar com um grande exemplo, ali temos o caso do christianismo.

Corria este o risco de ficar e morrer no estreito ambito dos juden-christãos, quando um homem de genio o fez romper o circulo acanhado da intolerancia, e jogou-o nalma sequiosa dos *gentios*...

Paulo, com licença dos positivistas, foi esse homem e começou essa propaganda em Antiochia, uma especie de Rio de Janeiro da antiguidade, uma cidade cosmopolita e incredula.

«Então, diz um illustre auctor, — não houve outro remedio senão admittir que se podia ser christão sem ser judeu, e receber o baptismo — sem soffrer a circumcisão. O futuro inteiro do Evangelho estava nisso; — porque foi dest'arte que de uma seita judia — o christianismo se tornou uma religião universal».

É por isso que das tres idéas capitaes do paulinismo, — evangelisação dos gentios, predestinação e justificação pela fé, — a primeira é a mais notavel e verdadeiramente superior.

Façam os nossos *intransigentes* o mesmo: deixem a estreiteza judia, isto é, o pharisaismo republicano e volvam-se para toda a nação.

Esta vale bem o sacrificio de umas regrinhas mofentas.

### III

Antes de tudo, uma nota, que pudera parecer pessoal, mas não o é de facto; porque não se refere especialmente á nossa posição diante da actualidade brasileira, e sim á attitude da mór porção da gente pensante e sensata do paiz.

É esta: — «Vós sois republicanos; porém no seio da Republica nem estaes com o governo, nem com a opposição; com quem haveis de estar então? . . .» E' a pergunta que nos assalta a cada momento.

Mas a indagação é ingenua, para não dizer tolissima. . .

Desgraçado paiz seria este, perdida estaria esta Republica, se entre os *autoritarios*, os *reaccionarios*, os *restos do partidario conservador*, commandados pelo sr. Lucena, na posse do poder, e alguns *agitados e incontentaveis jacobinos*, que estão na opposição desde o dia 15 de Novembro de 89, não houvesse um meio termo, queremos dizer, o immenso terreno onde se acham no seu posto os homens de senso, de idéas, de luzes politicas e de patriotismo.

Não é exacto dizer-se que não estamos com a opposição.

Não, nós estamos com ella; mas ha duas especies de opposição: a *constitucional* e a *convulsiva*, a sensata e a extravagante.

Para esta não haverá jamais governo possivel. Desordeiros por *atavismo*, os seus sectarios têm o desmantelo no sangue e no encephalo.

E' gente da especie daquella que botou a perder a primeira Republica Franceza; desorganizou a segunda e teria já dado por terra com a terceira se a intelligencia politica naquelle glorioso paiz não estivesse a esta hora disciplinada e instruida pelas lições da historia, por amarissima experiencia.

Descancem os curiosos e bisbilhoteiros: — nós não somos candidatos a logar algum, não pretendemos tomar o passo a ninguem. Estejam a gosto os ambiciosos, arregalem os olhos e escancarem as boccas á espera que o *maná* lhes caia dentro...

Bom proveito e bom appetite.

Nossa missão é outra e havemos de cumpril-a.

Dirigimo-nos ao povo; não cortejamos o poder.

Continuaremos a denunciar os inimigos da Republica.

Não indicaremos nomes proprios; fallaremos

sempre em theoria, apontando o perigo de onde elle fôr surgindo.

Os tres grandes inimigos *intimos* das actuaes instituições são, sem a menor sombra de duvida: os *jacobinos*, que agitam no ar theorias phantasticas, irrealizaveis, que servirão apenas para imbaír e desorientar cada vez mais a nação, que precisa de repouso e confiança; os *reaccionarios*, odientos e *autoritarios*, como estes que ora se acham no poder, gente que bispou posição na actual situação, no intuito de saciar vinganças, afeiar as conquistas democraticas, aquinhoar apaniguados, enfeudar commensaes, guardar vantagens que desfructava no antigo regimen; finalmente, é o terceiro grupo — o dos *espectadores* de todas as fórmãs e feitos, os quaes, como immenso polvo, lançaram, e vão cada vez mais lançando, os seus innumerós tentaculos á administração da Republica, sugando-lhe a seiva e com ella a honra e o prestigio (1).

Taes os inimigos *internos* que o povo e o chefe do Estado devem combater e procurar, quanto possivel, annullar.

O nosso *interum censeo* deve ser constantemente o *sebastianismo*, que ahi campeia affeito e desbragado; porém, o inimigo interno deve tambem ser batido, como seu poderoso auxiliar inconsciente.

No anterior artigo fizemos, a traços largos, o quadro da vacuidade *jacobina*. Agora mostraremos á nação o *carrancismo* perigoso dos reaccionarios.

E' gente que acceitou a Republica a contragosto, e só por amor ás posições. Deve ser aproveitada,

---

(1) Cumpre lembrar que assim fallavamos nos dias do governo de Deodoro e Lucena.

quebrando-se-lhes nas mãos as armas com que pôdem fazer mal.

Não o entendeu assim o sr. presidente da Republica, que a distinguiu, dando-lhe a direcção suprema... Os resultados não se fizeram esperar. Começou o processo da retrogradação; todas as melhores medidas do governo anterior começaram a ser corrompidas ou amputadas.

Foi como o montar em toda a linha da velha machina conservadora.

O casamento civil recebeu golpes; a reforma do ensino tambem os recebeu; a separação da Igreja e do Estado foi torcida e aleijada.

A organização interna dos Estados embaraçada prepotentemente em muitos delles.

Por toda a parte recebeu a imprensa assalariada a *senha* de dizer mal systematicamente do *governo provisório*. Espalhou-se manhosamente a politica do *contraste*, só pelo gosto de contrariar os ministros anteriores.

«Ah! o sr. Glycerio fez concessões de terras; pois eu não hei de fazer nenhuma...» E' o credo do sr. Lucena.

«O sr. Ruy decretou a miudo... pois eu vou mandar a minha cama para o Thesouro e hei de lá dormir um bello somno de Epimenides.» Era a cantiga do sr. Araripe.

«O sr. Benjamin Constant trabalhou para reformar toda a instrucção... pois eu hei de pôr-lhe embargos ás pretensões...» E' o monologo do sr. João Barbalho.

«O sr. Quintino deu que fallar na sua pasta... pois eu hei de provar ser ella desnecessaria, tal ha de ser a minha inutilidade...» E' a teima do sr. Chermont.

«O sr. Campos Salles bulio com toda a *traqui-*

*tana* judiciaria... pois eu hei de ser tão negativo, que não hei de dar ao publico o malevolo gostinho de me saber o nome...»

E' a aposta do actual sr. ministro da justiça, que pela firma não perca...

Ora, os leitores estão vendo, que, com um governo destes, nullo de idéas e fortissimo de odios reaccionarios, é impossivel fundar uma nova ordem de cousas. E taes foram os homêns a quem o chefe do Estado incumbio de affirmar e consolidar a obra da revolução!...

O que de reaccionario é turvamente turbulento vae pelos Estados é difficil descrever. As posições, os postos de confiança, foram quasi por toda a parte entregues aos afamados e experimentados politicadores do antigo regimen, para desprestigio do republicanismo sério, é regalo dos velhos mandões de toda a casta. Entretanto, o bom senso mais elementar estava e está indicando qual o verdadeiro caminho a trilhar.

Seria possivel fazer uma politica só com os antigos elementos historicos? Não; por ser preciso conciliar os animos e quebrar as resistencias.

Será tambem boa e viavel a politica da exclusão dos bons elementos republicanos? Também não; porque a elles deve caber a maior e melhor parte na responsabilidade de seu systema politico.

Qual seria, pois, o mais acertado plano a seguir? Este: nos Estados acolher todas as capacidades, todos os bons elementos, viessem de onde viessem; na direcção suprema pôr, em cada ministerio o maior numero possivel de representantes da escola politica, que fez a propaganda e triumphou com a revolução. Não se transgridem impunemente as leis da logica, do criterio historico e do bom senso.

O povo tem em larga escala a intuição da verdade e gosta da logica nos factos.

Ora, ou a Republica é viavel ou não é entre nós. Se é, tenham a gloria desse feito aquelles que por elle se esforçaram e que o encarnam aos olhos da nação. Se não é viavel, que morra então nas mãos daquelles que a sonharam e por ella sempre combateram.

O contrario disso é esbulhar dos postos quem de direito os devia occupar; é estar de má fé e com pensamentos occultos; é, pelo menos, desnaturar na pratica um ideal de que não se tem a paixão, que nem sequer se estima; porque por elle nem se luctou, nem se soffreu...

Este é justamente, exactamente o papel equivoco que na historia vae representar o sr. Lucena e a *troupe* por elle dirigida.

Não basta querer ser sério e ser honesto de facto; é mister estar na altura da situação, na altura do momento; é preciso ter a paixão da obra que se vae realizar; e esta só a tem quem nella poz todas as suas esperanças, todos os seus anhelos, todos os seus sonhos de patriota. E quem ha ahi nesse governo, que é ridiculo porque está fóra de seu tempo e de seu logar, que possa se jactar de estar ao nivel das necessidades da occasião? Ninguém!... As seis ou sete figuras são como uma *parodia republicana* de uma monarchia embuçada. São homens que não estão de frente para o povo; porque elles mesmos não passam de uns *qui-pro-quo*s do destino.

Não é com gente dessa laia que se governam nações.

«A Republica vae mal!... dizem os *sebastianistas*; a Republica vae mal!... repetem os *jacobinos*; a Republica vae mal!... têm tambem a co-

ragem de repetir em côro os *traficantes e especuladores* que se têm enchido á sua custa...

Nós, os republicanos da *vespera*, os que não temos a culpa dos desvarios que têm vindo macular as instituições que desejamos firmar em nossa patria, cabe-nos o direito de perguntar: e os interpretes e executores de nossas idéas hão sido sempre fieis aos seus deveres? Temos nós culpa de erros dos outros?

Temos nós a culpa de a *conservadores* retrogrados e a *liberaes* de curtas vistas ter sido incumbido a tarefa de nos arredar, e o mandato de corromper nossos principios e nossos ideias?

Respondam os homens competentes e serios.

#### IV

Sabemos bem ser a primeira condição para agradar em *politica* ter os *vicios* do officio, ter a *mare* igual a todos, metter-se a gente num grupo, commungar com elle pura e simplesmente na mesma mesa, isto é, engulir muitas vezes a justiça e verdade quando se trata dos nossos, e vomital-a depois, como affronta, na face dos adversarios..

O papel de não approvar tudo, de não bater palmas a todos os desvarios dos partidos, a missã superior de não mentir á direita e á esquerda, incumbencia de não tergiversar e não ter duas bitolas para os homens e para os factos, é sempre cousa incommoda, especialmente na *politica*, que para muita gente, continúa a ser a arte de mentir habilmente...

Para o grosso dos *politiqueiros* do dia, no manejo de sua arte, nunca apparece, nem ao meno



como decoração longinqua ao fundó do quadro, a figura do povo, a imagem da nação... Elles occupam o primeiro plano, e, por uma natural illusão de optica, julgam que se acham sós e constituem a patria em totalidade.

Chamar a attenção dos grandes e poderosos para a realidade das cousas; tomar attitudes de desapprovação, quando todos batem palmas; não ficar boquiaberto diante do oraculo, quando a mór parte da gente já se acha em extasis; permanecer de pé, quando a multidão cahio ha muito de joelhos, é crime que jámais se perdôa a quem tem a audacia de o commetter.

Ora, tal tem sido sempre a nossa posição diante das notabilidades, dos portentos da litteratura, da sciencia e da politica brasileira, e similhante attitude parece dever continuar ainda por muito tempo.

E' preciso levar o optimismo até ás raias da insensatez, é mister haver perdido todas as vistas do espirito para não encherger os tremendos e quasi inqualificaveis disparates diariamente commettidos de 15 de Novembro para cá, erros palmares, que só encontram seus eguaes nos congeneres do tempo do imperio!...

Os homens de patriotismo e boa vontade chegam quasi a desesperar de ver um dia este paiz enveredar por melhores caminhos.

Parece ter a geração presente apostado substituir *um imperio de lama por uma republica de bôrra.*

Que ha ahi aos olhos do observador imparcial, sem odios, munido da indispensavel coragem de communicar ao publico, tal qual é, o resultado de suas impressões?

Posto de lado um punhado de conquistas de ordem social, a realização, aliás manca, de duas ou

tres idéas, já dantes muito-debatidas e desejadas, a politica republicana, no tempo do *provisorio* e no tempo do *lucenismo*, tem sido a prolação debandada do imperio: as mesmas questiunculas, os mesmos vicios, os mesmos pequenos interesses pessoases, as mesmas chicanas, as mesmas *pepineiras*, e, pâra tudo dizer numa só palavra, a mesma desengraçada comedia representada quasi pelos mesmos *actores*...

Bem sabemos ser isto até certo ponto inevitavel: a historia é como a natureza; *não faz saltos*.

Nem é para repetir uma observação, que já tem sido mais de uma vez feita, que tomamos agora da penna.

Dirijimo-nos para outro ponto e a nossa critica pretende tocar noutro alvo.

O maior defeito do *provisorio* herdado pelo *lucenismo*, e por este aggravado, não está aos olhos da historia numa série de erros, alguns delles mais ou menos desculpaveis; não está no alvoroço que se apoderou de toda a nação, na desorganização de mais de um serviço, no impulso espontaneo de uns poucos de factos de difficil direcção.

O maior erro do *provisorio*, aggravado, se é possivel, pelo *lucenismo*, esteve, salvas uma ou duas excepções, na *vaidade* indefinivel de que se deixaram apoderar os representantes do governo de alto a baixo, em toda a linha e por toda a parte.

Sucedaneos de um poder que se esboroou como por encanto, apossados de um poder que não lhes custou a conquistar, investidos de um poder quasi apanhado no meio da rua, os homens da nova situação, como verdadeiros *parvenus*, perderam a cabeça.

A vaidade germinou e cresceu-lhes na alma,

como a herva em campo fertil. Ora, o maior inimigo do politico é a femimilidade da vaidade: é ella a fonte de todos os erros e desatinos posteriores.

Os nossos não desmentiram a regra. Quem os acompanhou pode verificar o phenomeno. Vamos ver; recordemos ao publico o que elle pode apreciar nos ultimos vinte mezes e indiquemos-lhe o que elle ainda hoje pôde observar a olhos nús.

Empossados de um poder discricionario, os novos paes da patria, ao envez do que praticaram Washington, Hamilton, Madison, Jay, Morris, nos Estados Unidos, julgaram-se em paiz conquistado.

A vaidade deu-lhes, como primeiro fructo, o amor descommedido ao mando, e com este a desconfiança aos antigos companheiros. Manifestada esta, a cada instante, por modos inequivocos, começou a retirada dos amigos sinceros, dos homens de bem, que poderiam obstar a mais de um desatino. Feito o *vacuo* progressivamente, progressivamente tambem foi elle sendo preenchido pelos *especuladores*, pelos *parasitas* de todas as politicas e de todas as situações.

Formou-se o *cordão sanitario* em torno dos homens do governo; os *geitosos*, os *habeis*, isto é, os *velhacos* de todo o genero, ficaram livremente a postos.

São os *janizaros* que formam a guarda de honra dos ministros nas secretarias.

E os homens do *provisorio* começaram a escorregar pelo declive por onde rolaram os homens da monarchia, o mesmo declive por onde vae rolando precipite a *troupe* do sr. Lucena... — E o povo entrou cá fóra a enfiar as contas do longo rosario dos erros da Republica, tal qual dantes fizera o inventario dos erros do tempo da monarchia...

Para que dissimular? — Para que negar os factos em vez de os corrigir?

Para que esconder os erros em vez de os emendar?

A vaidade não gera, porém, sómente a desconfiança e, como resultado della, a ingratição; produz tambem a *pretensão á infallibilidade*, que é a peor das *cegueiras*. O *gosto de ser bajulado*, de arrastar uma longa *cauda de admiradores*, irrompe tambem fatalmente. Esta ultima funcção é habilmente, arteiramente, admiravelmente preenchida pelos *especuladores*.

Organizada assim a psychologia dos homens do governo e preparado dest'arte o pessoal que os ha de sempre cercar, os desatinos começam a cair; não ha mais mãos a medir.

A pretensão á infallibilidade priva o *deus* de consultar qualquer cousa aos simples mortaes, e informar-se das necessidades do povo. A cegueira, entretida pelos bajuladores, que batem palmas a tudo quanto a *divindade* vae praticando, entra cada vez mais a multiplicar os despropositos... E' a historia, talvez, de todos; é por isso que se disse já: *os reis não aprendem*; — grande verdade, que tem hoje um appendice: *os presidentes e os ministros das Republicas tambem não aprendem*.

E os erros formigam e o povo cá em baixo vae reparando nelles e vae perdendo a fé nos homens e nas instituições...

Mas será esta sempre a mesma senda a trilhar? Não será possível, sequer, diminuir os malès? Nem sempre commetter as mesmas faltas, tropeçar nos mesmos calhãos e levar as mesmas quédas? Parece-nos que a boa politica deve consistir justamente em cohibir, o mais possível, a tendencia para os abusos.

E como poderiam e o poderão fazer homens, que quasi propositalmente, foram procurar na vasa do imperio o que havia de mais degenere em caracteres para com esta lama edificar a Republica?

## V

A critica simplesmente negativa não é hoje, só por si, sufficiente para esclarecer os diversos problemas da actual situação brasileira.

O paiz precisa de ver claro a fonte dos erros da politica que o tem hoje, como hontem, dirigido; precisa de pôr a mão em cima da má fé e dos embustes dos conspiradores; precisa segurar todos os fios negros da propaganda interesseira e desleal dos traioeiros *sebastianistas*; mas antes e acima de tudo, elle ha mister de luzes, elle aspira por esclarecimentos sérios, que o encaminhem na sua jornada... Pois bem; ahi mesmo é que desejamos dar combate ao trefego e ousado inimigo. Não pôde ser escolhido melhor terreno. Vós vos dizeis uns patriotas sem par, tendes a pretensão de salvar a patria, que vae para dois annos está a afundar-se na perdição, segundo vossas turvas e ter-riveis predições...

Perfeitamente; mas, então, vós que falaes com tanta segurança, que affirmaes ser positivo e realissimo esse mal, sois uns perversos adversarios da nação, porque até hoje não consta de memoria de homem que á patria que se debate em ruinas hajaes trazido um ceatil sequer de vossas locubrações, para a tirar do despenhadeiro...

Ou mentis consciencientemente ao povo, enganando-o, illudindo-o, instigando-o contra o seu governo nor-

mal, affirmando horrores em que vós mesmos não acreditae; ou não sois portadores do mais levê patriotismo, porque nada fazeis pelo povo na hora de sua angustia, se é que vós mesmos daes credito ás vossas lugubres affirmações. Não ha meio. Deixae o mysterio e a criminosa indifferença; vinde collaborar na obra commum, na paz e no progresso desta terra que dizeis amar. Mas, qual! — nenhum se ha de mover; ão de todos preferir o perfido systema da intriga, da calumnia, da dif-famação contra tudo e contra todos, que não façam parte do *conluio dos desertores*...

E é essa a moeda com que pagam a generosidade, sem egual, do governo republicano para com os seus provados inimigos... — E taes são os homens que pretendem ainda um dia governar este paiz.

Entretanto, é preciso cada um cumprir o seu dever. Não é com objurgatorias, com berreiros e gritarias que se disciplinam as nações e se esclarecem os povos. O paiz precisa de idéas, de doutrinas, de opiniões firmes, de boa fé, de patriotismo, de todas as qualidades intellectuaes e moraes que possam vir em auxilio das instituições combatidas pela propaganda vulpiana do sebastianismo.

Vimos agora, sem vaidades e sem pretensões, trazer a publico um punhado de idéas, que não temos a velleidade de suppor originaes. Pequena, quicá insignificante contribuição para as luctas politicas do dia, aspiramos apenas a que possam ellas servir de thema, de analyse, a que se prestem ellas a provocar a discussão por parte dos competentes.

Pretendendo entrar nesse terreno, querendo tomar por este caminho, sejam nossas primeiras pa-

lavras um brado de *alerta para a união* dos republicanos e dos patriotas . . .

Deve ser nos dias correntes a aspiração suprema. Assaz já nos dividimos no curto espaço de menos de dois annos. Ninguem se illuda: não se illuda o governo, não se illuda a opposição, não se illudam os republicanos de todos os matizes. A reacção restauradora é uma realidade. Por todos os meios pelos quaes é possível averiguar um phenomeno social e politico, ella ahi se ostenta a olhos desarmados.

Já *a priori*, só por simples presumpção, fundada nos ensinamentos da historia de outras nações, era licito affirmar a conspiração, surda a principio, e mais tarde ruidosa. Foi o que se deu na Inglaterra, o que se deu em Hespanha, o que se deu mais de uma vez em França. E' aliás regra que jamais falhou: um poderoso partido politico, principalmente se elle se firma em preteuções dynasticas, nunca, em tempo algum, deixou de aspirar a conquista do poder.

E' preciso dar mostras de uma ingenuidade, vizinha da idiotia, para acreditar que o Brasil, não sabemos por que sobrenatural privilegio, viesse a constituir uma excepção a essa regra.

E não é só isto.

Observe-se a linguagem virulenta dos jornaes conhecidamente *sebastianistas*.

Repare-se na systematica propaganda diffamatória contra os principaes homens da Republica, nomeadamente os que constituiram o governo provisório. Não se percam de mira os incitamentos claros ao povo, fazendo-o acreditar que a explicavel crise financeira que atravessamos é um *corollario necessario* das actnaes instituições. Não se esqueça a agitação suspeitissima que se apoderou das filei-

ras reaccionarias, quando se approximou a epocha da discussão da questão de Missões no Congresso.

Não se deixe sem reparo a vinda simultanea dos maioraes do partido, que andavam em regalados ocios na Europa.

O plano de irem alguns delles residir juntos em certo ponto do interior sertanejo não deve ser de todo innocente.

Não esquecer especialmente o que se passou na Camara, quando alli se tratou da pensão ao ex-imperador. . .

Para que procurar inferencias, se elles proprios já não fazem mysterio de seus planos?

Tenham cuidado os republicanos, e esse cuidado deve traduzir-se logo na união, na disciplina, na convergencia de vistas para debellar o inimigo commum.

A Republica não está feita desde que não está plenamente constituida e consolidada.

Calem-se os odios e desavenças diante do plano restaurador. Garantida a obra da revolução, firmes as instituições, ajustaremos, então, nossas contendas partidarias. E essa obra de argamassa só póde vir de nossa moderação, de nossa parcimonia em crear embaraços á propria organização do systema politico que defendemos.

Pela prudencia e pelo bom senso é que havemos de combater o sebastianismo.

Arredemos, quanto possivel, os tropeços que nos embaraçam o caminho.

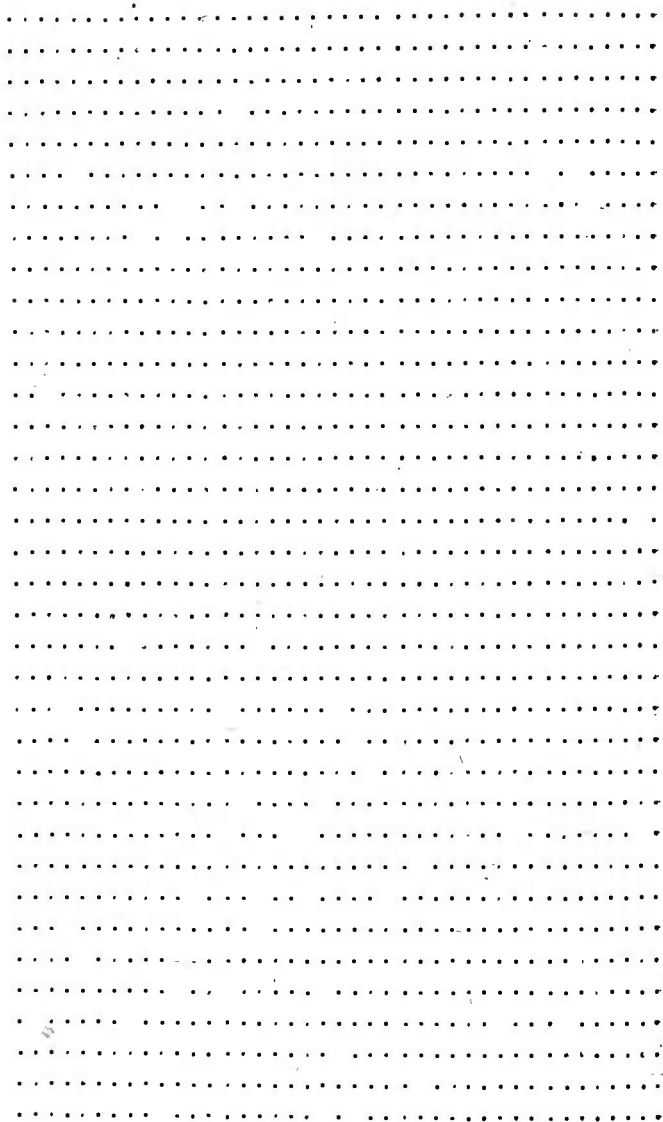
Cumpra o governo o seu dever de administrar com justiça e verdade.

Tenha o indispensavel criterio, o tino preciso para solver as questões que se lhe enfrentarem.

Deixe a opposição republicana o velho systema









## VII

De todos os symptomas de nossa actual situação economico-financeira, tomamos, em anterior artigo, o phenomeno da *banxa do cambio*, — para, mostrando o desnorteamento geral das opiniões, indicar, além da intensidade do mal, a incerteza em que laboram a respeito até os mais illustres coripheus de nossa vida politica.

Qual a razão por que espiritos tão habeis, tão prodigamente dotados da visão percuciente da intelligencia se desbaratam mutuamente, e não chegam a um accordo sobre a explicação de um phenomeno em que elles proprios foram *magna pars*? Por um motivo muito simples, ousamos responder: porque não tomam o assumpto de bastante alto para lhes notarem as diversas relações. — Por vicios de educação quasi todos estes que ahí têm andado a discutir questões economicas não se acham de posse da indispensavel disciplina mental, capaz de lhes fornecer uma *vista de conjunto* sobre os factos sociaes. — Talentos *episodicos*, para não dizer *anecdoticos*, quasi todos elles enredam-se nos accidentes, nas circumstancias secundarias, nos detalhes, e perdem de vista o todo, o complexo, o lado geral dos phenomenos politicos.

Na questão financeira, por exemplo, esquecem a inter-dependencia dos acontecimentos economicos *vis-à-vis* de todos os factos sociaes, a co-relatividade de toda a evolução humana, aquillo que o philosopho, o grande Spencer, chamou a constante lei do *consensus*.

Uma vista inquiridora lançada sobre a nação

brasileira na actualidade, notará as enormes alterações que a assaltaram em todas as relações da vida. Não foi só a face *financeira* que se viu de chofre abalada. Todos os aspectos do viver pacato deste povo soffreram choque mais ou menos intenso, para não dizer — violento.

E senão, vejamos.

Nas relações religiosas da maioria da população deu-se egual abalo — pela posição nova creada para a Igreja e os seus crentes e o seu clero diante do Estado.

Na ordem judiciaria, que é quasi tão conservadora quanto a religião, e que, como ella, por suas praticas, influe demasiado sobre todo o viver popular, pelos enormes interesses que se lhe acham ligados, egual, ou antes, muito mais profundo foi o choque pela subita modificação operada no velho machinismo.

Na orbita politica a subversão foi completa, como era indispensavel que fosse.

A constituição desfez-se em pó, e com ella todo o poder e toda a ordem governamental que ella representava, o que importa dizer que a velha fórmula de governo, a organização politica, os antigos partidos, todas as instituições do imperio, como senado, conselho de Estado, camara dos deputados, assembléas provinciaes, camaras municipaes, todo aquelle immenso edificio, que levára annos e annos a levantar-se, ruio por terra de um golpe.

O fracasso era verdadeiramente colossal, e tão formidavel quéda, levantando no ar a intensa poeira dos interesses feridos, das pretensões arruinadas, das esperanças desfeitas, deveria occasionar intenso clamor.

Na vida social, naquillo que ella possui de mais variavel ao sabor das revoluções — a riqueza —

era infallível a indispensável repercussão do abalo geral.

Foi o que se deu em larga escala e não poderia ser por outro modo. Accresce que, como sóe acontecer em casos taes, e, como já tivemos ensejo de ponderar nestas columnas, citando, entre outros factos, a narrativa de Macaulay sobre a febre economica succedida em Inglaterra após a revolução de 1688, accresce que uma anormal população, incitada pelo desejo do ganho, affluio de uma fôrma desusada para esta capital, perturbando ainda mais intensamenté todas as relações economicas.

Para tudo dizer em poucas palavras: o velho aparelho regulador de toda vida brasileira simples, ronceiro e de poucas molas, sentiu entrar-lhe dentro uma vida, uma força nova, tumultuaria e rude; não a tem podido supportar e vae estalando aos poucos.

E' isto, e mais nada.

O que convem agora fazer é tirar cada peça da immensa e gasta machina que se fôr arrebrandando e substituil-a por outra.

Eis a questão e ella se resolve com força e coragem e não com parolas e musica... A urgencia não é de *cantar*, é de *agir*.

E nós por nossa vez, não queremos *entrar no solfejo*, porque não temos boa voz. Por isso vamos ao ponto sem rodeios.

Entendemos que antes de tudo, quem tiver; Congresso ou governo, de dar a solução, ha tanto tempo anhelada por todos, á nossa actual situação financeira, deve principiar por uma preliminar operação de *methodo*, isto é, deve começar por examinar quantos e quaes os diversos problemas que se occultam sob as duas singelas palavras — *questão financeira*. — O phenomeno é complexo.

Parece-nos que ahi ha quatro ou cinco questões capitales, pedindo cada uma o seu remedio, ou pelo menos o seu particular cuidado.

Temos, ao que se nos affigura, a questão *orçamentaria*, a *bancaria*, a *commercial* propriamente dita, esta ultima complicada com a *crise economica* peculiar ao consumidor, especialmente ás classes mais pobres, que se vêm desesperadas pela carestia dos generos.

A estes temerosos assumptos, que nos dizem respeito com a vida de todos os dias, é que são chamados a attender os poderes publicos brasileiros.

As duas primeiras faces do problema podem mais directamente ser encaradas por quem de direito. Nas outras duas será preciso um certo criterio no uso, no emprego de meios, mais ou menos indirectos.

Vejamos ponto por ponto.

Na questão *orçamentaria*, propriamente dita, nada, na urgencia presente, póde mais adiantar-nos o entrarmos nos dominios da historia e mostrar desbarato das finanças imperiaes. Este trabalho está feito e magistralmente feito no *relatorio* e nos *pareceres* e *exposições* do sr. Ruy Barbosa.

Com aquella copia de factos, com aquella abundancia de provas, com aquella opulencia de allegações e motivos, que constituem a força deste escriptor, similhante tarefa já está levada a bom exito.

E' inutil hoje repetil-a.

O orçamento da Republica deve realizar grandes cortes nas publicas despesas, ajudando assim a debellação do *deficit*. Não é esta uma recommendação banal, por demasiado repetida: é, ao envez, a chamada á ordem dos legisladores democraticos que devem poupar os esforços do povo.

Ora, quem lê com acurada atenção o relatório do ministro do Thesouro no tempo do governo provisório, e vê o augmento inegavel e enorme, experimentado pela *despesa* publica, accrescimo que aquelle zeloso funcionario não teve meios de cohibir, deve bem ver que a cousa aqui é seria.

Não é só isto; é preciso, de uma vez, acabar com o dualismo pernicioso que ainda hoje leva muita gente a separar o *Estado da Nação*, enchendo aquelle de favores e privilegios, ainda que esta soffra horrores e torturas.

Não é mais do que encher os cofres do erario, seja como fôr, para despesas muitas vezes insensatas, e o *povo* que soffra, como a *besta de carga*, que deve ser...

Não: um thesouro publico pôde estar transbordado de ouro, e o povo atufado na miseria, como na Russia e no Paraguai de Lopes...

Não queiramos privilegio desses.

Sobriedade nas despesas; cortes e mais cortes, principalmente na pasta da agricultura, e nesta, mais particularmente ainda, em tudo que disser respeito a arranjos de immigração.

Esta chaga deve-se ir cauterizando quanto antes.

Haveria muita cousa a dizer neste assumpto; mas só a portas fechadas, ou ao ouvido das comissões parlamentares.

Quem, porém, vive nas regiões officiaes deve ter o preciso conhecimento da materia e ha de, necessariamente, ver que os *córtes* por ahi são urgentissimos.

Na questão propriamente *bancaria* o problema é, por sua vez, complexo, e pede subdivisões.

Antes, e acima de tudo, como se tem manifestado o que entre nós aprouve chamar *crise bancaria*?



Por um triplice aspecto, por uma triplice categoria de factos: *baixa do cambio*, depreciação das *acções* dos bancos em geral e tambem da *moeda fiduciaria* dos que podem emittir, e finalmente *retracção do credito* em toda a linha, desde os particulares até as instituições mais solidas.

E' licito perguntar: até que ponto é isto conjuravel? Que podem ahi fazer os poderes publicos? Até que medida influio nos factos o *abuso do credito*, a criação de *empresas irrealizaveis* e em numero superior ao que poderia supportar a vitalidade economico-financeira do paiz? Em que proporção deve-se attribuir o phenomeno á excessiva emissão de papel *inconvertivel*? Que reforma póde ser tentada de momento?

Estas e outras questões que seria possivel levantar são das mais complicadas que existem em taes materias.

Não possuímos, repetimos ainda uma vez, a presumpção de ter competencia especial no assumpto, que discutimos apenas como republicano que deseja, na medida de suas pequenas forças, contribuir, de qualquer fórma, para o esclarecimento dos actuaes pleitos do seu partido, que devem ser os pleitos de seu paiz.

Mas devemos dizer que a observação e o estudo do que se tem passado entre nós em os ultimos dois annos, levaram-nos ás conclusões que vamos expor.

O pessimo emprego dado ás emissões bancarias, que, em vez de irem directamente fomentar as industrias sérias e viaveis, ficaram aqui no desenfreado *jogo da bolsa*, incitando a criação de verdadeiros disparates financeiros e economicos, foi a principal origem do mal que se procura hoje dominar.

Eis o *pronton pseudos*, o primeiro e grande erro.

Ha outros muitos e bem graves.

Não seguimos a doutrina de explicar sempre um *complexo* de factos por uma só *causa*. . . Sabemos que as fontes dos males foram muitas e das mais variadas. Algumas são irremediaveis por acção do poder publico.

Creemos, no tocante á questão puramente *banca-ria* e da *bolsa*, que o remedio estará numa dupla ordem de providencias.

De um lado dar nova organização aos bancos de emissão, que devem ser reduzidos a um só, com lastro em ouro, e notas convertiveis em condições mais seguras para o publico do que as que regulam este facto no actual Banco da Republica.

A emissão deverá, talvez ser pelo duplo do deposito, parecendo excessiva a emissão ao triplo.

Como não se devem fazer periclitari os grandes interesses ligados áquelle citado banco, devem-se lhe marcar lapsos diversos de tempo para elle ir gradual e progressivamente substituindo por ouro o seu velho lastro de 50 mil contos em apolices.

Por outro lado, não fazer concessões insensatas e dificultar, por seguras exigencias como deposito no Thesouro de 50 0/0 do capital, a formação das sociedades anonymas.

Logo que o jogo, por uma parte, não só estiver diminuido como ainda se souber que elle não poderá facilmente renascer; logo que, por outra parte, fôr geralmente conhecido que não estaremos indefinidamente sob a ameaça de ondas e ondas de papel, *perpetuamente inconvertivel*, porquanto o illustre presidente do Banco da Republica demonstrou em seu interessante discurso, que nós não poderemos normalmente ter cambio

persistente e seguro a 27, logo que uma cousa e outra constarem, como realidades sérias, o cambio ha de subir infallivelmente, sem recursos fraudulentos da parte do governo.

Na obra financeira de Ruy Barbosa deve-se distinguir aquillo que elle, dois mezes após a revolução, praticou sob a imperiosa imposição das circumstancias, e aquillo que elle mais tarde, mais desassombrado, praticou, e ainda mais levaria por deante, se perdurasse no poder.

Esta distincção é capital e é lição que resalta de muitos de seus feitos, especialmente o grande passo para a unificação do meio circulante, e unidade dos institutos de emissão, dado por elle com a fusão do Banco Nacional e dos Estados Unidos no grande Banco da Republica.

E' lição, finalmente, que sahe nitida e clara de seu *relatorio*, precioso documento que deve ser compulsado por quantos no Brasil queiram se occupar de assumptos financeiros.

A *questão financeira*, dissemos nós, tem um quadruplo aspecto, conforme é encarada em face do Estado (*questão orçamentaria*), em face dos bancos (*questão bancaria*), diante do commercio (*crise mercantil*), diante dos consumidores, do povo, do proletariado, (*crise economica*, propriamente dita). Eis os quatro lados do debate que desejamos determinadamente apreciar.

Outros lhes descobrirão novas feições, se o quizerem.

Vimos já as duas primeiras posições do problema. Agora cumpre examinar as duas ultimas.

O que se póde chamar a *crise commercial*, isto é, aquillo que na questão financeira geral affecta mais proximamente o commercio, vem a ser o mal-estar, os embaraços, os tropeços e atropellos,

que assediam hoje a esphera das relações mercantis. E os mais salientes phenomenos dessa ordem são: o pessimo cambio, os impostos em ouro, tornados onerosos exactamente na razão da descida daquelle, a subsequeute alça dos preços de todos os artigos de negocio, a esquivança do capital, a escassez do numerario, etc.

Todos estes *casos* da geral molestia prendem-se ao que dissêmos da questão bancaria. Têm alli o seu correctivo, menos o que concerne ao *pagamento em ouro dos impostos de importação*. Assumpto é este que tem agora o seu logar e a sua opportunidade.

Convirá hoje revogar o decreto creador de tal providencia? Conviria fazel-o no todo, ou em parte? Na epocha em que fôra decretada essa providencia, satisfaria ella a uma necessidade imperiosa? Os resultados esperados foram obtidos, ou não?

Eis os pontos a elucidar.

As opiniões acham-se divididas, e o assumpto é dos mais interessantes dentre os que possam occupar espiritos que meditem sobre problemas de economia nacional.

Ruy Barbosa, o illustre creador daquelle feito financeiro, defendeu-o com uma proficiencia sem equal.

E' a parte de argumentação mais cerrada em todo o seu relatorio, que, aliás, é em todos os pontos nutrido de provas.

O notavel argumentador mostra, firmado em *Sherman*, as vantagens advindas aos Estados Unidos de igual medida, e, escorado em *De Clercq*, semelhantes proventos advindos á Russia. Apreciando directamente o nosso paiz, escuda-se em dous excellentes documentos, que transcreve, um

firmado por habéis industriaes brasileiros, outro por illustrados representantes da nação, na Camara dos Deputados, em dias do imperio.

O transumpto da documentação e dos raciocinios do erudito chefe das finanças do primeiro governo da Republica é este: o pagamento dos direitos de importação em ouro estabelece a equidade que deve reinar entre os impostos de exportação e os de entrada; concorre efficazmente para manter no paiz a circulação metallica, que, assim, é contida na sua tendencia de escoar-se para o estrangeiro pela lei de *Gresham*; habilita, normalmente, o Thesouro a satisfazer os seus encargos externos; contribue para a segurança e estabilidade de um cambio favoravel, desfogando o mercado da concorrencia periodica do governo, que tambem se liberta dos especuladores. Estas allegações são da maior valia e devem inspirar nosso systema tributario em condições normaes.

Entretanto, os adversarios respondem ao notavel ministro pelo modo que se vae ver.

Todo e qualquer imposto, dizem, deve ser pago na moeda mais corrente no paiz; obrigar o contribuinte a certa *qualidade* de moeda, além da certa *quantidade* que lhe levam, é vexatorio. E todo o imposto *vexatorio* torna-se antipathico, impopular, e, como tal, deve ser abolido. Não é só isto. O pagamento *em especie* torna-se quasi impossivel, maximé em toda a região norte do paiz, onde não existe ouro absolutamente nenhum. Ora, essa mercadoria obedece, como qualquer outra, á lei da *procura e da offerta*, base fundamental da economia politica, o que importa dizer que, quanto mais se *procura* o ouro, mais elle *encarece* e mais *se deprecia* o papel bancario, o que por sua vez quer dizer que *ouro carissimo* e papel *baratissimo*

— chamam-se *cambio muito baixo, muito desfavoravel* . .

E não pára nisto.

A pressão imposta ao commercio é a origem da pressão que, por seu lado, elle impõe ao consumidor. Dahi a carestia de todos os generos, de todos os artigos de troca, até os de primeira necessidade. O povo exaspera-se e entra a murmurar, e esses murmurios podem chegar a um grande clamor.

Manda a mais elementar prudencia que uma politica nova, que quer viver e impor-se á confiança geral, deve antes de tudo não abrir desavenças com as massas populares. Deve acatal-as e chamental-as para seu lado por indefessa sympathia.

O governo é o primeiro, accrescentam, a depreciar a moeda bancaria, quando de um lado permite, faculta que a joguem na rua, e, por outro, exige para seu uso moeda especial.

Finalmente, ajuntam, os auspiciosos resultados esperados da medida do pagamento em ouro dos direitos de entrada, falharam completamente; não se estabeleceu a circulação metallica, o cambio não melhorou, a crise não deixou de dar-se, as condições da existencia publica peioraram cada vez mais.

E' esta a summa dos motivos oppostos á notavel medida financeira de 4 de Outubro de 1890.

## VIII

Que pensamos nós? Dizemol-o sem rebuço: a providencia é boa em principio; depende, porém, para sua efficaz realisação, de medidas complementares.

Estas é que não foram tomadas pelos successores do sr. Ruy Barbosa. E dest'arte, a incompetencia do sr. Araripe e do sr. Lucena botou a perder um salutar expediente que elles acharam em pratica e não comprehenderam.

Não é preciso que narremos aqui as curvaturas e zig-zags, os saltos e cabriolas dados neste ponto, especialmente pelo sr. Araripe. São ainda muito recentes e estão na memoria publica.

O proprio sr. Ruy Barbosa já tinha um presentimento de que a sua obra ia ser neste ponto dismantelada, — quando escreveu estas palavras: «Na execução desta medida, porém, é essencial que a administração lhe comprehenda o espirito, e a não adultere, convertendo-a em meio de absorver e monopolisar, a beneficio do Thesouro, o cabedal metallico do nosso mercado. Entendida e applicada assim, ella seria, em grande parte, contra-producente nos seus resultados.»

No estado actual da praça do commercio e da peculiar posição a que chegaram os preços e o desespero dos consummidores, não trepidariamos se fossemos ouvidos em aconselhar a suspensão, por tempo indefinido, dos pagamentos em ouro, limitando-se as alfandegas a cobrar em papel pelo cambio do dia, e insistiríamos para que, no mais breve prazo possivel, fossem tomadas providencias para a cunhagem gratuita do ouro particular, que, para isso, recorresse á Casa da Moeda, segundo instantemente tem reclamado o director daquelle estabelecimento.

Note-se bem: — A suspensão aconselhada não significa de fórma alguma perpetua renuncia a uma providencia aproveitavel e applicavel, dadas certas circumstancias.

No que concerne aos *embaraços economicos* com

que luctamos todos os que constituimos as classes consummidoras, estes não são propriamente de indole a cair de modo directo sob a acção dos poderes publicos.

Na *casa*, e no *alimento* é que todos estamos agora especialmente debaixo das mais terriveis pressões.

Contam cousas curiosas sobre as exigencias dos *senhorios* e as imposições dos *vendilhões*...

Fala-se em syndicatos para monopolizar a venda dos generos alimenticios, e preparar, na linguagem graphica de Lopes Trovão, o *pacto da fome*...

Allega-se o estarem abarrotados os armazens e trapiches da Saude de generos alimentares de maior consummo, guardados para a especulação... Tudo isto póde ser exacto ou não; e o governo tem a seu dispor innumerous meios de pesquisa e syndicancia.

Se as cousas chegarem ao ponto de calamidade publica, elle tem o direito de intervir para salvagão geral. Mas isto demanda criterio, bom senso, decisão e firmeza.

Provavelmente, não terá necessidade de descer até ahi e impor o seu *veto* aos syndicatos. Se a houver, não trepide. E, nltimemos por hoje, por uma consideração de ordem geral. Nada do que se ha dado entre nós, quer sob o ponto de vista da politica, quer sob o aspecto especial das finanças, é desusadamente anormal e inexplicavel.

Ao contrario: tudo era de uma previsão facilima.

O paiz acabava de atirar fóra a pelle dura de terra de escravidão. A macula de quasi quatro seculos foi curada, e a nação sentiu-se rejuvenescer.

Não existia mais o aviltamento do trabalho, um



milhão de homens não se cansavam mais para alimentar uma sociedade de parasitas; o proletariado nacional dava passos para a frente e affirmava a sua existência historica, não era mais uma multidão anonyma.

Todas as classes sentiram equal estímulo; era preciso andar desassombradamente para diante. A monarchia cahiu, como tombára a escravidão.

Não era cousa de nonada na vida de um povo: a revolução *social* da libertação dos escravos hoje, e, no anno seguinte, a revolução *politica* da extinção da realza.

A vida economica, nomeadamente, sentiu-se mettida noutros moldes. — Era uma região nova a explorar; acodem os capitaes; fundam-se bancos; criam-se empresas. Uma população adventicia corre a sugar nessas veias, a cavar nesses filões; apparece a classica *febre* dos empreendimentos, tão conhecida dos therapeutas e dos pathologos das nações. O *credito* vae um pouco além do ponto até onde devia chegar; succede-lha o retrahimento; porque a *pyrexia* naturalmente vae declinando. Que ha em tudo isto de peculiarmente extraordinario?

Em que é que o *caso* brasileiro é, intrinsicamente, diverso do caso americano, do caso inglez, do caso argentino, do caso, em summa, de todos os povos que passaram por crises politicas e subsequentes crises economicas? Em que?

Em nada; senão em ser mais brando do que todos os phenomenos historicos do genero.

Qual a culpa, então, das instituições republicanas em um acontecimento mil vezes repetido no curso da evolução de nosso occidente? — Nenhuma. A crise teria de estourar no tempo do imperio, se elle durasse dois annos mais. Os primeiros signaes já appareciam bem rubros no horizonte.

E, demais, a epocha é climaterica. Temos visto abalos financeiros, no ultimo anno, em Londres, em Paris, em Lisboa, em Genova, em Montevideo, em Buenos-Aires; serão tambem devidos á Republica do Brasil?

Quem o disser não passará de um triste pobre de espirito. E gente desta ordem não faz opinião...

## IX

A fórma de governo para as nações não é alguma cousa de eterno, de transcendental e *absoluto*. Não existe uma forma *typica* de governo, que deva ser imposta a todos os povos. Este ponto de vista da velha intuição idéologica é uma antiqua-lha nociva em que só tolos e maniacos podem hoje acreditar. Isto é bem verdade, por um lado; mas, por outro, cumpre ponderar que a fórma de governo não é alguma cousa de tão secundario, de tão accidental, que possa ser mudada, como se muda de roupa.

Não; a verdade é que a fórma de governo não é *absoluta*, nem tambem é *indifferente*. Ella é correlata e *essencial* á indole de cada povo, determinada pelo character de cada nação, pela directriz imposta á sua historia, pela força inherente ás suas proprias qualidades. O que importa dizer que em todos os grandes movimentos politicos deve-se procurar a acção do principal factor, a co-participação directa do *povo*...

E onde esta acção não se faz nitidamente sentir, ou só brilha pela ausencia, é preciso estimulal-a por todos os meios possiveis.

Tal a obrigação fundamental das classes dirigentes. E' exactamente o nosso caso.

Não existe um só dos nossos homens politicos, dos nossos homens de letras, dos nossos homens das finanças, dos nossos homens influentes, por qualquer titulo e em qualquer gráo, que já não tenha censurado a apathia, a indifferença do povo brasileiro para com tudo aquillo que mais de perto e mais intimamente o possa interessar.

A censura é fundada; mas cumpre advertir que ella recáe inteira sobre aquelles que a fazem.

O dever dos que dirigem e mandam não é criticar pelo prazer de o fazer; é, ao contrario, ensinar, estimular, imprimir acção e vigor na alma popular que definha.

Existe, não resta duvida, alguma cousa de anomalo e irregular na historia brasileira, e vem a ser a disparidade entre os resultados obtidos e a estranha ausencia das massas populares nos grandes factos nacionaes...

E essa disparidade, essa contradicção intrinseca, que se póde bem chamar *a curiosa antinomia da historia brasileira*, consiste no phenomeno estranho da nulla, ou quasi nulla coparticipação das massas populares, em nossos melhores feitos, como a independencia, o 7 de Abril, a abolição da escravidão, o advento da Republica.

A explicação dessa antinomia reside inteira na particular desproporção que entre nós vae das classes cultas e dirigentes ás classes mais propriamente populares e plebças.

Aquellas, formadas em sua quasi totalidade da mocidade sahida das academias, de posse de uma cultura superficial muitas vezes, mas sempre ao nivel das mais adiantadas idéas do seculo, acham-se em condições de pensar e sentir demasiado distan-

tes do resto da nação, conservada, por toda a parte, no mais completo analfabetismo.

Recolhidas ás grandes cidades do paiz, especialmente ao Rio de Janeiro, têm em todo o tempo sido os agentes principaes das correntes de opinião, que têm sempre actuado na direcção geral do paiz.

O povo, como numero e como força, não teve ainda a consciencia clara de seus destinos.

E' mister acabar com isto, e esta deve ser a missão historica da Republica no Brasil.

Emquanto a educação popular não se estender e medrar por toda a nação, não haverá systema de governar que nos possa fazer verdadeiramente grandes e felizes.

Por isso nunca serão de mais os appellos para que sejam postos em pratica todos aquelles estímulos capazes de levantar o povo brasileiro do abatimento em que elle jaz.

A' monarchia poderia, talvez, contentar esse papel passivo da nação em geral; á Republica é que elle não póde, nem deve satisfazer.

E, neste sentido, cumpre, antes de tudo, começar a reforma um pouco mais de cima, principiar por conter e cercear os abusos, os sestros, os vícios politicos da classe dita culta e poderosa.

O falseamento do actual regimen, a deturpação do systema presidencial têm sahido, em grande parte, da má intuição, dos maus impulsos do Congresso...

Sim, é preciso ter a coragem de dizel-o: por uma erronea interpretação da doutrina americana, o Congresso tem exorbitado tanto ou mais do que o chefe do executivo e sem eguaes motivos de desculpa.

Uma numerosa e illustre corporação, uma as-

'sembléa onde se presume reunida a *elite* da nação brasileira, deve ter mais calma, mais serenidade, mais prudencia, mais pratica de negocios politicos do que o velho soldado, affeito ás batalhas, mas não affeito ao estudo e á meditação.

Porque é que no decurso de mais de um seculo a historia do povo norte-americano apenas nos conta a narrativa rapida de quatro pequenos conflictos entre o executivo e o legislativo? Porque é que taes conflictos foram terminados sem abalos e sem lucta seria? Porque o povo norte-americano tem, antes de tudo calma, bom senso e *criterio politico*. . . Elle sabe, de alto a baixo, desde o camponio que lê a sua *Biblia* e a sua *biographia de Washington*, até aos congressistas, e ao presidente e seus ministros, que todos os embaraços podem e devem ter sua *solução constitucional*, pois que tudo está *previsto* e todos os *prazos* são *curtos*.

O *veto* tem seu correctivo; o presidente não póde abusar indefinidamente.

Nem o Congresso tão pouco. A paz publica vale bem, de parte a parte, o sacrificio de pretensões, nem sempre justas e patrioticas.

Desgraçadamente já o mesmo não podemos dizer de nós outros.

Não temos como Republica, sahido ainda das *faxas infantis*, e já andam os dois poderes politicos a jogar a *cabra cega*. . .

E' preciso mais largueza de vistas e mais abnegação de parte a parte.

A nação não faz presidentes e não faz deputados para que elles dêem o pouco edificante espectáculo de viver aos murros. . .

Um pouco mais de estudo das instituições americanas, feito, não em um aristocrata denigente, como *Noailles*, ou um chronista arido, como *Car-*

lier, e sim num historiador lucido, como *Bryce*, ou num publicista sabio como *von Holst*, dissipará muita pretensão abusiva. — Ver-se-á facilmente como a exagerada separação dos poderes, oriunda da lição incorrecta de *Montesquieu*, que a phantasiou na Inglaterra, onde de facto ella não existia na proporção sonhada por elle tem, na pratica, sido sabiamente encurtada.

Será possivel então comprehender que a exclusão dos ministros de ambas as casas do Congresso não teve por fim, como se pensa no Brasil, dar força ao presidente, e sim reforçar a representação, tornando-a mais pura e mais distanciada da influencia do poder.

Será facil assimilar mais intimamente o jogo do systema, acompanhando a praxe respectiva.

Não cumpre só ler a constituição americana e transplantal-a, mais ou menos modificada.

E' preciso vel-a em acção e seguil-a na pratica de todos os dias.

A exagerada separação de poderes, demonstra *Bryce*, foi oriunda da ignorancia em que laboravam os americanos do systema inglez.

Não havia necessidade de tão accentuadas distancias, que pódem dar logar a luctas, onde não houver o indispensavel criterio.

Nos Estados Unidos mesmo, como é de vulgar noticia, e como é relatado pelo proprio publicista inglez a que nos temos referido, e como foi, aliás incluído na *Constituição* da Confederação do Sul, — nos tempos da guerra separatista, tem sido proposto o alvitre de comparecerem os ministros em ambas as casas do parlamento, já espontaneamente, já por indicação e convite das ditas assembléas, para assistir e tomar parte nos debates de certa natureza.

E' providencia que nos parece acertada, que está em vigor em diversas constituições de nosso continente e da Europa, alheias ao parlamentarismo classico.

Tal é o caso da constituição do imperio allemão de 16 de Abril de 1871, e a da Prussia de 31 de Janeiro de 1850.

Porque se hão de tratar como inimigos poderes que representam a summa da vida politica de um povo?

Porque não hão de trabalhar de accordo, nos casos difficeis e consideraveis?

O maior defeito dos governos democraticos e presidenciaes é certa falta de unidade de acção.

Pois bem; o meio mais efficaz de trabalhar para essa almejada unidade é interessar os secretarios do chefe do poder executivo nas discussões das assembléas encarregadas de preparar as leis, que elles têm de executar.

Não votam; mas com a attenção e o respeito prestados aos representantes do povo, com a destreza, a habilidade, a pratica dos negocios, pódem evitar mais de um conflicto e fazer abortar mais de uma difficuldade.

## X

Antes de pôr o indispensavel remate a estes artigos será preciso fazer uma excursão pelos diversos ministerios e rapidamente estudar alguns dos principaes serviços que andam ali a pedir peculiares cuidados aos nossos administradores, e, em geral, aos poderes constituídos.

Haverá, por certo, alguma cousa a dizer sobre mais de um interessante assumpto, quando mais

não seja, para, ao menos, provocar ao estudo, e com elle a rectificação ou a contradicção a certas idéas. Sobre educação patria, ensino publico, hygiene, colonização estrangeira e nacional, politica americana e continental, municipalismo, systema eleitoral, instituições economicas, legislação civil, organização militar, nunca é demais discutir e meditar.

Pretendemos tocar em alguns desses pontos, sem preocupações e vaidades, apenas com o desejo de estudar e de aprender.

Por hoje seja-nos permitido fazer uma investida de ordem mais geral, que póde, desde já, interessar a marcha de nossa nacionalidade, e que póde vir a tornar-se de difficil, e quiçá impossível solução, se não fôr encarada com o maximo criterio. Referimo-nos á questão da divisão do Brasil pela fórma em que foi legada pelo imperio á Republica.

Já uma vez, no escripto *As tres fórmas principaes da organização republicana*, tocámos neste melindroso ponto.

Varias são as questões que podem ser levantadas neste assumpto.

Eis aqui algumas dellas: Até que ponto a actual divisão do Brasil assenta em razões historicas? Como attende ella ás condições normaes, fundamentaes da geographia do paiz? Até que ponto é ella attentatoria, não diremos da egualdade, mas da simples equidade que, por este lado, deveria reinar em toda a União?

Tal divisão deverá ser mantida *ad perpetuum e quand même*? Não virá a ser a fonte de perturbações futuras? No caso de que viesse a ser possível dar outra fórma á divisão da Republica, — que seria preferivel: — desagregar os Estados



grandes ou promover a união dos pequenos? Não é preciso ajuntar mais nada para ser bem aquilataada a transcendente importancia desta questão.

Mas existem difficuldades, por ora invenciveis. E a maior de todas ellas é a complicação do problema por mais um factor; a desproporção não é só da extensão territorial dos Estados entre si; é tambem da desigualdade da população de uns para outros.

Não fallamos propositalmente em differença de riqueza; porque todos elles são profusamente dotados de thesouros naturaes.

Basta, porém, a desigualdade da extensão, complicada pela desigualdade da população para dar peculiar aspecto ao debate.

Acontece que, sob esta relação, os Estados da União brasileira se classificam nas cinco categorias seguintes: Estados *grandes* relativamente povoados, como Minas, S. Paulo, Bahia... Estados *grandes* mal povoados, como Amazonas, Matto Grosso, Goyaz... Estados *pequenos* relativamente povoados, como Rio de Janeiro... Estados *pequenos* mal povoados, como Santa Catharina, Rio Grande do Norte, Parahyba... Estados *médios* em tamanho e regularmente povoados, Rio Grande do Sul, Ceará, Pernambuco...

Accresce, por outro lado, que a mingna de recursos nos Estados pouco povoados vae trazer, como se ouve dizer de toda a parte, talvez bem graves difficuldades á definitiva organização federal.

Que se deve, pois, tentar para attenuar taes inconvenientes? A idéa de converter os Estados, chamados *pobres*, o que aqui é synonymo de *despovoados*, a *territorios* mantidos pela União, é inacceptavel, por humilhante — para aquellas divisões, já hoje historicas, de nossa patria.

A tentativa de *subdividir ou desmembrar*, segundo a phrase do art. 4 da *Constituição* da Republica, qualquer Estado encontrará obstaculos insuperaveis. E com razão, porquanto o fraccionamento hade trazer o enfraquecimento, que é dever evitar.

O império poude, é verdade, dividir em duas a provincia do Grão-Pará e tambem em duas a de S. Paulo. Mas ahi a cousa era relativamente facil, pela desproporção verdadeiramente formidavel que aquelles dois colossos mostravam diante do resto do paiz.

Duas, parece, são hoje as soluções mais adequadas ao problema. A primeira vem a ser deixar de lado a questão da maior ou menor extensão territorial, e tratar directamente da questão do povoamento.

Grande ou pequeno, o Estado mal povoado, e, portanto, pobre, deve ser economico, viver parcamente; deixar-se de *luxos administrativos*...

Para que muitos delles querem a magnificencia de possuir *Camara e Senado*, de contar um funcionalismo *judiciario* ultranumeroso e carissimo, um funcionalismo administrativo extra-abundante e dispendioso? Deixem estas cousas para depois.

Por agora parcimonia e economia. Tratem, sim, de estimular seriamente a producção. Para tanto a primeira condição é o braço e o povoamento. Dest'arte, em futuro proximo — não serão eguaes aos maiores em tamanho de territorio, em extensão de kilometros quadrados; serão, porém, seus eguaes em população relativa e em riqueza e bem estar.

Que importa á Belgica, á Hollanda, á Suissa — o serem menores que a Russia, se, em riqueza,

paz, ordem, progresso, felicidade real, os seus cidadãos levam vantagens aos moscovitas?

Esta é a verdadeira e mais conveniente solução.

Entretanto, póde-se propor outra, nos termos do citado art. 4 da Constituição federal.

Nada de dividir os Estados grandes; seria antipathico. Mas é possível unir, ligar, alliar os pequenos, ao menos *si et in quantum*, até melhores dias.

Uma medida destas, é claro, só é praticavel onde geographically fôr indicada, isto é, onde dois Estados pequenos existirem um ao lado do outro. Tal é o caso do Rio de Janeiro e Espirito Santo, da Parahyba e Rio Grande do Norte, de Sergipe e Alagoas.

Para evitar qualquer attrito do patriotismo ofendido, — o Estado novo, que resultasse da união dos dois, deveria conservar o nome duplo. Assim, á guiza do que se dá com a *Austria-Hungria*, nós poderíamos aqui ter o *Estado do Rio de Janeiro — Espirito Santo*, da *Parahyba — Rio Grande do Norte*, de *Sergipe — Alagoas*. . . Ainda no intuito de evitar os melindres do patriotismo, aliás sem razão de ser numa alliança fundada na egualdade, se deveria, para um Estado assim formado, fundar uma nova capital, cortando assim a rivalidade das duas capitães antigas. Esta ultima idéa, de character eminentemente pratico, devemol-a a um amigo que pede para não ser nomeado.

Não deseja incorrer na antipathia, mesmo problematica e hypothetica de alguma cidade, que possa correr o risco de perder os *fóros de capital*. Nós é que nos não arreceamos muito das *coquetices* de quem quer que seja. São como *guerras de sogras*, massantes, aborridas, mas eminentemente comicãs. . .

Antes e acima de tudo, devemos ser brasileiros. Uma das disposições mais sabias da Constituição de Fevereiro, é esta: «Os Estados podem *incorporar-se* entre si, *subdividir-se* ou *desmembrar-se*, para se *annexar a outros*, ou *formar novos Estados*, mediante acquiescencia das respectivas assembléas legislativas, em duas sessões annuaes successivas, e approvação do Congresso Nacional.»

Para um Estado *desapparecer incorporando-se anonymamente noutro*, não dariamos jámais o nosso voto, se estivessemos em condições de o dar; para um Estado *dividir-se* ou *desmembrar-se*, tambem não dariamos; para se *annexar a outro* ou outros incondicionalmente, tambem não; dal-o-hiamos, porém, para, em pé de egualdade, dois se reunirem num só, *formando um novo Estado*, um grande todo, que respeitasse o nome dos aliados. O texto constitucional é o mais amplo possível, como de razão.

Para a solução pratica do caso não precisa tanto; é sufficiente a possibilidade da combinação indicada. Mas é sempre preferivel a primeira medida proposta.

Antes ficar pequeno de territorio, corrigindo este vicio de origem pela população e pela riqueza.

«Em toda a revolução, disse alguém, não existe sómente soffrimentos a curar, necessidades a satisfazer, abusos a reformar; devem existir tambem *idéas* que procurem; que instem por uma realisação pratica.»

Muito bem; mas, então, quaes são as *idéas* que a revolução brasileira é naturalmente chamáda a realizar? Onde estão ellas? Quem as formulou?

Que nos diz a isto o sr. Lucena?

Que responde o sr. Araripe?

Em nome de que principios subiram ao poder?

Onde está o programma de seu governo? Para onde pretendem levar o paiz?

Seria curioso saber.

A verdade, porém, é que elles mesmos não o saberiam, não o poderiam responder.

A intuição geral da politica entre nós, o conceito que della se forma quasi por toda a parte é ainda e só o da velha politica rotineira, porta aberta para se fazer *carreira*, caminho para *ganhar a vida*, vereda para fazer *boas relações*, meio para facilitar *arranjos*, arma para obter *empregos*, em summa, — um *negocio*, como outro qualquer...

A politica entre nós teve sempre este caracter predominante e deprimente.

Impossivel será desta região da actividade dos povos retirar a massa enorme dos interesses particulares, nem sempre legitimos e razoaveis. Nem é disso que vamos tratar. Os vicios humanos não se extinguem com uma pennada. Mas o que é necessario, urgente, indispensavel fazer na politica brasileira é inocular-lhe, como contrapeso, como correctivo ao abastardamento em que ella não está longe de cahir, uma larga dose de ideal.

E este ideal deve ter uma dupla feição: a maior somma possivel de cultura social, preparando a consciencia clara de uma grande missão historica a realizar.

Os homens do governo, os directores da politica da nação brasileira devem ter sincero enthusiasmo por se acharem á frente dos destinos de um grande povo.

Deste ponto é que devem partir linhas ideaes de suas aspirações, de seus planos, de seus anhelos.

Todos os seus esforços devem ter por alvo e missão formar, fortalecer o caracter nacional, por meio da disciplina, da educação, da moralidade e

do saber, para dar-lhe a consciencia de seus proprios destinos na historia da humanidade.

Para tanto devem os nossos homens do governo não perder jámais de vista que entre a triplice funcção do Estado figura, com primazia, a que delle faz um estimulante e propulsor da cultura social.

«As relações geraes, sob as quaes se nos apresenta a consciencia popular, podem tomar tres fórmas differentes, escreve o professor Holtzendorff: o povo considerado em seus limites territoriaes em face dos outros povos; o povo considerado como vontade collectiva em face dos individuos; o povo considerado na unidade de sua vida, em face dos interesses oppostos da sociedade que o constitue. Estes tres aspectos da consciencia popular impõem ao Estado um triplice fim: um fim *nacional*, que é o poder publico; um fim *individual*, que é a liberdade ou o direito, e um fim *social*, que é a cultura.»

Este ultimo é que tem especialmente andado descurado entre nós. E' mister levantá-lo, como o mais poderoso factor do nosso futuro.

Esse ideal supremo deve constituir o laço de união entre os diversos ministros num momento dado, e entre elles e os demais poderes publicos em qualquer phase de nossa evolução nacional.

Deve ser um terreno neutro, uma cadeia de principios, capaz, de só por si fornecer a unidade da acção indispensavel á suprema direcção politica.

E' facil perceber que esse designio de inocular em nosso povo o ideal de seu grande destino por meio da cultura, é principalmente uma questão de ordem moral, cuja solução deve, na maxima parte, caber ao problema mesmo de nossa educação nacional.

Esta constitue, portanto, a questão por excellencia no Brasil.

Mas os grandes destinos de um povo ajudam-se tambem por todos e quaesquer lados por que sua vida se manifesta.

A historia é eloquente em seus ensinamentos neste ponto.

Quando a nação allemã foi batida e humilhada a mais não poder, em 1806, e resolutamente pensou em preparar-se para conquistar o seu logar no mundo, não curou só, pelo orgão de Stein. de sua instrucção publica.

Pensou tambem, pela acção de Schaarnhorst, de instituir a sua organização militar; cuidou ainda, pela obra dos Fichts e dos Guilhermes de Humboldt, de preparar as forças intellectuaes e politicas do povo. Passaram-se sessenta annos e os tres homens, que se chamavam von Roon, Moltke e Bismark, mostraram á saciedade que elles e toda a nação allemã tinham tomado ao serio os conselhos dos homens de 1806.

E' uma illusão pensar que a nós nos coube, por decreto especial do Destino, o privilegio de não passarmos jámais por duras privações historicas.

Preparemo-nos para ellas; apparelhemo-nos como nação, para lutar pelo progresso e pela gloria.

Não estreitemos o horizonte de nossa visão, não apertemos os nossos ideaes dentro do circulo de ferro de um materialismo rotineiro e mesquinho.





## IX

# Concepção da Philosophia

(Por Samuel de Oliveira)

### I

O sr. Samuel de Oliveira, moço engenheiro, professor de sciencias mathematicas, em cujos dominios tem feito algumas publicações meritorias, não se limita a esta esphera de estudos; é tambem cultor assiduo e aproveitado da philosophia.

O ultimo livro por elle publicado, do qual estas linhas vão dar pallida e rapida noticia, é disto eloquente attestado.

É se ainda uma vez fosse mister uma prova decisiva da capacidade da intelligencia brasileira para as lides philosophicas, tel-a-íamos neste volume que discute, com innegavel clareza, penetração e competencia, algumas das mais arduas questões do espirito humano.

E tóco, desde as primeiras palavras, neste ponto, porque depois que eu proprio fiz, n'*A Philosophia no Brasil*, uma critica rigorosa dos velhos philosophos nacionaes, e, mais tarde, o auctor das *Questões vigentes de Philosophia e Direito* escreveu aquellas fortes palavras: — «*não ha dominio algum da actividade intellectual em que o espirito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frivolo e infe-*

*cundo, como no dominio philosophico* . . . — depois disto, os architectos de obra feita, os glossadores inconscientes dos ditos alheios, que repetem como proprios, tomaram a cousa á risca e volveram-na contra todos, a começar por mim e por meu companheiro de opposição.

O auctor da *Concepção da Philosophia*, rebate neste ponto, com justiça, o exaggerado negativismo dos patrios pessimistas e mostra como a intelligencia brasileira *não é terra safara para o espirito de synthese, para o talento de generalisação*.

E, de facto, elle mesmo é disto o mais eloquente testemunho.

Seu livro revela uma intelligencia lucida, vigorosa, grandemente preparada no assumpto; um espirito autonomo, um pensador independente, que sabe o que diz e diz o que sabe.

Mas se o moço philosopho proclama a capacidade brasileira para as lucubrações do pensamento abstracto e theorico, é solícito em reconhecer o apoucado da mór parte de nossa litteratura do genero, facto que attribue á pessima organização do ensino nacional nesse ramo do saber.

«A causa do atraso, escreve elle, que revelamos no dominio philosophico está sem duvida na má direcção que de ordinario se imprime entre nós ao estudo da philosophia, cuja natureza e difficuldade não são nada comprehendidas pela maioria das classes intellectuaes do paiz.» (Pag. 4). E' isto mesmo: o joven escriptor tem toda razão. E uma das mais irrisorias consequencias do mau cultivo philosophico entre nós é o deploravel estado de todos os nossos chamados criticos nestas materias.

Alguns desses improvisados aristarchos, que,

quasi todos os mezes, surgem ahi de todos os cantos, mettidos a discutir e a decidir de tudo, inclusivè de philosophia e philosophos, se têm, por vezes, dado em tão deprimente spectaculo, que noutro qualquer paiz teriam cahido victimas de irremediavel descredito e não mais se atreveriam a empunhar a penna e escrever para o publico.

E se o tentassem, ninguem os leria. Referirei apenas tres casos typicos, o ultimo dos quaes tem intima relação com as doutrinas sustentadas na *Concepção da Philosophia*, e, dest'arte, ficará avisado o auctor de provaveis desconchavos que o hão de assaltar.

Sabe-se geralmente, ninguem ignora no mundo, menos certos criticos recentes, que a *Logica* se divide em *real* e *formal*, *theorica* e *pratica*, *inductiva* e *deductiva*; sabe-se geralmente, ninguem ignora no mundo, menos certos criticos brasileiros recentes, que, *ad instar* da *grammatica*, da medicina, da engenharia, da politica, essa disciplina é considerada *sciencia*, quando se atem á investigação das leis geracs que regem o espirito humano, á indole dos methodos, aos sens principios fundamentaes, ao criterio do conhecimento objectivo e subjectivo, etc., e como arte, quando é tomada sob o aspecto pratico da applicação de tudo aquillo aos casos concretos.

Isto desde os gregos, passando pela idade media, os tempos modernos, até aos nossos dias. E' uma cousa vulgar, um *logar commum*, universalmente conhecido, repetido em todos os tons, em todas as linguas; é o *abc* nestes assumptos, o *abc* que não é licito desconhecer, sem revelar que não se passa de um pobre inconsciente, um inqualificavel ignorante.

Não é tudo: é universalmente sabido que Stuart-

Mill, tendo feito a critica admiravel dos methodos *inductivo* e *deductivo* e mostrado suas mutuas relações, considerou um delles como mais proprio para a *descoberta* de verdades e o outro como mais adequado á *prova* e demonstração de verdades já adquiridas. E' tambem hoje em dia um desses factos de vulgar noticia, repetidos, repisados por toda a gente nas cinco partes do mundo.

Para o conhecer nem é preciso ler o famoso *Systema de Logica*, do celebre philosopho e economista inglez: basta lançar as vistas sobre o titulo da obra: — *Systema de Logica — Deductiva e Inductiva — Exposição dos principios da PROVA e dos methodos de INVESTIGAÇÃO scientifica.*

Este segundo character da Logica tem sido adoptado pelos espiritos mais progressivos e só não é acceito pelos retrogrados sectarios da pura logica FORMAL.

A palavra INVESTIGAÇÃO é synonyma de DESCOBERTA e o termo PROVA synonymo de REDUCÇÃO Á EVIDENCIA.

Alexandre Bain, outro grande mestre nestas materias, falando dos dous aspectos da Logica, segundo Stuart Mill, acceita a theoria deste e escreve: «Na presente obra a Logica é considerada: 1.º — como sciencia abstracta e theorica; 2.º — como sciencia pratica da PROVA ou da EVIDENCIA; 3.º — como um systema de methodos auxiliares proprios a secundar a INVESTIGAÇÃO da verdade.»

Passando a demonstrar estas theses, quando chega á terceira, assevera: «Emfim, a logica é um systema de methodos, de regras. Póde-se dar legitimamente uma exposiçào de todos os processos conhecidos que assistem a intelligencia, quer na DESCOBERTA, quer ná DEMONSTRAÇÃO da ver-

dade, contanto que estes processos sejam geraes, applicaveis, como taes, a toda sciencia, contanto que não sejam mesclados a particularidades technicas proprias a cada sciencia.» (P. 51, 1.º vol.)

Mais: «Em uma nota final do appendice resumiremos todos os usos do methodo logico como ARTE DA DESCOBERTA.» (Pag. 52, 1.º vol.) Effectivamente no 2.º volume pag. 613, encontra-se, sob a lettra H, o appendice intitulado — *Arte da descoberta*, cujo primeiro paragrapho se denomina — *Distincção entre a PROVA e a DESCOBERTA*.

Ora bem; tudo isto é claro e conhecido como a luz solar: não é nenhuma contradicção, pois, dizer, como se diz por toda a parte e a toda a hora, que a Logica é *arte* e *sciencia*; igualmente não é nenhuma contradicção afirmar poder ser ella considerada, ora como *sciencia e arte da prova*, ora como *sciencia e arte da descoberta*. . . E' claro, é evidente.

Entretanto, anda ahi um livro, cujo fim ostensivo foi notar e analysar as pretensas *contradicções* de certo auctor, e, entre ellas, como das mais notaveis, o considerar esse auctor a Logica, ora como *sciencia* ora como *arte*!! . . .

Eis aqui: «Admitte ainda com Spencer a logica como *sciencia*, tendo-a considerado uma *arte*.»

E' de pasmar; é pyramidal!!

Não acreditei, quando li esta horrorosa parvoigada, suppuz-me victima de alguma allucinação da vista e dei o livro a pessoa que se achava a meu lado para verificar se realmente aquillo estava escripto.

E estava, a pag. 106, bem como a outra formidolosa *contradicção* estava, a pag. 75, nestas incriveis palavras:

«A logica, diz o Sr. F., tem dous aspectos: é

a arte da prova e a arte da descoberta... Inquestionavelmente o Sr. F. tem sempre *dous pesos e duas medidas...*» Isto não se commenta; é unico em seu genero. Não ha exemplo de cincadas iguaes no mundo inteiro.

Veja, diante de taes especimens, o sr. Samuel de Oliveira a casta de criticos em cujas mãos tem de cahir o seu livro.

Outro factio caracteristico, ainda de assumpto philosophico.

Tendo alguém sustentado, em certa obra, o *character scientifico da sociologia*, o façanhoso farejador de *contradições* lembrou-se de lhe collocar em face, como antithetico, um trecho de outro livro em que dizia que — a sociologia, *por mais que progrida como sciencia, nunca poderá ser tratada mathematicamente, podendo apenas usar do methodo das sciencias naturaes...*

Como se não seja assim mesmo; como se esta não seja a verdade, a realidade innegavel; como se não seja a sociologia uma sciencia concreta, para os sectarios do spencerismo, no mesmo gráo que a biologia e o methodo de ambas não seja exactamente o methodo das sciencias naturaes!...

Como se, até hoje, não seja apenas pequena parte da astronomia e da physica, o unico dominio da sciencia, além da mathematica, em que o methodo desta, isto é, o exclusivo emprego da deducção, é possivel!

E ter, com certeza, o sr. Samuel de Oliveira de encontrar em seu caminho, em referencia a seu livro, despropositos destes!...

Taes e tão formidaveis desacertos mettem medo a quem publica qualquer cousa em materia philosophica entre nós.

Ainda hoje, fóra das mais triviaes dontrinas de

um ou dois systemas mais sovados, o geral dos nossos aristarchos tudo desconhece, tudo baralha, tudo confunde. E a ignorancia só encontra sua igual na audacia.

Escusado é lembrar que as excepções abrem-se por si mesmas.

Mas eu falei num terceiro factó ainda mais de perto relacionado com as doutrinas expostas na *Concepção da Philosophia*.

E é este: o sr. Samuel de Oliveira segue em philosophia, *mutatis mutandis, servatis servandis*, as mesmas doutrinas defendidas pelo auctor destas linhas.

Elle, com razão e verdade, se diz *spencerista, evolucionista, agnosticista, criticista*, nomes diversos de um só sectarismo, de um só systema.

E' exactamente o meu caso.

•Seu livro traz o titulo geral de *propaganda evolucionista*.

A' pagina VII da *prefação* escreve: «Sou um adepto fervoroso do *evolucionismo spenceriano*.»

A' pag. 31: «Debaixo do ponto de vista deductivo, mostraremos á luz do *criticismo*. . .»

A' pag. 68: «Vimos o *criticismo* do sabio mestre (Spencer), diverso do de Kant, do de Hamilton e Mansel. Como é sobre esse *criticismo* que vamos edificar nossa doutrina, etc. . .»

A' pag. 86: «A doutrina de Hartmann vai ter toda a um conceito metaphysico, e, como tal, não pôde fazer parte da philosophia que adoptamos, philosophia *criticista e agnosticista*, philosophia do possível.» E assim por todas as paginas do livro, além do conteúdo intrinseco das doutrinas, está para se ler que o illustrado moço reiteradamente chama a sua philosophia, conforme o traço que no

momento quer avivar, ora *spencerismo*, ora *criticismo*, já *evolucionismo*, já *agnosticismo*.

Pois fique sabendo que, pelo mesmo facto exactamente, já de alguém se disse, em tom de carancuda intimação, que era comsigo mesmo *contradictorio*, que não entendia os systemas, tanto que seguia *quatro* ao mesmo tempo...

Meu Deus! será ainda preciso mostrar que em philosophia contemporanea aquellas quatro denominações se applicam a *um só* systema?

Será preciso lembrar que o *spencerismo* é apenas a fórmula mais clara e mais completa do *evolucionismo* e do *criticismo*, porque não passa, no fundo, da alliança, da união da doutrina da *evolução* com a *critica do conhecimento*, as duas idéas *maitresses* de Kant, passada a primeira a Hegel, sem a segunda, e a segunda a Hamilton e a Mansel sem a primeira?

Será preciso provar ser o merito principal de Spencer o haver, nos *Primeiros principios*, por um lado, reforçado a *critica* de Kant, Hamilton e Mansel, pondo-a de accordo com os progressos da moderna psychologia, e, por outro lado, ter assente em bases novas a doutrina da *evolução* de Kant e Hegel, pondo-a de harmonia com os avanços das sciencias physicas e naturaes, com as descobertas de von Baer, Yonle, Mayer e as de Darwin, Lyell, Wallace, Huxley?

Que nos alludidos *Primeiros Principios*, que são uma especie de programma desenvolvido pela longa serie das obras do philosopho, as duas faces do systema constituem exactamente as duas partes em que se divide aquelle famoso livro?

Que, portanto, ao *spencerismo*, o systema quando se o appellida alludindo ao nome do auctor, não é sem razão chamar, como chama quasi toda a gen-



te, *evolucionismo*, quando se quer, sobretudo, destacar uma de suas faces capitaes—a doutrina da *evolução*, ou denominar *criticismo*, se se tem em vista alludir á *critica* do conhecimento e á doutrina do incognoscível?

Será mister, finalmente, recordar ser sob este ultimo aspecto que os inglezes lhe dão o nome de *agnosticismo*?

Não é só, porém, com as varias denominações que póde ter o systema spenceriano que reina a mais completa balburdia.

Até em cousas mais triviaes se nota, no critico a que tenho alludido por exemplo, a ausencia das mais vulgares noções.

Chega ao ponto de suppor ter sido Littré auctor de um systema philosophico diverso do *positivismo* e que o *transformismo* darwinista, parte biologica do evolucionismo, é um systema em desaccordo com este ultimo.

Está aqui a prova, tirada do mesmo livro: «Admitto que o sr. F. tivesse sido um *positivista* semi-convicto com Augusto Comte, um *littrista* desconfiado com Littré, um *transformista* perfeitamente convicto com Darwin, um *monista* entusiasta, e chegasse por ultimo a sér um representante do *monismo evolucionista spenceriano*. O que não é plausivel, nem mesmo cabe na medida da tolerancia, é que o sr. F. *tivesse percorrido os matices philosophicos indicados... etc.*» (Pag. 57). Eis ahi: o auctor deste trecho acredita piamente, o pobresinho, que alli se deram *quatro* mudanças, a saber: do *comtismo* para o *littrismo* (?!), deste para o *transformismo*, deste para o *monismo*, deste para o *evolucionismo* spencerista...

Mas quanta ignorancia não se faz precisa para se chegar a um tal resultado!

Será necessario lembrar não ter sido jámais Littré inventor e chefe de systema algum? que não passou nunca de um sectario apoucado do *positivismo*? que o *transformismo* é implicitamente o *monismo* e não passa do nome do *evolucionismo* em biologia?

Dest'arte, de uma simples passagem (do positivismo para o evolucionismo), de uma simples mudança,—o completo desconhecimento do assumpto fez brotarem *quatro* e decididamente isto é que não pode caber na medida da tolerancia...

Precavenha-se, pois, o sr. Samuel de Oliveira; tenho fundados motivos para o avisar. Seu livro já tem sido e terá ainda de ser victima das sabedorencias philosophicas de aprumados zoilos.

## II

A *Concepção da Philosophia* deverá constar de duas partes; e só a primeira sahio ha pouco a lume. Contem o trecho publicado os seguintes capitulos, cada qual mais momentoso: *Vista geral do dominio philosophico*, *A relatividade do saber*, *A questão teleologica*, *O dominio scientifico-philosophico e o dominio religioso — sua independencia mutua*, *Impossibilidade de uma conciliação*.

O auctor, como já disse, é sectario do criticismo; este criticismo, porém, allia-se em seu espirito ao evolucionismo, corrente philosophica hodierna, cuja mais nitida manifestação se encontra no vasto systema de philosophia synthetica de Herbert Spencer.

Mas que vem a ser o criticismo e como se póde elle alliar ao evolucionismo?

questão fundamental sobre a qual éavel dizer algumas palavras e com ellasnhecida a intuição específica do livro doel de Oliveira.

rmente se costuma estabelecer a tendencianna philosophia como uma innovação deel Kant, uma criação de seu vasto genio e destruidor.

óde haver maior illusão; o archi-philosopho, segundo sua propria confissão, foi *desper-seu longo somno dogmatico por David Hume*. r esta simples phrase se vê que o auctorca da *Razão Pura*, da *Critica da Razão* e da *Critica do Juizo* admittia e procia-u predecessor o grande pensador escossez. io as idéas de Hume não são mais do que obramento de doutrinas de Locke e Berpóde-se dizer que estes não fizeram mais desenvolver pontos de vista tomados a a Descartes, importa confessar que a tenriticista de Kant, de recúo em recúo, vai as raizes numa corrente de idéas perto de nlos mais velhas.

no, por outro lado, não será mui difficil a filiação das doutrinas dos dois grandeslores da *Instauratio Magna* e do *Discoursithode* nos vastos systemas da philosophia egue-se que o criticismo teve as suas pri-nanifestações ainda no tempo em que se veram as antigas e famosas escolas da hia hellenica. Assim é.

atural que o pensamento theorico tivesse o pelas amplas construcções systematicas, es os sens auctores procuravam descobrir pio formador e constitutivo das cousas e ectivo desdobraimento.

As quatro primeiras escolas gregas, conhecidas sob as denominações de escola *jonica*, escola *eleatica*, escola *italica* e escola *atomistica* de Abdera, inauguraram e desenvolveram a tendencia *architectonica* e *dogmatica* em philosophia.

Coube a Protagoras, seguido neste ponto pelos sophistas, por Socrates, Platão e Aristoteles; demonstrar o lado fantasista de taes construcções *objectivas*, indicar os elementos *subjectivos* que entram em todo o humano conhecimento, inaugurar, em uma palavra, a philosophia da *intelligencia* como base indispensavel de toda philosophia da *natureza*.

Bem cedo a tradição critica, proclamada pelo notavel pensador compatriota e amigo de Democrito, foi suffocada pela mais antiga e irresistivel tendencia architectonico-dogmatica.

Platão e o proprio Aristoteles não foram, especialmente o auctor do *Phedon*, fieis aos principios criticos de sua propria philosophia e penderam de novo para as grandes construcções systematicas.

Os philosophos alexandrinos e os mais notaveis pensadores da idade-média proseguiram no mesmo caminho, até que, com grande surto das sciencias physico-naturaes, na época do Renascimento, appareceu de novo a tendencia critica em Bacon e Hobbes e em parte em Descartes.

Ainda uma vez submersa em Malebranche, Spinoza, Leibnitz e Wolf, resurge com desusado brilhantismo em Locke, Berkeley, Hume e Kant.

Com os successores do philosopho de Koenigsberg, tinha ella de sumir-se quasi totalmente em Fichte, Schelling, Hegel e Krause, para reaparecer vivace em Hamilton, Mansel, Mill, Bain e Spencer.

Cumpre não esquecer que Schopenhauer e Com-

te, auctores, aliás, de dous largos systemas autonomos e divergentes, dão tambem em suas respectivas doutrinas vastas entradas á critica do conhecimento, um firmado mais peculiarmente na analyse psychologica do espirito humano e o outro em considerações historicas sobre o desenvolvimento intellectual da humanidade.

Mas a critica da razão humana, a comprovação de seus elementos objectivos e subjectivos, ora juntos, ora divorciados, e, quando erroneamente divorciados, predominando ora uns, ora outros, a ponto de se ter andado no curso da historia a formular syntheses, já *objectivas*, já *subjectivas*, do conjuncto do saber, não se deve tomar como o problema unico da philosophia, mesmo em nossos dias.

Ao lado della, e devendo-a tomar como ponto de partida, acha se ainda e sempre o problema fundamental de sondar a origem, a natureza intrinseca, o fim ultimo do universo, o que importa reconhecer a legitimidade da tendencia architectonica e systematisante, desde que se não ponha esta em lucta aberta com a intuição critica.

Se não são mais viaveis as enormes construcções dogmaticas, sem base na intelligencia e nos factos, tambem não é mais hoje licito reduzir a critica a uma simples disposição sceptica.

E se foi este quasi sempre o character da critica antes de Kant, mesmo quando manejada por um Berkeley e um Hume, não mais assim foi nas mãos do genio de Koenigsberg e mais tarde nas de um Herbert Spencer.

A critica destes dous progonos não se confunde com os desanimos e desconsolos scepticos; é uma critica organica e constructora, que, firmada nas qualidades intrinsecas do espirito, oriundas do vasto processo da evolução, pondera os seus ele-

mentos, sua alçada, suas fórmãs, seus limites, esclarece as sciencias particulares, distingue dellas a sciencia geral, estabelece as condições desta, não só na sua funcção de synthese das primeiras, como na sua funcção mais peculiar de inquirição daquelles assumptos, que não são nem foram nunca objecto de uma sciencia particular.

Ora, no mundo dos phenomenos, para falar como Kant, qualquer que seja a idéa que formar se possa do *Ser*, do *Noumenon*, de *Das Ding an sich*, que nelle se desenvolve e manifesta, sob a persistencia do indeterminado, do incognoscivel, sob as formas da força e da materia, avulta o facto do perpetuo *fiéri*, do *werden*, do *dévenir*, da *evolução*, em summa, que tem sido desde Xenophanes, Parmenides, Heraclito, Pythagoras, Empedocles, Anaxagoras e Democrito, o que vale dizer desde as origens da philosophia européa, um magno problema da especulação theorica.

Sob a critica de Kant, as soluções dadas por elle a tal problema fundamental constituiram o lado positivo e constructor de suas idéas, desde essa brilhante theoria cosmogonica dos gazes, desenvolvida por Laplace, até á sua doutrina do progresso humano e da philosophia da historia.

Semelhantemente no spencerismo, ao lado da critica da razão e do conhecimento em geral, que se acha espalhada na *Genese das Sciencias*, nos *Primeiros Principios* e nos *Principios de Psychologia*, prepondera a doutrina da evolução, desenvolvida em todas as obras do fecundo pensador, desde o *Ensaio sobre o progresso* até ás ultimas paginas dos *Principios de Moral*.

Critica e evolução se abraçam e se completam; não existe contradicção entre ellas; e é exacta-

mente a junção, a confluencia dos dous principios que constitue a superioridade da philosophia de H. Spencer sobre o puro criticismo de Hamilton e Mansel e o puro transformismo de Darwin e Haeckel.

Existentes ambas, sob fórmãs diversas no kantismo e no positivismo, avultam e equilibram-se na philosophia synthetica do grande genio inglez.

O sr. Samuel de Oliveira é um discipulo deste ultimo, discipulo autonomo e independente num ou noutro ponto.

Estudando a *ontologia*, ou sciencia da natureza dos seres, a *etiologia*, ou sciencia da origem dos seres, a *teleologia*, ou sciencia da finalidade do universo, elle as declara para todo sempre e em absoluto impossiveis, incognosciveis.

Nestes assumptos professa o *Ignorabimus* do famoso physiologo e criticista Du Bois Reymond.

E' a interpretação mais rigorosa, por assim dizer, orthodoxa do criticismo.

Em nome, porém, da propria evolução e da propria critica do conhecimento, acho eu que, pelo menos provisoria e hypotheticamente, se podem fazer investidas naquelles tres dominios, avançadas naquellas paragens, comtanto que se não entre em conflicto com verdades demonstradas.

São tentativas indispensaveis para saciar a sêde de investigar e saber. Creio que a divisa não deve ser no assumpto o desconsolador — *Ignorabimus*, de Du Bois Reymond e sim — o — *Nós sabemos e haremos de saber* — de Naegeli, outro notavel physiologo e criticista:

*Wir wissen und wir werden wissen...*





## X

### A Classificação das Sciencias

(Por Liberato Bittencourt)

Fazia já muito tempo que o sr. Liberato Bittencourt me havia falado para escrever algumas palavras que servissem de prologo ao seu opusculo acerca da classificação das sciencias. Suppunha-o já até esquecido de tal convite, quando, recentemente, em meio dos arduos cuidados de estudo e escripta dos ultimos volumes da minha *Historia da Litteratura Brasileira*, me chegou ás mãos o manuscripto do joven militar, acompanhado de carta em que me pedia, ou melhor, impunha que tratasse o seu trabalho com a maior severidade, o maximo rigor.

Confesso que passei a ler o manuscripto inteiramente disposto a cumprir os desejos do auctor.

Rigor quizéra eu empregar; mas quasi não vejo em que se possa elle exercer. O livrinho é muito bem feito. A classificação das sciencias planejada pelo sr. Liberato Bettencourt, com ser muito diversa das classificações correntes, nomeadamente as de Comte, Spencer e a que tenho exposto constantemente, de certo tempo a esta parte, em meus

curso philosophico, e ainda, hoje publicada na *Introduccão ás Questões Economicas Nacionaes* — do sr. Arthur Guimarães, com ser, digo, mui diversa dessas, e mesmo por isso, merece toda a attenção, é digna de meditado estudo e revela no seu auctor bellas qualidades de philosopho e pensador.

Tive mui grata satisfação em ler o ensaio do moço escriptor; e tive-a, por vêr que a acção por mim e Tobias Barreto iniciada neste paiz a principio contra o *eclectismo* de Cousin e mais tarde contra o *positivismo* de Comte, eu em prol do *evolucionismo spencerista*, Tobias em prol do *monismo transformista* de Häckel e Noiré, não tem sido de todo perdida. Os nomes de Livio de Castro, Stelita Tapajós, Marcolino Fragoso, Oliveira Fausto, entre jovens medicos, e os de Samuel de Oliveira e Liberato Bettencourt, entre jovens engenheiros militares, garantem-me que estou a affirmar a verdade. Não quero dizer, com estas palavras, que esses dignos brasileiros tenham tudo aprendido commigo e com Tobias Barreto; desejo apenas consignar que o nosso ensino, *diverso* na essencia das idéas, e *similar* na acção critica, teve a honra de achar gasalhado, directa ou indirectamente, nas almas entusiastas de tão distinctos patrios.

A nova classificação, obedecendo, sob um ponto de vista geral, ao principio da complexidade crescente dos assumptos, base de toda a classificação em qualqter dos variados aspectos por que se encare a natureza, e com o se não oppor ás distincções entre as sciencias *abstractas*, *abstracto-concretas* e *concretas*, quero dizer, com o poder conciliar-se com as classificações de Comte, e Spencer, é, todavia, mui diversa dellas.

Repousa sobre base differente e offerece varios pontos originaes. E' o que pretendo rapidamente tornar saliente, fazendo apenas um ou dois reparos em um tal ou qual desaccordo.

Primeiramente, o ponto de vista, em que se colloca o auctor, — da *utilidade* ou melhor — da *função pratica* das sciencias — é perfeitamente defensavel.

Para elle a sciencia é uma só dividida em diversos ramos, por necessidade intrinseca e logica do espirito humano. — Isto não é novo; mas convinha ser lembrado, por causa das consequencias que se tinham de seguir dahi.

O livrinho é um primor de ordem e boa economia interna. Contém duas partes, uma relativa á *classificação geral*, a outra ás *classificações especiaes*. A primeira, em dous capitulos, trata das *idéas fundamentaes*, onde vem exposto o conceito geral de sciencia, e o da *classificação propriamente dicta*, e é onde se acham as idéas mais originaes do auctor. A segunda, em quatro capitulos, passa em revista, sob o aspecto classificativo, — as *mathematicas*, as *sciencias physicas*, as *sciencias naturaes* e a *sociologia*. A leitura do livro revela que o joven engenheiro domina do alto o complexo do saber humano e tem vistas acertadas e seguras sobre todos os ramos scientificos.

Isto só é possivel áquelles, cujo espirito possui fortes qualidades de synthese; e só pode utilmente empregar essas qualidades quem, em sciencias, maneja uma classificação logica, segura, clara e adequada no immenso mundo dos phenomenos universaes.

Em todo labor humano (é o ponto de partida do moço philosopho) scientifico, artistico ou industrial, ha sempre uma parte *preliminar* ou *fundamental*

que fornece, por assim dizer, os *elementos* precisos para a *obra* que se pretende levantar.

No estudo das sciencias dá-se o mesmo facto: ha ahi tambem uma parte *essencial, util, pratica*, que presta serviços directos e immediatos ao homem, e uma parte *preliminar, propedeutica*, cujo fim principal é fornecer os *fundamentos* e, pudera dizer, os *elementos*, a ferramenta indispensavel para o manco da outra parte. Dahi uma primeira divisão, e, como consequencia, uma primeira classificacão das sciencias em: — <sup>A</sup> (*sciencias FUNDAMENTAES*, comprehendendo as *mathematicas* (calculo, geometria, mecanica, astronomia) e as *sciencias physicas* (physica propriamente dicta, chimica e electrologia); <sup>B</sup> (*sciencias ESSENCIAES*, comprehendendo — a *geographia* ou *estudo da terra*, tomada num sentido aprofundado e extenso, subdividida em *astronomica* (topographia geomorphia, navegacão), *physica* (mineralogia, biologia, geologia) e *politica* (ethnographia, estudo das nações) e mais *sociologia* ou *estudo do homem* (historia, direito, economia politica).

O conceito geral da sciencia e mais esta primeira classificacão das sciencias em *fundamentaes* e *essenciaes* — fazem o objecto dos dois capitulos da primeira parte do presente opusculo. E' onde, mais peculiarmente, se acha a doutrina do auctor. Os capitulos da segunda parte são o desdobramento indispensavel das idéas expostas na parte geral. — São todos muito bem ordenados, num estylo muito natural, simples, sem pretencões, contendo cada final de capitulo um *quadro* da classificacão das sciencias de que trata. Esses *quadros* valem tudo; porque derramam uma luz intensissima sobre os assumptos estudados. Na parte geral ha tambem um de taes esboços graphicos, como os outros

apto a dar uma idéa clara do complexo das sciencias, desde o *calculo* até a *economia politica*, ao espirito mais refractario.

No correr de todo o livro notam-se, aqui e alli, opiniões, pontos de vista do auctor — muito suggestivos e que provam ser elle um espirito autonomico, que se alevanta e firma sobre si mesmo, sabendo o que quer e para onde vae.

Não os notarci aqui para não tirar aos leitores o prazer da surpresa. Farei, por dever de critico, dois reparos no que se refere ao complexo da classificação. Não a compararei com a de Comte, com a de Spencer, ou com a minha propria, por serem baseadas todas quatro em concepções divergentes.

A minha, cuja feição didactica é evidente, partindo das duas sciencias *abstractas* por excellencia, no que está de accordo com a de Spencer, passa aos *dois grandes objectos* de todos os conhecimentos — a *Natureza* e a *Humanidade*, cada qual dando logar a uma *sciencia geral*, subdividida em *varios ramos*, sem se esquecer de collocar uma especie de *transição* entre o homem, como phenomeno puramente *naturalistico* e os homens *sociologicamente* considerados. Marca egualmente o posto proprio da *philosophia*, como synthese de tudo no *espaço*, e o da *historia*, synthese de tudo no tempo (1).

Quanto á classificação de Liberato Bittencourt, que é optima, e pode ser acceita, uma vez que se bem comprehenda o seu ponto de partida, ou as idéas que lhe servem de apoio, direi apenas que

---

(1) Vide *Questões Economicas Nacionaes*, por Arthur Guimarães. *Introducção*.

talvez não sejam bem claros, ou estejam ao abrigo de qualquer confusão os dois qualificativos da divisão geral das sciencias — em *fundamentaes* e *essenciaes*. Poderá alguém suppôr que, se as primeiras se chamam *fundamentaes*, é porque procuram e estabelecem os *fundamentos* das cousas, e se as outras se denominam *essenciaes*, — é porque investigam a *natureza intrinseca* das mesmas cousas, o que equivale a indagar, por outros termos, dos mesmos *fundamentos*, e, assim, se confundem os qualificativos. Eu bem sei que absolutamente não foi nesse sentido que Liberato Bittencourt escolheu os dois adjectivos com que caracteriza os dois grupos de sciencias. Mas não é máo prevenil-o contra possiveis e até provaveis confusões. As primeiras sciencias, que precedem as outras e lhes servem de apoio, são para estas como que *propedeuticas*, *preliminares*, *preparatorias*, *basicas*, *auxiliares*, *theoreticas*, *methodisadoras*.

Não será, talvez, impossivel entre estes diversos qualificativos escolher um preferivel a *fundamentaes*.

De igual arte, as outras sciencias, as que constituem o segundo grupo, se me antolham *praticas*, *finalisticas*, *utilitarias*, *teleologicas*, e, pois, não será tambem impossivel escolher entre estes adjectivos algum preferivel a *essenciaes*.

Como se vê, é esta uma observação de alcance secundario, que submetto ao esclarecido criterio de Liberato Bittencourt.

Outro reparo é mais serio e se refere mais intimamente á disposição das sciencias entre si.

Parece-me que o auctor sobrecarrega demasiado a *geographia*, mesmo no amplo sentido de *anthropogeographia* que lhe dá, de accordo neste ponto

com os melhores auctores allemães como sejam Penck, Ratzel, e outros, e despoja tambem demais a *sociologia*.

Não seria, talvez, desacertado passar para esta ultima sciencia o que o nosso philosopho chama o *estudo das nações* sobre o qual faz rapida, porem — substancial referencia em logar adequado. No quadro da sociologia melhor assentaria, parece, tal estudo; porquanto se me afigura muito reduzida a esphera sociologica, se, alem da *historia*, contiver somente o direito e a *economia politica*.

Uma sociologia que não dê conta das sete séries de phenomenos, que são *as creações fundamentaes da humanidade*, a saber, *religiosos, estheticos, industriaes, scientificos, juridicos, moraes e politicos*, corre o risco de ser lacunosa.

Sei bem que a extensão dada em a nova classificação á *historia* é extraordinaria e apta a substituir varias das disciplinas que acima indiquei; mas será, creio, mais logico proceder como disse: incluir na sociologia as referidas disciplinas.

Submetto, ontrosim, esta observação ao criterio do joven mestre, reconhecendo, ainda uma vez o digo, que a sna classificação é perfeitamente defensavel para todo o espirito que lhe apprehenda o verdadeiro e especial sentido.

Teria muito prazer em me alargar um pouco mais, se, na occasião, o meu estado de espirito, preocupado com outras obrigações, m'o permitisse. Mas o que ahi fica é sincero.

Outubro de 1904.





## XI

### O visconde de Taunay

(*O homem de letras*)

#### I

A publicação de um livro posthumo do visconde de Taunay — *Ao Entardecer*, a publicação de um livro de auctor por mim tantas vezes em vida combatido, desperta-me idéa que não raro me tem vindo á mente: por um accordo, tacito ou expresso, os criticos só se deveriam occupar de escriptores mortos.

As vantagens de tal pratica seriam innumeradas. Evitar-se hiam condescendencias ou rigores exagerados, attritos desagradaveis, polemicas irritantes; reinaria maior imparcialidade na esphera das lides litterarias. Estes resultados não seriam ainda os mais notaveis. Outro de maior vulto havia de ser vantajosamente obtido. Quero falar de forte razão doutrinaria em favor de tão salutar systema: quer se queira, quer não, a lei da evolução rege implacavelmente o perenne desenvolvimento das idéas, das doutrinas, das escolas litterarias.

Em seu perpetuo movimento de differenciação e integração, essa lei só deixa bem aquilatar do valor de um facto quando, além de se lhe conhece-

rem os antecedentes, se lhe conhecem também os consequentes.

Ora, só depois de haver dado toda a medida de sua produção, só depois de ter completado a sua obra, só depois de haver o tempo destruído nella o que era perecível e tornado patente o\* que nella era germen de vida, é que um auctor pôde ser convenientemente julgado. Só os grandes genios litterarios e scientificos, que têm attingido uma grande idade, sobrevivem a si mesmos e podem, na velhice, contemplar, com maior ou menor acerto, o *veredictum* da historia.

Mas, ainda com estes mesmos, o julgamento não é completo senão muito depois. Tal o caso de um Goethe, de um Chateaubriand, de um Victor Hugo, de um Kant, de um Darwin, de um Helmholtz.

O systema de critica parcellada, consistente em querer julgar um homem, uma intelligencia, um talento aos bocados, aos fragmentos, pretendendo definil-o de longe em longe, á medida que delle surge uma brochura, um livro, é de todo ponto illusorio e incongruente. A critica só tem, só pôde ter algum valor quando é geral, quando é comprehensiva de um typo em sua totalidade; quando deixa de ser um capitulo de supposta esthetica, mais ou menos contestavel, e passa a ser um capitulo de historia; porque a critica se pode definir aquella parte da Logica applicada na qual se estudam as leis que presidem á origem e desenvolvimento das creações espirituaes do homem e se verifica a sua boa ou má applicação por parte dos auctores.

Saber scientifica e criticamente é differenciar e integrar, é comparar e classificar: é, dada a arvore, idear a floresta, dada a floresta, destacar della a arvore; dado o typo litterario, dado o es-

criptor, determinar o seu valor e o seu logar no desenvolvimento do povo; dado o povo, destacar os seus chefes intellectuaes, determinando o valor espirital de cada um. Esta é a verdadeira e util critica.

Esse bello typo de homem que foi o visconde de Taunay, esse fecundo escriptor e intelligente politico — bem merece e bem está a pedir um castido largo e impessoal, em vez de um simples recado ao publico a proposito e a respeito de seu livrinho posthumo.

A importancia do auctor e o respeito ás boas normas estão a aconselhar-me neste sentido.

Por isso me desculparão se em vez de uma tal ou qual noticia dos seis pequenos contos que formam o volumezinho intitulado — *Ao Entardecer*, eu for procurar o posto deste entre os seus irmãos de origem e buscar uma idéa geral e objectiva do saudoso e mal estudado homem de letras.

Antes de tudo, releva ponderar ter sido elle um dos nossos auctores que se exhibiram em generos mais variados: politica, critica litteraria, romance, conto, drama, jornalismo, oratoria, narrativas de viagens, magisterio, musica, critica musical, historia, linguistica; em tudo isto tocou mais ou menos intensamente.

A todas estas cousas, porém, sobrepuja o que fez no romance e em certa ordem de propaganda politica.

Nesses pontos é que se sente palpitar o coração do homem e desannuiar-se o character do escriptor.

Conhecel-o ali é conviver com o que havia de mais intimo e selecto em seu pensamento.

Taes as duas manifestações mais poderosas de sua individualidade.

E quem as estuda mais de perto é para logo advertido por uma especie de contradicção, que parece intrinseca e fundamental, entre o romanista e o politico: aquelle um dos mais *brasileiristas havidos*; este um dos mais *estrangeiristas* apparecidos em plagas nacionaes.

Eram como duas tendencias diversas a solicitar o animo, o espirito desse homem em sentidos oppostos, em direcções divergentes.

Para as conciliar, se possivel for, mostrando que não são irreductiveis, será mister buscar-lhes os germens de origem e assistir á formação da alma que as asyloou e nutriu com a sua seiva.

Alfredo d'Escragnolle Taunay, nascido no Rio de Janeiro em 1843, era filho de pae europeu, mas europeu artista, fanatico pela natureza brasileira, como habil pintor que foi.

Aos germens de brasileirismo paizagista, inculcados desde o berço e reforçados durante toda a infancia e adolescencia pelos espectaculos inolvidaveis dos multiplos panoramas do Rio de Janeiro, dados a saborear ao menino e ao joven sob a indicação do dedo mestre do pae, veio juntar-se a acção poderosissima de longas e custosissimas viagens pelo grande oeste patrio, por S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto Grosso, feitas pelo moço Taunay aos vinte e dous annos de sua idade, quando teve de acompanhar a expedição enviada do Rio a Cuyabá, nos principios da campanha do Paraguay.

Os azares da guerra deram-lhe repetidos ensijos de variar essas jornadas, cheias dos mais estranhos accidentes, e a tudo isso que servia, por assim dizer, para exalçar a fantasia e fornecer as tintas dos quadros ao futuro escriptor, juntava-se o trabalho surdo, paciente, profundo do sentimen-

to, cada vez mais acrysolado pelo labutar e sofrer ao lado de patricios e irmãos, pugnando com elles a mesma causa, a causa da patria.

Extrangeiro que fosse elle, não seria embalde que atravessaria o Brasil em longa e penosa jornada, nem seria em balde que teria combatido sob as mesmas bandeiras, empunhado as mesmas armas, ferido as mesmas peijas, descansado sob as mesmas barracas.

Ha situações na vida que ficam com ella argmassadas, identificadas indelevelmente sob a acção do tempo.

A' visão, pois, ao conhecimento directo que teve Tannay da natureza brasileira e mais desse profundo sentimento de solidariedade nacional e patria, engrandecido, depurado pelas dôres penadas em commum numa dura guerra, como foi a de Paraguay, deveu elle esse aferrado brasileirismo, que transluz através de toda a sua obra e faz deste filho de francezes um dos nacionalistas mais extremados de nossa litteratura.

Por isto é que no romancista é tão intensa essa nota.

Mas a edueação, aprimorada á européa, que lhe foi fornecida desde a primeira infancia por sua familia de nobres de gosto e de talento, e a que se juntou, mais tarde, extensa peregrinação estudiosa pelo Velho Mundo, não deixou nunca se apagar nelle um certo quê de extrangeiro no meio de seu mesmo brasileirismo, tendencia que foi achar pasto apropriado nas suas exeursões pela politica. Dahi, esse sonhar constanté com a immigração, a colonisação, as grandes naturalisações, os casamentos civis e quejandos assumptos e problemas em que o brasileiro é representado como um ser doente ou desequilibrado que precisa de vaccina allienigena para viver e prosperar.

Deixando o politico de lado, por emquanto, apreciemos neste estudo o romancista.

Uma observação curiosa, para quem considera a evolução do romance no Brasil, tomando-a em seu conjunto afim de lhe bem destacar os typos principaes, trabalho que só pode ser feito pela critica de indole historica e sociologica, e jámais pela brincadeira que ahi anda com o doce appellido de critica psychologica, tendo de psychologia apenas a teimosa pretensão, uma observação curiosa, dizia, é a de haver o romance, entre nós, seguido um andar parecido, sob mais de um aspecto, com o da poesia.

Não me refiro á natureza intrinseca dos assumptos, nem á philosophia reinante nos dois generos nas diversas phases de seu desenvolvimento parallelo.

Pela lei do *consensus*, que nunca falha, é claro que o espirito geral de cada época tem de se manifestar em todas as revelações espirituaes de um dado povo e não nesta ou naquella isoladamente.

Romance, conto, drama, poesia, musica, pintura, todas as expressões, em summa, da fantasia e do sentimento, têm uma só e mesma coloração geral em um dado momento. Já se vê, pois, não ser disso que pretendia falar.

O que desejava notar era certa symetria que se deu no desenvolvimento da poesia e do romance brasileiros no grande seculo recentemente passado.

Assim como só, após bons quinze annos do *poetar* de Magalhães e Porto Alegre, em 1846 é que apparece, com seus *Primeiros Cantos*, Gonçalves Dias que os offusca quasi completamente, para mais tarde surgir a quadrupla radiação de Azevedo, Lessa, Bernardo Guimarães e Junqueira

Freire; assim também só, volvidos bons quinze ou dezeseis annos do *romancear* de Teixeira e Souza e Manuel de Macedo, em 1856 é que se destaca, com o seu *Guarany*, José de Alencar que os escurece quasi de todo, para, mais tarde, apparecer a quadrupla radiação de Machado de Assis, Escragnole Taunay, Franklin Tavora e Bernardo Guimarães, exul da poesia o ultimo.

Depois destes, como depois daquelles, é que se abriu o caminho para os romancistas e para os poetas modernos.

Escragnolle Taunay, pois, pertence ao grupo de romancistas que seguiram as pégadas do notavel mestre do *Guarany*, de *Iracema* e das *Minas de Prata*.

A influencia de Macedo nelle e em seus compa-  
nheiros e contemporaneos não deixou de existir, mas muito mais apagada do que a do grande cearense.

Do Macedo da *Moreninha* e do *Moço Loiro*, não será difficil encontrar algum reflexo no Machado de Assis d'*A Resurreição* e d'*A Mão e a Luva* e no Taunay d'*A Mocidade de Trajano* e de *Ouro sobre Azul*.

A influencia de Alencar é, porém, desde logo, mais accentuada. O mesmo em o Franklin Tavora d'*Os Indios do Jaguaribe*, d'*A Casa de Palha*, d'*O Casamento no Arrabalde*.

Identico o caso de Bernardo Guimarães, muito inferior, como romancista, aos tres que lhe servem de companheiros e emulos.

De Alfredo Taunay, num sentido generico, poder-se-ia dizer que tinha menos que Machado de Assis o talento da observação psychologica e o sobrelevava no sentimento da paizagem; menos que Alencar a imaginação descriptiva, a faculdade

de viva e ardente poesia com que este decorava seus quadros, sobrepujando-o no conhecimento directo das scenas da natureza brasileira; menos que Franklin Tavora o tom realistico da reproducção dos costumes populares e da sociedade campesina, da natureza viva, em uma palavra, vencendo-o na espontaneidade da narrativa e na singeleza do estylo.

## II

Antes de tudo o romancista e, com elle, a biographia litteraria do escriptor.

Foram as prolongadas viagens pelo interior do Brasil que despertaram em Taunay o talento e o gosto de escrever. Foi pela descripção dellas que começou, e seus melhores romances e contos tiveram sempre por centro logares e personagens das longinquas paragens por elle visitadas.

A lista, não pequena, de seus romances e novelletas divide-se, dest'arte, em duas categorias perfeitamente distinctas: os da roça e do sertão e os das cidades e dos salões.

Os primeiros são prèferiveis. E é cousa para notar como esse homem de salão, quasi palaciano, foi muito mais destro na pintura da natureza e dos typos populares do que na descripção dos costumes e das physionomias das gentes civilisadas e das personagens cultas.

E' que as impressões recebidas por elle, nos cinco terriveis annos nos quaes, como militar, teve de tomar parte activa na expedição de Matto Grosso e na guerra do Paraguay, abalaram-lhe por tal forma a alma e o organismo, que dellas lhe provieram o mal e o bem, quero dizer, a mo-



lestia pertinaz, que o veio a matar, e as boas qualidades de espirito, que lhe vieram a crear um nome na litteratura do paiz. E póde-se affimar sem erro, que a evolução de seu talento se achou completa aos vinte e sete annos de idade, após os arduos trabalhos da campanha.

Os trinta annos ainda por elle posteriormente vividos pouco ou nada lhe juntaram de viva força espirital; o escriptor não progrediu; suas melhores obras são as mais antigas, bastando lembrar entre ellas *A Retirada da Laguna e Innocencia*.

Durante o primeiro decennio (1868 — 1878) de sua actividade litteraria não fez mais do que aproveitar o material e as experiencias accumuladas no fecundante periodo anterior.

Os leitores verificarão por si. Em 1868 publicou *Scenas de viagem*; em 1869 *Viagem de regresso de Matto Grosso á Côte*; em 1871 *A retirada da Laguna e A Mocidade de Trajano*; em 1872 *Innocencia*; em 1873 o *Manuscripto de uma mulher*; em 1874 *Ouro sobre azul e Historias Brasileiras*; em 1878, *Narrativas Militares*. A esse aureo periodo de acção do moço auctor pertence tambem o bello livro de *Céos e Terras do Brasil*, apparecido em 1882, mas tirado das obras anteriores.

O decennio de 1879 a 1889 é tomado pela agitação politica em que se debateu Escragnolle Tournay, na ultima phase do imperio, tendo sido deputado, senador, presidente de provincia e agraciado com o titulo de visconde. Desse periodo restam, como prova de seu esforço, *Questões militares*, 1879; *Casamento Civil*, 1886; *A Nacionalisação*, 1886. No terreno da pura litteratura existem desse tempo apenas *Estudos Criticos* (1881-1883) e *Amelia Smith*, drama publicado em 1887.

Abolida a monarchia, interrompida a carreira

política do illustre fluminense, pela honrosa coherencia que o afastou das novas instituições, voltou elle ás lides litterarias e deu-nos — *O Encilhamento* e *No declínio*, romances, *Ao entardecer*, contos, sahidos recentemente em publicação posthuma. Deixou memorias ineditas que deverão vir a lume em 1943, centenario do nascimento do auctor. Nellas deve ter julgado, a seu modo, os homens publicos, politicos e litteratos, com quem conviveu e luctou.

Eu já disse possuir o auctor de *Innocência* em maior escala que Machado de Assis o sentimento da paizagem e mais do que Alencar o conhecimento directo da natureza brasileira. E' o maior elogio que lhe póde ser feito; porque em tudo mais não supporta o paralelo com os dous melhores mestres do romance nacional. A sua obra, tomada em conjuncto, como fórma e como fundo, é consideravelmente inferior á do auctor de *Senhora* e á do escriptor de *Braz Cubas*. Revela um espirito muito mais limitado e menos possante. Faltam-lhe a imaginação, a poesia, a eloquencia, a graça que enchem as paginas de Alencar, a finura, a perspicacia, a elegancia e distincção no dizer que avultam nas de Machado de Assis.

Os seus romances, contos e dramas, considerados do ponto de vista dos typos que pretendeu crear ou do ponto de vista do enredo ou do estylo ou da linguagem, são de ordem secundaria. A inspiração do artista não transborda fogosa, ardente, irrefreavel; mostra-se, ao envez, acanhada, detida pelo mór embaraço de que soffria o escriptor: a falta de imaginação.

Tal o motivo pelo qual, mesmo nos melhores trechos de seus escriptos, as descripções de scenas da natureza brasileira, não se encontram amplos e fascinadores quadros, vivas e deslumbrantes télas,

quaes se nos deparam nos grandes mestres da paizagem escripta.

E' escolher a esmo qualquer das mais famosas dentre as suas passagens descriptivas, por exemplo, a do sertão cortado pela estrada de Sant'Anna do Parahyba e Camapoan e do incendio que ás vezes lavra naquelles campos resequidos, nas primeiras paginas de *Innocencia*; a da trovoada que assalta o estudante Trajano na viagem de S. Paulo para a Fazenda da Matta Grande, em *Mocidade de Trajano*; o caminho de Miranda ás terras altas de Itagati, em *Historias Brasileiras*, ou a do Rio Aquidaúna, em *Narrativas Militares*, ou qualquer outra; ficar-se-á sempre sabendo ser tudo aquillo exacto, ter sido tudo visto pelo escriptor e o haver impressionado profundamente. Mas que pobreza de vocabulario, que falta de imaginativa, que ausencia de vigor, de colorido nas tintas, que mingua de poesia!

Como descóram ante as descripções de Alencar, de Ramalho, de Eça, de Herculano! Não deixou, no genero, uma só pagina completa, perfeita, superiormente acabada; sempre esboços, tirados ao vivo, é certo, porém sempre por concluir e aperfeiçoar.

Eis um exemplo typico de seus processos; vejam o character realistico de suas notas, mal aproveitadas pela deficiencia de imaginação e a falha de viçosa caudal de poesia:

«Que bello é aquelle rio Aquidaúna!

Confluente volumoso do Miranda, rola aguas purissimas entre margens alcantiladas e cobertas de vigorosa vegetação na qual avultam os elegantes taquarassús a formarem pittorescos massiços, donde se alteiam elevadas macambiras. As mais bellas paizagens mostram-se em seu percurso; as

mais animadas scenas formam-se em suas visinhanças povoadas de toda a casta de animaes.

Ha perspectivas de uma novidade de aspecto encantadqra.

Na porção ainda encachoeirada e acima do porto, onde os paraguayos tinham um posto de observação, porto denominado do Souza — que tal se chamava o dono da fazenda usurpada — o rio, descendo em rapida corredeira, morre de repente numa larga bacia, aberta com singular regularidade no concavo de barrancas cortadas a pique.

Alli dormem as aguas, circulos ligeiros mal crescam a superficie — impulsos ultimos da correnteza — e em ondulações concentricas, cada vez mais apagadas, vão desapparecer de encontro á margem.

Ora a brisa geme na delicada folhagem dos taquarassús e brinca sobre as aguas; ora é o vento que, vergando os flexiveis colmos, aviva aquella scena com harmonias mais grandiosas.

Quando, acompanhando o rio, nos dirigiamos para o porto do Souza, ora embarcados, ora pelas matas, mas sempre com a maior cautela para não acordarmos as suspeitas dos paraguayos, assim a vimos.

Então no alto da escarpada grota estremeciam as arvores aos embates de forte sopro; as flexuosas cannas enroscavam-se umas nas outras, emmaranhavam-se, torciam-se frementes, levando ás vezes os topos ás copas das macaúbas, outras abastendo-os até o chão.

Perturbado em sua serenidade, de quando em quando reflectia o lago sombrio as nuvens que orlavam o azul celeste das abertas por onde o sol estirava raios destacados e de brilho offuscador.

Centenares de passaros esvoaçavam: uns toca-

dos pelo vento com as azas meio encolhidas; outros cortando com vôo firme os revoltos ares. Brincavam muitas marrequinhas n'agua, sobre a qual veloces deslisavam-se brancas garças, ao passo que lontras faziam reluzir ao sol o lustroso pello, mergulhando de continuo e nadando com ligeireza.

Tudo aquillo gritava, tudo aquillo piava, reunindo mil vozes diversas, produzindo mil sons diferentes, que combinados davam ao quadro a animação e vida só proprias dos paineis sahidos das mãos do supremo artista.

Outra vez vimos essa bacia debaixo de novo aspecto.

Tudo era calma, tudo silencio; as aguas não se moviam; as arvores não se mexiam.

Luz deslumbrante penetrava tudo; calor abraçador abatia e enervava as forças.

Illuminada em seus mais sombrios recantos, não tinha a mattaria mysterios; no lago as areias reluziam como que em immensa taça de esmeraldina lympha, que cardumes de dourados peixes — symbolo do mutismo — cortavam d'um lado e de outro.»

Tal é o estylo do escriptor nos momentos mais felizes.

Pequenos quadros como este abundam nas suas obras e são o que ellas contem de melhor, de mais suggestivo.

E' preciso, porem, estudal-o mais a fundo na sua esthetica, na sua philosophia, na sua intuição do mundo e da sociedade.

## III

A natureza e o homem são as duas eternas fontes de toda poesia: e o modo como se nós antolham através do temperamento do artista e do escriptor é que nos poderá dar a medida exacta do seu valor.

Determinar, pois, como Escragnolle Taunay viu, sentiu e reproduziu uma e outro, será a nota capital em sua característica.

Pelo que toca á natureza, a imaginativa do escriptor não a transfigurava em quadros enormes e phantasticos; mas um cunho realistico prevalecia sempre em todas as suas descripções.

Aquarellista e musico, a côr e o som luctavam na gamma de suas sensações e é por isso que as scenas e paizagens de seus escriptos nunca esquecem o céu com a multiplicidade estupenda de suas cores, nem os passaros com as ondulações variadissimas de seus cantares.

Como, porem, viu elle e representou o homem? Eis o problema, eis o que resta investigar. Quer se queira quer não, o mais alto prodigio da arte é a invenção desses typos; desses caracteres que constituem uma especie de humanidade ideal em bem ou em mal, essa immensa galeria de figuras, cuja intensidade de vida desperta a attenção de todos os tempos.

Desde a antiguidade grega, os grandes mestres do theatro, Eschylo, Sophocles, Aristophanes e Euripides, assim o comprehenderam e é por isso que ainda hoje todos se curvam pasmos diante da

flagrante verdade dos eternos typos imaginados pela musa classica.

O mesmo na idade-média, nessa famosa epopea dantesca, onde o mestre immortal em tres ou quatro paletadas geniaes deixou a viver para sempre na mente dos homens as inapagaveis sombras de uma Francesca, de um Ugolino, de um Paulo, de uma Beatriz e cincoenta outras, todas tão cheias de vida e de seiva, como se ahí estivessem a mover-se sob os nossos olhos.

Inutil é lembrar o assombroso musen realisticamente verdadeiro de um Rabelais, de um Shakespeare, de um Cervantes, de um Molière, de um Balzac, de um Flaubert, de todos os poderosos chefes de fila da poesia, do drama, do romance.

E' por uma egual faculdade de reconstrucção e movimentação que os verdadeiros historiadores têm conseguido fazer resurgir sob nossos olhares as estranhas figuras do passado: um *Cesar* em Mommsen, um *Carnot* em Sybel, um *São Paulo* em Renan, um *Luthero* em Ranke, um *Affonso Henriques* em Herculano...

A guerra do Paraguay foi a grande officina em que Escragnoille Taunay teve de lidar duramente com os homens e onde se lhe depararam repetidos ensejos de os estudar e conhecer.

As experiencias então colhidas inspiraram-lhe tres categorias de escriptos: livros de pura historia, narrativas de factos e personagens reaes, rapidamente romanticados, num ou noutro aspecto; romances e contos gravados sobre um fundo positivo.

Na primeira classe destae-se essa formosa *Retirada da Laguna*, escripta em lingua franceza, que ha de ser em todo o tempo sua obra-prima.

Na segunda ordem avultam as *Narrativas Mi-*

*litares*, cujas principaes são: *Um Irmão, Vingança de um recruta, O Capitão Caipora*, tres contos vasados em moldes realistas sobre factos verdadeiros de intenso sabor natural.

No terceiro grupo estão os contos *Irecê a Guaná, Camiran a Kinikináo, Juca o Tropeiro*, reunidos em *Historias brasileiras*.

Não é vasta a galeria de typos reaes descriptos em taes composições; mas essa é a melhor gente que nos apresenta o auctor e o qualificativo *melhor* não o emprego aqui em relação ás qualidades intrinsecas dos sujeitos, aliás todos elles dignos, senão em referencia ao esmero e *savoir faire* do escriptor.

As faculdades artisticas de Taunay na pintura do homem têm, talvez, um pouco mais limitados, os mesmos recursos que manejava no desenhô da natureza: muita *sympathia* pelo assumpto, muito desejo de o retratar tal qual pegando-o em flagrante, a propriedade de ver e ouvir intensamente e com muita veracidade; mas tudo um pouco secco, num vocabulario pobre, numa imaginativa assás limitada. Em uma palavra, o desenho é sempre bom e correcto, o colorido pouco variado e pouco brilhante.

Em *Retirada da Laguna* os typos do guia José Lopes e do coronel Camisão, este com suas vacillações e incertezas num character fundamentalmente honrado, aquelle com sua ardente fé de homem simples, com sua tenacidade de sertanista posto á prova em arduas circumstancias, são capazes de nos chamar a attenção, pela verdade das linhas, jámais pelo destaque brilhante das côres.

O mesmo com as personagens do capitão Pereira do Lago e dos dous admiraveis irmãos, Alexandre e Martinho Campos Leite, e tambem com



o capitão Pitaluga, o alferes Marçal, o tenente Pe-  
res — em *Narrativas Militares*.

Idêntico o caso das figuras, mais ou menos  
romantisadas, de *Irecê*, a bella india guaná, *Mo-  
revi*, o cacique, e *Camiran*, a velha kinikináo, em  
*Historias Brasileiras*.

Entre estas narrativas da guerra, de scenas e  
typos que com ella se relacionam, livros unicos  
em seu genero na litteratura brasileira, porque  
Taunay foi talvez quem ápenas de todos os seus  
contemporaneos esteve nas exigidas condições para  
os escrever, e teve o bom senso de as aproveitar,  
entre estas narrativas da guerra é os seus roman-  
ces da cidade e das gentes civilisadas, destaca-se  
a encomiada *Innocencia*, que constitue uma ver-  
dadeira transição, quanto ao centro em que se  
passaram os factos e quanto ás personagens que  
nelles tomaram parte.

Não é mais nos extremos occidentaes de Matto  
Grosso ou nas campinas e mattas do Paraguay e  
sim em região mais proxima a nós, nos limites do  
longinquo Estado com os de S. Paulo, Goyaz e  
Minas Geraes, que se desenvolve a acção e entre  
os comparsas do drama surge um europeu, um sa-  
bio, o naturalista Meyer.

O romance é bem feito, o enredo bem tecido, o  
desdobrar da fabula singelamente architectado.

Scenas naturaes e typos populares abundam no  
livro; mas noto-lhe a mesma ausencia de vigor,  
de fortes tintas, a mesma pallidez de estylo de to-  
dos os seus irmãos mais antigos ou mais novos.

E' um livro do genero dos de Bernardin de  
Saint Pierre, de Chateaubriand, de Alencar, em  
*Paulo e Virginia*, *Atala*, *Tracema*; porém quão  
pallido é elle diante dos desses incomparaveis mes-  
tres da paizagem e da pintura das almas inge-

nuas! Para mim os caracteres mais exactamente reproduzidos no bonito e gabado romance não são os de *Innocencia*, de seu pae *Santos Pereira*, de seu padrinho *Antonio Cesario*, de seu noivo *Manecão Dóca*, de seu apaixonado *Cyrino de Campos*, de seu creado o anão *Tico*; os retratos melhores, as figuras mais vivas são — quem tal diria? — as dos dous doentes — *Coelho*, o empalamado, e *Garcia*, o morphetico.

Os retratos do naturalista *Meyer* e de seu camarada *José Pinho* são duas caricaturas sem cunho naturalistico, sem os signaes irrecusaveis da vida real.

O romance de Taunay, onde elle juntou um maior numero de individuos de genios, profissões e categorias diversas, é a *Mocidade de Trajano*. E' peor escripto do que *Innocencia*, porque então ainda estava o auctor sob a influencia de Joaquim Manuel de Macedo, a quem o livro é dedicado; porém é mais vivo, melhor observado em suas linhas geraes.

A scena passa-se em uma fazenda de café, em S. Paulo.

Ha alli um italiano liberalisante e parlapatão — *Mordelli*, um medicastro allemão — *Schlossen*, um bacharel fatuo e politiqueiro — *Amphiloquio Machado*, um fazendeiro com fumaças de aristocrata — *Silveiras*, uma mulatinha ardilosa e má — *Bertha*, um velho feiticeiro — *Pai Vicente*, bem apanhados.

Nos romances de salão, cuja acção se passa no Rio de Janeiro, o illustre e operoso escriptor foi muito menos feliz, principalmente em *Ouro sobre azul*, que me parece a coisa peor por elle escripta: mau enredo, má concepção, pessimas figuras, manequins sem veracidade, multiplicadas *ficelles*.

Com *Manuscripto de uma mulher* foi mais feliz; é um livro mais bem feito.

A protagonista *Corina* vive, sente-se alli uma mulher, de um character mediocre, mas um character, em todo o caso.

A mãe, a *nosomaniaca D. Miloca*, não está mal desenhada, mostra traços bem observados, reaes, vivos. O mesmo não se poderá dizer dos homens do livro — *Amilar, Jurema, Ricardo*, typos falsos, mortos, nullos.

Em *Amelia Smith* a protagonista é mais espartilhafatosa do que realmente commovida; os seus pais, *Ayres Peres* e *Lucia Peres*, dons refinados patifes, revclam mais vida nas poucas vezes que apparecem; a nobre figura de *John Smith* é demasiado apagada.

Um dos ultimos romances de Taunay — *No Declínio*, no qual a influencia de Bourget é evidente, é uma tentativa de estudo psychologico.

Igual tentamen havia já elle feito em *Manuscripto de uma mulher*, publicado a primeira vez sob o titulo por demais romantico de *Lágrimas do Coração*. Não se pôde dizer qual dos dons livros é melhor ou peor: são ambos mediocres. A pesquisa, a investigação paciente da psychologia das almas complicadas, cheias de abysmos e devéras emmaranhadas de multiplas tendencias e contradicções, não era o forte do nosso romanista.

Os estudos da *Corina*, do *Manuscripto de uma Mulher*, e da *Lucinda Soares*, de *No Declínio*, não passam de escorços de uma psychologia muito elementar.

Em todo o caso, os typos de *Lucinda* e de *Anselmo Guedes*, o empregado publico, ao mesmo tempo rotineiro e exquisitão, são dos melhores

deixados por Taunay nos seus romances de costumes do Rio de Janeiro.

Nas figuras de imaginação creadas pelo romancista fluminense, pode-se dizer que, com excepção dos contos sertanejos de sua primeira phase, predominaram os maus ou os defeituosos caracteres.

Quer-me parecer que o auctor via a sociedade com os olhos de pessimista. Este pessimismo creio que augmentou nos ultimos annos de sua existencia.

Seu derradeiro livro, o volumezinho posthumo de contos, intitulado *Ao Entardecer*, é disto a prova.

As almas nelle descriptas são quasi todas verdadeiros aleijões.

Neste caso se acham essa *Bettina de Cabeça e Coração*; essa *Sophia Dias* e esse misero *Mario Campos de Uma Vingança*; esse *Arnaldo Gracias* e essa *Julia Candelaria de Rapto Original*; esse safado *Amaro Esteves* e essa pobre *D. Nicota de O Estorvo*.

Os proprios typos do sertão, do conto unico que os contém, a *Ciganinha*, quasi não escapam a essa regra.

A tal *Gégéca* não passava de uma desalmada e espertalhona cigana, moralmente antipathica. Quão distante da *Innocencia*, de outros tempos!

Que é que levou o descuidoso romancista a esse desencanto, a esse desconsolo do entardecer?

A politica e suas decepções.

## XII

### A Escola Litteraria do Recife no ultimo quartel do seculo XIX

(Carta aberta a Arthur Orlando)

A leitura de duas publicações, ultimamente feitas em Pernambuco (*A Cultura Academica*, — numero consagrado a Martins Junior, e *Memoria Historica da Faculdade do Recife — no anno de 1903* —), publicações, aliás, excellentes, e por isso mesmo que o são, a leitura dellas causou-me algum desgosto, sob o ponto de vista que te vou indicar.

Se se tratasse de qualquer dessas babuzeiras que diariamente sahem á luz no Rio de Janeiro, nas quaes o desconhecimento de nossas luctas ahi do norte é completo, eu não me abalançaria a protestar, como o vou fazer nas presentes linhas que te peço sejam publicadas no *Diario*; sendo, porem, coisa vinda do Recife, o caso muda muito de figura.

Por cinco vezes diversas tenho historiado, ora mais, ora menos amplamente, o que eu mesmo denominei a *Escola Litteraria do Recife*, e foi na *Philosophia no Brasil*, na *Litteratura brasileira e a Critica Moderna*, no ensaio — *A Prioridade de Pernambuco em o movimento espirital Brasileiro*,

na *Historia da Litteratura Brasileira* e no livro sobre *Machado de Assis*.

As tres phases dessa escola, nomeadamente na *Historia da Litteratura* (2.<sup>a</sup> edição, 2.<sup>o</sup> vol. de pags. 461 a 476), estão perfeitamente determinadas, e indicados, com a maior amplitude, os nomes dos respectivos combatentes.

Noto, entretanto, nas publicações a que me refiro, o claro proposito de se alludir ao periodo *condoreiro* (1863-68), bifar o notabilissimo periodo de *reação* contra o *romantismo*, condoreiro ou não, contra o *eclectismo* de Cousin, phase da *predica de novos ideias litterarios e scientificos*, periodo que bem merece o nome de *critico-philosophico* (1868-76) e dar um pulo para a terceira phase (1882 em diante até aos dias proximos)...

Ora, isto é uma falsificação injustificavel dos factos.

E' bem verdade o dizer-se ser a historia que mais se desconhece a que fica mais proxima ao tempo em que se vive; porque nem é a velha historia que já anda escripta, nem é a actual a que se está a assistir... E' exactamente o que se dá com o que eu e Tobias Barretto e varios companheiros praticámos ahi em Pernambuco, — de 1868 a 1876, vae por perto de quarenta annos.

Cá no Rio de Janeiro — os inimigos d'elle não lhe falam no nome e os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbaridades. — Fazem-me mais moço do que aquelle amigo vinte ou trinta annos; mettem-me no numero dos seus alumnos na Faculdade do Recife; baralham os factos; confundem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho

affirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco annos de sua *acção poetica, primeira phase da escola do Recife*, ou *periodo condoreiro* (1863-68). A data de 1868 em diante, sendo elle ainda alumno da Faculdade e eu tambem, é que se iniciou a *segunda phase da escola*, ou *periodo critico philosophico*. Ahi nós fomos companheiros: *Nos fuimus simul in Garlandia*. No primeiro periodo teve por auxiliares ou rivaes a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza, e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, as luctas. Eu fiquei; e só em 1876 é que deixei o Recife, após oito annos de polemicas constantes.

Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente no Gymnasio Nacional, é que foi iniciada a *terceira phase da escola do Recife* ou *periodo juridico-philosophico*. Já então estava dalli ausente: mas fui um precursor do movimento, com a minha defesa de theses, em 1875, especialmente com a *dissertação*, na qual já largamente caracterisava os novos horisontes do direito e prégava a sua *intuição evolucionista*, citando um trecho de von Ihering — da *Lucta pelo direito*, — aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e escriptos de Tobias nos ultimos annos de sua vida.

Os actores, então, além do grande sergipano, foram José Hygino, João Vieira, e logo após — Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, França Pereira, Theotonio Freire, João Freitas, Phaelante da Camara e outros. Lembro estes fa-

ctos, porque a terceira phase da escola não se compreende sem a segunda; e erroneo é o critério do meu querido amigo Phaelante e dos escriptores da *Cultura academica*, quando saltam para essa terceira phase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os annos intermedios, nos quaes se operou a passagem do *ultra-romantismo* de Hugo e do *eclectismo* de Cousin—para as modernas idéas, de que as professadas de 1882 em vante não passaram de natural desdobramento. Em que pése a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu logar na historia intellectual brasileira. E' mister descriminar os periodos da escola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituaes.

Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas tres phases de sua vida, pelo *espírito de reacção*, pela *intuição critica*, pelo *temperamento de lucta* e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a systema.

Dest'arte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado delle nas doutrinas mais sérias. Em *poesia*—elle foi pelo *romantismo de Hugo*; eu—pelo *scientificismo*, seguido mais tarde por Martins Junior, e contra o romantismo que ataquei com força. Em *critica litteraria*—elle foi pelo *allemanismo*, como cousa a ser imitada pelos brasileiros; eu—do *allemanismo* só acceitava a *influencia historica da raça germanica* e o seu *espírito critico*. Elle era em letras preferentementé pelos assumptos estrangeiros; eu pelos *nacionaes*. Elle desdenhava da *poesia popular* e da *ethnographia*, como base das reproduções quaesquer dos povos; eu atirava-me a *ambas*, como bases para a *comprehensão da vida nacional*. Em *critica historica*—eu era por Buckle; elle não



era sectario deste grande inglez. Em *philosophia* — eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Hæckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em *philosophia do direito* elle foi pelo *transformismo hæckeliano* e *monismo noierista* em toda a linha; eu — por uma concepção mais approximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, elle não admittia a *psychologia* e a *sociologia* como sciencias, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar. Nossa acção teve, pois, pontos de contacto e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecerá. Em 1879, elle no *Contra a Hypocrisia* e eu no *Reporter*, a proposito de umas censuras estapafurdias que nos fez o finado dr. Antonio H. de Souza Bandeira, indicámos varias dessas linhas de divergencia e desses pontos de accordo. Esta é a verdade e nós só queriamos a verdade.

Escrever do periodo *condoreiro*, sem falar em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Castro Rabello e alguns mais; escrever do periodo — *critico-philosophico*, ou, antes, saltar por elle, e não falar no meu nome, no de Celso de Magalhães, no de Souza Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglez de Souza e diversos, é como escrever do periodo puramente *juridico*, e não falar em José Hygino, em João Vieira, Clovis Bevilaqua, Martins Junior, Arthur Orlando e outros, isto é, praticar um puro disparate.

A Phaelante, é justo declaral-o, sou grato, porque, mui de leve e sem o cabal aproveitamento do facto é certo, alludiu á minha defesa de theses em 1875 e ao escandalo por ella causado. (*Memoria Historica*, pag. 12).

Outro tanto não posso dizer dos que ahí fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o proprio Tobias, nos *Estudos Allemães, quem primeiro no Brasil atacou o romantismo*, fui tambem que, bem antes de Martins Junior, falei em *poesia scientifica*; como elle mesmo confessa, no seu opusculo que tem este titulo.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressionou. Tal o protesto que tinha a fazer, inutil para os que (como tu e o incomparavel Clovis) conhecem toda a minha vida espiritual e todos os meus escriptos, mas indispensavel para novas gerações por quem desejo ser julgado com pleno conhecimento de causa.

Outubro de 1904.

## Classification organico-didactique des sciences

Je crois qu'on peut dresser le plan d'une classification organico-didactique des sciences—comme il suit :

PHILOSOPHIE	Propé- dactique	<i>Logique</i> , ou formes du monde subjectif.	HISTOIRE	
		<i>Mathématiques</i> , ou formes du monde objectif.		
	Naturalistique			<i>Mécanique.</i>
				<i>Physique.</i>
				<i>Astronomie</i> ou <i>Physique Céleste.</i>
				<i>Chimie.</i>
				<i>Biologie.</i>
	Transition			<i>Psychologie.</i>
				<i>Athropologie.</i>
				<i>Linguistique.</i>
	Socialistique			<i>Ethnographie.</i>
				<i>Industrie et Sciences des Industries</i> ou <i>Economie Politique.</i>
				<i>Art et Sciences des Arts</i> ou <i>Esthétique.</i>
		<i>Religion et Science des Religions</i> ou <i>Critique Religieuse.</i>		
		<i>Droit et Science du Droit</i> ou <i>Jurisprudence.</i>		
	<i>Politique et Science de la Politique et de l'Administration de l'Etat.</i>			
	<i>Morale et Science de la Morale</i> ou <i>Ethique.</i>			

L'explication de ce tableau didactique de la classification des sciences est facile. Le principe de complexité croissante, base de toute classification rationnelle, y prédomine. On inaugure la série commune par tout ce qui peut y avoir de plus général et de plus simple: les *formes et relations*, soit du monde subjectif, soit du monde objectif. Les idées de *co-existence* et de *succession* qui y régissent et qui sont symbolisées dans les préceptes de *l'espace* et *le temps*, donnent lieu à la *Logique* et à la *Mathématique*, qui forment une espèce de propédeutique générale de l'étude des sciences.

De cette propédeutique, se détachent les deux grands objets de la science: La *Nature*, le *Monde*, l'*Univers*, comme on voudra les appeler, et l'*Homme*, l'*Humanité*, la *Société*.

On peut considérer la *Nature*, dans son ensemble, comme susceptible d'être l'objet d'une science générale, sous la dénomination de *Naturalistique* ou *Naturologie* ou, si l'on veut, *Cosmologique* ou *Cosmologie*, d'où se détachent les différentes sciences particulières qui ont pour objet les phénomènes naturels, depuis la *Mécanique* qui s'occupe du phénomène le plus général qui puisse exister au monde, le mouvement dans l'espace et dans le temps, jusqu'à la *Psychologie*, traitant de la vie spirituelle de l'homme individuel, qui, en cette qualité, est un objet de la nature comme un autre quelconque.

Entre la *Mécanique* et la *Psychologie* figurent successivement la *Physique*, l'*Astronomie* ou *Physique Céleste*, après la *Physique Générale*, conformément à la correction irréfutable de Spencer à la sériation de Comte, la *Chimie* et la *Biologie*. Doivent se suivre, les sciences qui traitent de la *Société* et de ses diverses ramifications; il existe

cependant au moins, trois sciences de grand mérite, trois formations modernes qui constituent la transition entre le monde physique et le monde social, entre les sciences de l'Univers et celles de la société humaine, elles sont: l'*Anthropologie*, la *Linguistique* et l'*Ethnographie*. Après celles-ci surgissent alors les sciences de l'humanité ou de la Société.

On peut considérer, sous la dénomination de *Socialistique* ou *Sociologie*, le complexe des phénomènes sociaux, constituant une science générale.

D'elle se détachent les sciences qui étudient les grandes créations humaines, savoir: l'*industrie* et la *Science des Industries* ou *Economie Politique*, l'*Art* et la *Science des Arts* ou *Esthétique*, la *Religion* et la *Science des Religions* ou *Critique Religieuse*, le *Droit* et la *Science du Droit* ou *Jurisprudence*, la *Politique* et la *Science de la Politique* et de l'*Administration de l'Etat*, la *Morale* et la *Science de la Morale* ou *Ethique*.

Et comme tous ces sujets peuvent être traités *philosophiquement*, c'est-à-dire, sous un aspect général et synthétique d'unification de la science dans son état actuel; ou *historiquement*, c'est-à-dire, dans son développement et son évolution dans le temps et dans l'espace, nous avons deux autres sciences: *Philosophie* et *Histoire*.

Il se peut que je me fasse une illusion, mais le tableau me semble complet et parfait, comme disposition organique et didactique des sciences, et rend de bons services à la pratique. Il prédispose l'esprit le plus rebelle à avoir une vue d'ensemble sur toute l'énorme étendue des idées et du savoir humain.



## XIV

### O momento litterario

Sylvio Roméro

Dez dias depois de mandar o meu questionario para a Companhia, onde o mestre refundia toda a sua obra, recebi uma carta telegraphica que se pode resumir em duas phrases: «E' difficil. Vou ver se faço».

Passaram-se mais duas semanas e outra carta surgiu: «Tanto trabalho fez-me neurasthenico. Não posso responder nestes trinta dias».

Fiquei descorçoado. Entretanto, não esperêi muito. Ainda não decorrera metade do tempo marcado para o repouso do incansavel espirito, recebi com a resposta este simples bilhete: «Não pude esperar. Lá vae a cousa. Se não servir, rasgue».

A *cousa* era esta extraordinaria carta, cheia de mocidade e de fulgor:

«Meu amigo. — O seu *questionario* poz-me em serios embaraços. Logo que o recebi, suppuz ser cousa facillima o dar-lhe immediata resposta.

Quando me afundei em mim mesmo, para son-

dar como se me tinha operado o que se poderia chamar a minha *origem e formação especial*, conheci que essa especie de *exame de consciencia* não era nada facil.

Achei, em minh'alma, meio veladas num semi-crepusculo subjectivo, tantas anthropologias, ethnographias, linguisticas, sociologias, criticas religiosas, *folk-loricas*, juridicas; politicas e litterarias, que tive medo de bulir com ellas e de me metter nesse matagal...

Conheci, sem esforço e para meu mal, que, se não sou ao pé da lettra um *scientista*, não me cabe tambem a denominação de *litterato*, no sentido restrictissimo que este qualificativo tem entre nós e parece ser a intuição por V. abraçada, quando diz no anto de perguntas: *De seus trabalhos quaes as scenas ou capitulos, quaes os contos, quaes as poesias que prefere?*

Escrevi, é certo, algumas poesias, entre os dezoito e vinte e cinco annos, que andam ahi em dous volumes. Mas foi só.

Não tenho romances, contos, novellas, dramas, comedias, tragedias, folhetins, chronicas, phantasias...

Não, nada disso.

Conheci, mais e de subito, que essas *confissões de auctores* são cousa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade affectada e insincera; se se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria.

Quiz fugir á resposta; mas estava preso pela promessa.

Palavra de tabaréo não torna atrás...

Ahi vai, pois.

Em mim o *caso litterario* é complicadissimo e anda tão misturado com situações criticas, philosophicas, scientificas e até religiosas, que nunca o



pude dellas separar, nem mesmo agora para lhe responder.

Não tive nenhumas precocidades litterarias, scientificas ou outras quaesquer.

Quando escrevi a primeira poesia e o primeiro artigo de critica tinha dezoito annos e meio bem puxados e já andava matriculado na faculdade do Recife.

Para lhe dizer tudo, devo partir do principio.

Faço-o com acanhamento, mas é indispensavel.

Nestes assumptos ou tudo ou nada. Não se assuste, serei breve.

Como caracter e temperamento, sou hoje o que era aos cinco annos de idade.

Não se admire; é que sou, se assim posso dizer, uma victima das duas primeiras, mais famosas e mais terriveis epidemias que devastaram o Brasil no seculo XIX.

Em 1851, anno em que nasci, foi nossa terra invadida por uma violenta epidemia de febres más, que se estendeu por varias provincias.

A villa sertaneja em que nasci, em Sergipe, o Lagarto, não ficou immune.

Minha mãe teve a febre (suppõe-se que já era a hoje nossa *patricia* mui conhecida — a *amarrella*); esteve ás portas da morte, não me podia amamentar. Eu tinha seis semanas. Fui transportado para o *engenho* de meus avós maternos, a quatro leguas de distancia, na região chamada o Piahy, de um rio deste nome que alli corre aguas turvas e cortadas no tempo das seccas.

O sitio era delicioso, com trechos de matta virgem, bellos outeiros fronteiriços, riachos correntes e o *engenho*. Este era dos de *animaes*. São os mais poeticos nas scenas de sua movimentação

especifica. Basta a *almanjarra* (manjarra — chama-se lá), para pôr em tudo uma nota festiva.

Fiquei no engenho *Moreira*, tal é sua denominação, até aos cinco annos. Dos tres em diante a *moagem* era para mim um encanto.

Quando os bois ou cavallos eram bem mansos, eu trepava tambem na *almanjarra* e ajudava a cantar a algum dos *tangedores*:

«Pomba vôou, meu camarada,  
Avôou, que hei de fazer?  
Quem de noite leva á bocca,  
De dia que ha de comer?»

Ainda agora sinto no ouvido a melodia simples e monotona desses e doutros versinhos do genero; e invade-me a saudade, doce companheira a quem devo nos dias tristes de hoje as raras horas de prazer de minha vida.

Tudo que sinto do povo brasileiro, todo meu brasileirismo, todo meu *nativismo*, vem principalmente dahi.

Nunca mais o pude arrancar d'alma, por mais que depois viesse a conhecer os defeitos de nossa gente, que são tambem os meus defeitos.

Outra cousa me ficou incrustada no espirito e com tamanha tenacidade que nunca mais houve critica ou sciencia, que dalli m'a extirpasse: — a *religião*.

Devo isso á mucama de estimação, a quem foram, em casa de meus avós, encarregados os desvelos de minha meninice.

Ainda hoje existe, nonagenaria, no Lagarto, ao lado de minha mãe, essa adorada Antonia, a quem me costumei a chamar tambem de mãe. E' um dos meus idolós, dos mais recatados e mais queridos.

Nunca vi criatura tão meiga e nunca vi *resar* tanto.

Dormia commigo no mesmo quarto, e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ella de joelhos... *resando*...

Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como cousa séria, que ainda agora a tenho na conta d'uma criação fundamental e irreductivel da humanidade.

Desgraçadamente, ai de mim! não reso mais; mas sinto que a religiosidade jaz dentro de meu sentir inteiriça e indestructivel.

Muito diaphana, muito idealizada, mas é sempre ella. Uma epidemia — a *febre amarella* — poz-me fóra do Lagarto, no *engenho*; outra a do *cholera-morbus*, em 1856, fez-me voltar definitivamente para a villa, para a casa de meus pais.

Havia mais recursos na povoação do que no *engenho*, quasi despovoado na escravatura pela peste.

As scenas do cholera de 1856 foram dolorissimas por quasi todo Brasil.

Lembra-me bem a chegada á casa paterna em meio da epidemia.

N'uma vasta sala (era a sala de jantar), junto a uma das paredes lateraes, em colchão posto no chão, agonisava minha irmã Lydia, a primeira deste nome.

Minha mãe, chorosa, sentada perto da doentinha, punha-lhe botijas de agua quente, fervendo, aos pés. Meu pae, ainda muito vigoroso, e um senhor que eu não conhecia (era o medico), preparavam numa mesa, ao meio da sala, um emplastro de não sei que substancias.

A menina, muito formosa, nos seus quatro annos, muito esperta, muito intelligente, muito pe-

gada com minha mãe, só tinha, então, vida nos seus enormes olhos negros.

Que estranho olhar!

Allumiou-me tristemente a entrada na casa de meus paes — é tem-me brilhado através da existencia por cincoenta annos seguidos sem se apagar.

A volta á casa era assim feita em meio da tristeza.

A peste continuou a lavar com intensidade. Lydia morreu; minha mãe, atacada depois, esteve a se partir tambem.

Muitos escravos de estima falleceram. Eu nada tive; mas accendeu-se-me n'alma uma tão intensa saudade do *engenho* que me torturou por annos inteiros.

Quando, aos domingos, meus avós vinham á missa na villa, a minha alegria era sem par. Os encontros com Antonia eram festejados com lagrimas de contentamento.

Mas, as separações, quando tinham de regressar ao *engenho*! Eram o inferno.

Eu, criado fóra até aos cinco annos, era, no principio, como estranho aos meus irmãos mais velhos, que me faziam troças e me maltratavam, muitas vezes, com essa malignidade propria dos meninos. Dahi, um estado d'alma que se me produziu e ainda hoje perdura, digo-o á puridade, quer me acredite, quer não.

Habituei-me cedo a ser paciente, soffredor, ao mesmo tempo desconfiado, suspicaz, talvez, e, ainda por cima, resistente, bellicoso.

Algumas destas qualidades são boas, parece, outras inconvenientes.

Existem em mim, encerram os germens de minhas tendencias de *analysta* e *critico*. Alliadas ás

que tiveram origem no engenho *Moreira*, explicam, em grande parte, toda a minha vida e toda a minha obra.

E eis ahí porque disse, em principio, que era victima das duas maiores epidemias que assolaram o Brasil no seculo XIX.

Não seria, talvez, sem razão affirmar, por outro lado, a existencia de certas predisposições hereditarias: a propensão *analysta* e *critica*, como devida, em grande porção, a meu pai, André Ramos Roméro, portuguez do norte, muito intelligente, e muito satyrico; a *bonhomia*, para não dizer de mim — a *bondade*, a minha mãe, Maria Vasconcellos da Silveira Ramos Roméro, cujo coração é uma herança de meu avô, Luiz Antonio de Vasconcellos, outro portuguez do norte, de quem até hoje só descobri um igual na bondade, nativa, inesgotavel, espontanea, no velho barão de Tautphæus.

Peço-lhe que me perdõe o ter aqui incluído os nomes de meus pais e avós.

Ha disso uma razão: é que meus desaffectedos, por eu me assignar, a principio, Sylvio da Silveira Ramos, para abreviar o nome, e, depois, só Sylvio Roméro, por o encurtar ainda mais, andaram ahí a tecer uns libellos sem graça e sem verdade.

No Rio ha muita gente que conheceu e conhece toda a minha familia. Os senadores Olympio de Campos e Martinho Garcez são do numero.

A nova residencia na villa, onde meu pai era negociante abastado, dos cinco aos doze annos, fortificou em mim as disposições innatas e adquiridas.

O Lagarto, naquelle periodo, era uma terra onde os festejos populares, *reisados*, *cheganças*,

*bailes pastoris, tayêras, bumbas meu boi*: . . . imperavam ao lado das magnificas festividades da igreja.

Saturei-me desse brasileirismo, desse *folk-lore* nortista. Não devo occultar certa acção de dois livros que foram, nos ultimos tempos de escola primaria, a base do ensino do meu derradeiro mestre de primeiras lettras.

Um — o *Epithome da Historia do Brasil*, de J. P. Xavier Pinheiro, por causa da descripção de nossa terra — de Rocha Pitta, que occorre logo nas primeiras paginas: «*O Brasil, vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos . . .*»

Outro, os *Luziadas*, por muitos trechos que me encantavam.

O Brasil da descripção de Pitta ficou sendo o meu Brasil de fantasia e sentimento; a poesia de Camões ainda hoje é uma das mais elevadas manifestações da arte no meu ver e sentir, e, com seu ardente amor da patria, fortaleceu o meu nativismo.

Apezar das innumeradas palmatoadas que apanhei na leitura e analyse dos dous livros, nunca perdi a sympathia por Luiz de Camões e pelo, mais tarde, traductor do Dante.

Da minha aprendizagem de preparatorios no Rio de Janeiro, de 1863 a 67, guardo saudosas reminiscencias de cinco homens que influiram assás no meu pensamento.

Padre Gustavo Gomes dos Santos, professor de latim, pelas muitas cousas que profusamente, com muito gosto e muito saber, communicava, em aula, não só das lettras antigas como das portuguezas e brasileiras.

Foi quem me despertou o *prazer litterario*.

Joaquim Verissimo da Silva, lente de philosophia, pelas exposições da metaphysica allemã, principalmente de Kant, de que se mostrava grande sabedor.

Padre Patricio Moniz, mestre de rhetorica e poetica, pelas excursões que, em conversa, fazia tambem pelos dominios germanicos, de cuja philosophia era muito admirador, combinando a, já se vê, com a escholastica. Estes dous fizeram-me divisar ao longe os *systemas philosophicos*.

Francisco Primo de Souza Aguiar, a cujo cargo estavam as cathedras de historia e geographia, no antigo *Atheneu Fluminense*, onde eu estudava, por suas admiraveis licções em que salientava o papel e o valor historico das gentes germanicas, e pelas muitas scenas da terra allemã que, com intenso prazer e num accento muito communicativo, punha diante dos olhos de seus ouvintes.

Finalmente, o barão de Tautphæus, o idolo da mocidade do tempo, verdadeiro typo lendario, que a todos enchia de respeito, admiração e amor.

Não foi meu lente; mas, por ser a bondade-em pessoa, deu-me a honra de innumeradas palestras nos tempos dos exames em que o procurava.

A philosophia da historia deste sabio-tinha uma raiz *ethnographica* poderosa, que me fez logo impressão e me ficou até ao presente.

Aos dous ultimos, é claro, devo o meu *germanismo* historico, politico, social, diverso do *allemanismo litterario*, pregado em Pernambuco, por Tobias Barreto, de 1870 em diante.

No Recife, onde aportei em janeiro de 1868, e onde permaneci até 1876, levei os dous primeiros annos calado, no estudo das disciplinas que, até aos dias actuaes, me têm preocupado mais.

As influencias alli recebidas não fizeram senão

desenvolver o que em mim já existia, desde os tempos do *engenho*, da villa, da aula primaria e dos preparatorios.

As tres primeiras leituras que fiz no Recife, por um feliz acaso, me serviram para abrir definitivamente o caminho por onde já tinha enveredado, fortalecendo as velhas tendencias.

Foram um estudo de Emilio de Lavelley acerca dos *Niebelungen* e da antiga poesia popular germanica, um ensaio de Pedro Lerroux sobre *Gothe* e um livro de Eugenio Poitou, sob o titulo — *Philosophos Francezes Contemporaneos*.

O primeiro metteu-me nessas encantadas regiões do *folk-lore*, critica religiosa, mythologia, ethnographia, tradições populares, que me têm sempre preocupado.

O segundo nas accidentadas paragens da critica litteraria moderna, que tanto me tem dado que fazer.

O terceiro no mundo aspero e móvedico da philosophia em que me acho nas mesmas condições. Mas tudo isso já vinha de traz.

Ahi ficam as varias scenas do 1.º acto — *As origens* — de minha vida espiritual.

Como, depois, me orientei no meio de tudo isso, per entre as leituras e estudos que tenho feito por quarenta annos ininterruptos, o que aprendi dos mestres, o que tirei de mim proprio, isto é o 2.º acto do drama — *A Formação* — deixo de indicar, porque já me vou tornando seccante. A critica indigena que o procure por si mesma descobrir e refazer, se achar nisso algum interesse.

Deixei para o fim a influencia em mim exercida por Tobias Barrêto, para ter o prazer de destacal-a com mais força.

Não recebi d'elle propriamente idéas, aprendiamos, por assim dizer, em commum.



Delle aproveitou-me intensamente, e nunca fiz disso mysterio, o enthusiasmo de combater, o calor da refrega, o ardor da lucta, o espirito de reacção, a paixão das letras, o amor pela vida do pensamento, pelo espectaculo das idéas.

E assim, penso, meu caro João do Rio, tenho respondido ao seu primeiro quesito.

Ao segundo, pondo de parte uma fingida modestia que nunca tive, e sem perder a cabeça em julgal-os mui grande cousa, declaro que, se se pode assim falar, de meus trabalhos *prefiro todos*, porque cada um d'elles visou um fim e teve função especial. *Me gustan todos*.

Desculpe a rude franqueza de nortista.

O terceiro ponto do questionario se me antolha cousa para ser discutida em estudo aprofundado.

O momentô actual parece-me um momento de simples *parada*, não de decadencia.

O mesmo se deu em começos do seculo XVIII, depois de Gregorio de Mattos e Antonio Vieira, que se pode considerar brasileiro pela acção; o mesmo nos principios do seculo XIX, após o surto da *escola mineira*. E' o que se nota na propria Europa.

Fazendo mais de perto a distincção da *poesia* e da *prosa*, não me parece que esteja esta pujante no momento de agora e a outra decadente.

Apurando bem os *prós* e os *contras*, eu me decidiria antes pela poesia.

Estão ainda vivos e na força da mocidade e vigor do talento seis, pelo menos, dos melhores poetas que o Brasil tem produzido. Fazem ainda verdadeira a sentença de ser o lyrismo a mais fulgurante manifestação da esthesia patria.

A' quarta pergunta respondo sem hesitar: a função litteraria e intellectual de nossas antigas

provincias não é a de *crearem litteraturas á parte*, como, com alguma ironia, se alvitra no Rio de Janeiro, depois que o saudoso Franklin Tavora falou em *litteratura do Norte*.

Não foi no sentido incriminado o seu pensamento, com o chamar a attenção para as tradições, os costumes, as scenas nortistas e com o alludir aos bons talentos daquelle zona.

A satyra é escusada, ainda que parta principalmente de provincianos *acariocados*.

A função das provincias, prefiro lhes chamar assim, do norte, sul, centro e oeste, é a de *produzirem a variedade na unidãde e fornecerem á capital os seus melhores talentos*.

Sempre foi isto desde os tempos de Silva Alvarenga, dos Andradas, Cayrú, Odorico Mendes, até Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Coelho Netto, Raymundo Corrêa, Arthur e Aluisio Azevedo, Luiz Murat, José do Patrocínio, Graça Aranha, Araripe Junior, Affonso Celso, Arinos, João Ribeiro, José Verissimo, Capistrano de Abreu, Fausto Cardoso, Mello Moraes, Teixeira Mendês... e duzentos mais, passando por Gonçalves Dias, Alencar, Porto Alegre, Macedo e as mais vivas figuras do romantismo.

Inutil é lembrar os politicos cujo numero é legião.

Pelo que se refere ao quinto e ultimo quesito, affirmo convicto, posto nunca tivesse sido um homem do officio, que o jornalismo tem sido o animador, o protector, e, ainda mais, o creador da litteratura brasileira ha cerca de um seculo a esta parte.

E' no jornal que têm todos estreado os seus talentos; nelle é que têm todos polido a linguagem, aprendido a arte da palavra escripta; delle

é que muitos têm vivido ou vivem ainda; por elle, o que mais vale, é que todos se têm feito conhecer, e, o que é tudo, podendo ser mais se houvesse um accôrdo e união de forças, é por onde os homens de letras chegam a influir nos destinos deste desgraçado paiz entregue, imbêlle, quasi sempre á furia de politiqueros sem saber, sem talento, sem tino, sem criterio, e, não raro, sem moralidade...

E aqui faz ponto seu admirador.»

Não é preciso fazer o elogio desta carta cheia daquelle espirito que o philosopho chamava de eterno...

JOÃO DO RIO.



## XV

### José do Patrocínio

E' morto José do Patrocínio... Os homens, como elle, dispensam bem essas condolencias banaes, tão do gosto do sentimentalismo patrio, e tão inefficazes á beira do tumulto de um homem illustre.

Seguiremos outro rumo e procuraremos, ainda que rapida, dar uma noção do valor intrinseco do notavel extinto.

José do Patrocínio é duplamente reclamado pela historia: a historia litteraria e a historia politica.

Em ambas elle marca sulco profundo e occupa logar proeminente.

Na historia litteraria, terá de ser visto claro e distincto, pairando alto em quatro capitulos diversos: no que fôr consagrado especialmente aos grandes *prosadores*, os mais perfeitos mestres da *palavra escripta*, porque elle era, pelo colorido e pela vibração inconfundivel de sua phrase, um dos mais genuinos representantes do genero em nossa lingua; no capitulo dos *oradores* será forçoso destacar sua figura, qual a de um dos que mais eminentemente sabiam manejar essa força admiravel e perigosa — a *palavra falada*; entre os *romancis-*

*tas*, porque foi um dos primeiros que mais afoitamente levaram para a novellistica as *questões sociais* entre brasileiros, estudando em *Motta Coqueiro*—um caso singularissimo do modo de julgar em nossas justicas locais; em *Pedro Hespanhol*, um exemplo de *banditismo* existente ainda hoje em todo o Brasil e nos começos do seculo passado existente até na capital da Colonia; em *Os Retirantes*—a pintura terrivel do phenomeno das secas no Ceará e das scenas pungentissimas que ellas determinam; finalmente—, no capitulo dos *jornalistas*—sua presença se imporá.

E' o logar até em que ficará em superior destaque; porque foi a arêna predilecta de suas luctas, foi o laço que prendia o *homem de letras* ao *politico*, e, para tudo dizer de uma só vez, porque elle marcou uma phase nova na jornalistica brasileira.

Até elle, ao lado d'elle e até depois d'elle, os nossos intitulados jornalistas ou faziam os taes chamados *artiguinhos leves* (este *leve* é caracteristico...) ao gosto de F. Octaviano; ou os artigos incolores e desenxabidos na sua pretensão de graça, como... não queremos citar nomes; ou os artigos massudos, cheios de citações e prelecções, como... ainda menos queremos declinar nomes... Em José do Patrocínio o genero tomou outras formas e outra coloração. Phrase quasi sempre rapida, sempre brilhante, colorida, forte, vibrante. Era um pilha electrica a sacudir as teclas dos corações. Nunca entre nós a palavra escripta tinha tomado essa forma do *ferro em brasa*, mas ferro burilado e como que envolto em flores de luz.

Maç o que nessa prosa predominava era alguma cousa que não se pode definir nem pela eloquencia, nem pela poesia.

Eloquencia e poesia, outros tiveram-nas ou têm talvez mais...

Era um tom, um ruído, uma cor, um brilho, uma forma, um tão singular composto que, para logo, se conhecia que se não estava a apreciar a rhetorica de um *virtuose*, e sim palpando as fibras d'alma do escriptor, sentindo as suas dores, vivendo a sua vida, no meio de seu coração torturado.

Fernando Wolf, auctor de uma atrazada e fraquissima historia da litteratura brasileira, — teve a ingenuidade de escrever que os *mestiços não tinham tido acção directa em nossas lettras...*

E' porque elle — nunca leu uma pagina de José do Patrocinio...

Como se havia de arrepender de ter escripto tão desastrada heresia!...

Mas não é só a historia litteraria, tinhamos nós dito, que reclama o formidavel tribuno: a politica tem ainda maiores titulos á sua posse.

Neste ponto baste-nos lançar as seguintes theses: não houve questão debatida nos ultimos trinta annos (1875-1905) na politica que não tivesse sido por elle discutida; sempre teve o singular bom senso de pôr a sua penna, por maior que tivesse sido sua versatilidade, ao lado das causas mais nobres de seu tempo; na campanha do abolicionismo foi a figura principal.

A primeira these é evidente: Patrocinio esteve nesse periodo sempre na imprensa diaria e elle não era homem para deixar de lado os grandes debates.

A segunda torna-se provada, se nos recordarmos que a propaganda da republica, a eleição directa, a verdade eleitoral, a libertação dos escravos, a unidade dos bancos de emissão, a pro-

clamação do novo regimen, o contra-golpe de estado de 23 de Novembro, a lucta contra o florianoismo e o castilhismo desbragado, a pacificação do sul, a guerra contra a olygarchia dos Estados, a revisão constitucional, todas estas nobres causas contaram-no entre os mais fervorosos combatentes.

O que, porem, está na mente de todos é o papel de Patrocínio na porfiada, longa, aspera campanha do abolicionismo.

Sua actividade tornou-se assombrosa, artigos de imprensa, conferencias, *meetings*, pleitos judiciaes, fuga de escravos... tudo foi por elle posto em acção, com uma energia, um denodo que chegava a lembrar as figuras lendarias de antigas eras.

Por essa lucta, mais que todas memoravel em nossos annos, elle entra de plano em o numero dos bemfeitores de nosso povo, em o numero dos chefes espirituaes da nação.

E daqui te damos o ultimo adeus, oh! glorioso filho de tuas proprias obras!

Nascestes do ventre, já hoje abençoado, de uma pobre preta ex-escrava, e chegaste guindado puramente, unicamente pelo propulsor de teu colossal talento, a fulgurar nos degrãos mais altos, não de nossa mesquinha politica partidaria, que tudo te negou até á morte, mas sim de nossa propria alma, da alma de nossa Historia onde ninguem mais do que tu tem o direito de resplandecer eternamente!

Dizem que entre nós não se fazem differenciações pela côr. ...

E' uma mentida illusão.

Não têm coragem de fazel-as claramente como noutras terras; mas fazem-nas caladamente, aos cochichos dos poderosos, e a prova — tens-na — tu no teu proprio destino.



Emquanto os teus companheiros das batalhas da abolição sahiram dellas para os ministerios, as embaixadas, os gordos consulados, as cadeiras das assembléas ou do senado, voltavas tu para o pelourinho da imprensa, a comer o pão amargo da desventura, sob a saraivada dos doestos, que, em côro, não te deixaram nunca, até que golphaste na terra idolatrada de teu amado Brasil o sangue que te dava a vida e que te deu a morte!...

Bemaventurada sejas, sombra querida de todos para quem a terra brasileira é culto.

Abençoado sejas, adoravel — Idealista dentre os mais idealistas...



# Indice

---

I — Poesias completas (por Machado de Assis)...	7
II — O barão de Rio Branco, historiador e diplomata .....	13
III — Os poetas sergipanos.....	21
IV — Origem, elementos, estrutura e evolução da sociedade. — Concepção mechanica e organica .....	45
V — O sr. Arthur Guimarães e seu novo livro ....	49
VI — Versos, versos e mais versos .....	69
VII — Viagem á Europa.....	83
VIII — O problema brasileiro em 1891.. .....	105
IX — Concepção da Philosophia .....	162
X — A classificação das sciencias (por Liberato Bitencourt .....	179
XI — O visconde de Taunay (o homem de letras) ..	187
XII — A escola litteraria do Recife no ultimo quartel do seculo XIX .....	207
XIII — Classification organico-didactique des sciences	213
XIV — O momento litterario — Sylvio Romero.....	217
XV — José do Patrocinio .....	231



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).